

O Futebol e as Expressões da Vida na Amazônia Profunda

Rooney Augusto Vasconcelos Barros



Ficha Catalográfica elaborada por Suely O. Moraes - CRB 11/365

B277f Barros, Rooney Augusto Vasconcelos
O Futebol e as expressões da vida na Amazônia profunda. / Rooney
Augusto Vasconcelos Barros. – Manaus: EDUA, 2017.
116 p.: il.

ISBN 978-85- 7401-XXX-X

1. Esporte - Sociabilidade. 2. Futebol - Lazer. 3. Futebol - Cultura. I. Título.

CDU 796.332 (811.3)

Ficha Catalográfica

Para

*Minha mãe, Conceição Vasconcelos, meu pai Antônio Barros
Que me deram a vida e imprimiram em mim os princípios que norteiam meu
caminhar.*

*Quem não sonha o azul do voo, perde o poder de pássaro.
É sonhar, mas cavalgando o sonho e inventando o chão para o sonho
florescer.*

Thiago de Melo

PREFÁCIO

O tema do futebol em suas manifestações socioculturais discutido por Rooney Augusto Vasconcelos Barros, neste livro, traz significativas contribuições para a compreensão dos estilos de vida em duas comunidades do Amazonas, no Brasil. Trata-se de uma vigorosa pesquisa realizada no âmbito de seus estudos pós-graduados desenvolvidos junto ao Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, voltada para a compreensão do futebol como uma prática social de lazer que articula a cultura, a sociabilidade e o espírito de fraternidade, numa disputa saudável que dá conta do varar da vida entre os moradores das comunidades tradicionais Harmonia e Nossa Senhora de Nazaré, localizadas no Estado do Amazonas.

O autor está preocupado em demonstrar que, embora o futebol tenha assumido historicamente um cariz de masculinidade, não deixa de ser, atualmente, uma prática social protagonizada também por mulheres, que se veem, mobilizadas em sua corporeidade, como sujeito que se cria e recria em sua subjetividade e satisfação humana.

Nesse feixe de discussão Rooney Barros evidencia o futebol como o lugar de manifestações socioculturais, na perspectiva de pertença dos sujeitos homem e mulher, no sentido de solidariedade, cooperação e união, mobilizando a subjetividade dos corpos no protagonismo dos jogos.

A Amazônia e sua gente é o solo cultural sobre o qual Rooney Barros lança seu olhar e deita raízes o seu pensamento. O futebol é uma expressão diacrítica do povo brasileiro, sendo, pois, uma prática social que rearticula a sociabilidade dos povos tradicionais da Amazônia, numa relação ternária com os elementos terra/água/floresta. Na perspectiva de Morin (2000), trata-se de uma relação indivíduo/sociedade/espécie, que entrelaça o mundo da vida num caleidoscópio de pertença com o planeta.

Rooney Barros, neste seu *concreto pensado*, assume uma postura engajada com a Amazônia. Ao cunhar a expressão *futebol varzeano*, o autor notabiliza e

visibiliza os moradores de Harmonia e Nossa Senhora de Nazaré, apresentando-os cientificamente na ode do conhecimento. Isto, porém, não encapsula o autor no regionalismo, mas lança-o ao mundo com um tema globalizado, capaz de canalizar energias de alegria e entretenimento, o que pode evitar problemas de degenerescência do humano.

Neste livro, Rooney Barros alça o voo de gênero, entrando nesta comunidade científica com grande desenvoltura. Capta bem o conceito de gênero enquanto relações capilarizadas na sociedade, como verniz heurístico explicativo da vida em todas as suas dimensões. O propósito do autor se volta para a percepção do entrelaçamento entre a subjetividade dos jogadores e a sociabilidade comunitária, num processo identitário com o futebol.

Sugiro a leitura detida deste opúsculo que se apresenta como leitura fundamental sobre a Amazônia profunda e sua gente.

Águas de março, 2017.

Iraildes Caldas Torres
Antropóloga

Professora Associada da Universidade Federal do Amazonas

INTRODUÇÃO

Urge fazermos e valorizarmos a história local para não continuarmos estrangeiros ao nosso passado, esquecidos de nossas origens e obstinados pela vontade de sermos inovadores pela cópia ou tradução de métodos estrangeiros.

Mary Del Priore

Este estudo se ocupa de uma discussão sobre o futebol e suas práticas sociais enquanto espaço de manifestação sociocultural entre os moradores de duas comunidades tradicionais da Amazônia. Trata-se de uma viagem investigativa circunscrita aos nossos estudos de mestrado junto ao Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura da Amazônia. A nossa inquietação repousou sobre a temática de gênero a qual nasceu da experiência vivenciada no contexto da Amazônia profunda, ambiente onde residimos desde a nossa infância.

Navegar nesta temática significou, para mim, o conhecimento da estrutura desta realidade social, permitindo-me mergulhar na minha própria história. Busca-se analisar esse espaço varzeano entrelaçado ao cotidiano da minha infância, vivenciada na Amazônia profunda (TORRES, 2012), na confluência entre os municípios de Parintins¹ e Barreirinha², no Amazonas. Fazer parte da história deste contexto amazônico significou, em última análise, uma volta ao meu passado. Ou seja, trata-se de um momento de fazer fluir a imaginação, reabilitando lembranças vividas na minha infância, num mundo confortavelmente romântico do ponto de vista de uma criança, mas que já naquele momento interrogava-me sobre a estrutura da sociedade em que vivíamos.

Pesquisar uma temática circunscrita ao lugar onde vivi meus primeiros passos e o contato com a bola de futebol significou, outrossim, embarcar numa viagem às memórias do meu passado, fazendo-me recordar algumas

brincadeiras de infância com meus amigos, meus primeiros dias na escola e as peripécias de um garoto morador de uma comunidade de várzea.

Lembrei-me do pular n'água, mergulhando por baixo das canoas e dos barcos, brincando com amigos nos campos de futebol da comunidade Nossa Senhora de Nazaré, onde nasci. Remava até a escola, pescava, enfim, realizava uma série de atividades socioculturais que poderiam significar uma "biblioteca de experiências" na vida infantil. Para Sarmiento (2006, p. 57)

[...] as culturas da infância exprimem a cultura societal em que se inserem, mas fazem-no de modo distinto das culturas adultas, ao mesmo tempo que veiculam formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo.

Estamos falando de experiências adquiridas desde a infância, frutos de conhecimentos que me possibilitaram uma relativa independência no contexto sociocultural amazônico, em seus aspectos mais profundos que me permitiram o desenvolvimento de algumas habilidades que me levaram a lidar com a natureza de forma mais segura.

Esta experiência me fez perceber que os jogos de futebol atraíam para as comunidades um maior número de pessoas. Trata-se de elementos fundamentais e estratégicos para interação entre os membros da comunidade. Esse contato permitiu-me um retorno aos lugares vividos na minha infância de onde viriam as motivações necessárias ao meu objeto de estudo.

As observações que realizamos nas duas comunidades pesquisadas ganharam dinamicidades no contexto dos torneios de futebol, onde constatamos as relações de sociabilidade presente na vida dos moradores dessas comunidades. É sob esta ótica das relações sociais e de gênero que este livro se assenta, numa discussão do futebol como espaço de sociabilidade de práticas sociais de homens e mulheres.

A pesquisa assumiu o aporte teórico-metodológico das ciências sociais sob o fluxo das abordagens qualitativas sem exclusão dos aspectos quantitativos, envolvendo principalmente um diálogo com Elias e Dunning (1992), Foucault (2001), Bourdieu (1989). DaMatta (1982) acredita que é possível realizar uma leitura do sistema social brasileiro através do futebol, pois nesse esporte, através de dramatizações do mundo social, a sociedade se expressa, apresenta e revela características de sua cultura. Neste estudo fizemos uso de fontes vivas, no âmbito da história oral, momento em que catalogamos relatos dos sujeitos da pesquisa. A oralidade é uma prática de apreensão de narrativas feita

por meio do uso dos meios eletrônicos destinada a recolher testemunhos com o intuito de facilitar o entendimento como alternativa para o estudo das sociedades.

O *lócus* da pesquisa se estabeleceu nas comunidades Harmonia e Nossa Senhora de Nazaré, localizadas no Baixo Amazonas no lugar denominado Repartimento do Limão, que recebe esta denominação em virtude de constituir-se no marco divisório entre os Municípios de Parintins e Barreirinha. O trabalho de campo foi realizado junto a uma amostra de 25 pessoas, sendo 10 homens e 15 mulheres sob a técnica de entrevista semiestruturada. Ouvimos também 04 líderes de time de futebol, sendo 02 homens e 02 mulheres que residem nas comunidades pesquisadas. Entrevistamos, por fim, o Coordenador de Esporte da Secretariaria de Educação (SEDUC-AM) de Parintins e o Secretário de Educação de Barreirinha.

O Brasil é um país geograficamente extenso e de grande diversidade cultural o que nos permite fazer múltiplas leituras sobre os espaços da prática do futebol seja nos grandes clubes ou nos jogos de futebol de várzea onde realizamos nossa investigação. Denominamos, para efeito deste estudo, futebol de várzea às práticas futebolísticas não oficiais, tais como: jogos entre times amadores realizados no território de várzea.

No âmbito da sociologia do esporte o processo social é marcado pelo individualismo, sendo, pois, o futebol transvestido de relações que se desdobram em papéis cuja função social promove a cooperação, união e sociabilidade. As atividades esportivas nessas comunidades se dão como momentos especiais, porque articulam e fortalece as relações sociais com os moradores das comunidades vizinhas. Nos encontros futebolísticos são discutidos problemas do cotidiano, sejam eles econômicos, políticos, sociais e religiosos, enfim, é um momento de celebração e de festa, tendo no esporte o fator de expressão e manifestações socioculturais.

A prática de futebol em cada comunidade se desenvolve e se estabelece, tendo por base o diálogo interdisciplinar que rege os estudos realizados no Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia. Para Geertz, (1989), o futebol é parte da teia de significados que os humanos, em sua dinâmica social, vão construindo constantemente atualizando e revivendo, teia essa que constitui a própria cultura de um povo.

O livro está seccionado em três seções. Na primeira seção discutimos as questões relativas ao futebol como espaço de manifestações socioculturais. Na

segunda seção analisamos a função social do futebol e suas manifestações intersubjetivas. E a última seção traz a análise das relações de gênero com destaque especial para as mulheres na prática de futebol nas duas comunidades pesquisadas.

Não poderíamos deixar de agradecer às pessoas que contribuíram para o êxito deste trabalho. Em primeiro lugar volto o meu olhar de agradecimento à minha orientadora, professora doutora Artemis de Araújo Soares, que conduziu com desvelo este trabalho. Meus agradecimentos se voltam também para a Capes que me concedeu bolsa sem a qual não teria concluído esta pesquisa. Nesta mesma linha, devo agradecer a Propesp/Ufam e a Capes, que garantiram a publicação deste livro. Por fim, devo especial agradecimento aos sujeitos desta pesquisa que me receberam em suas casas para a coleta de dados com disposição e solicitude. À todos os moradores das comunidades Harmonia e Nossa Senhora de Nazaré, objeto deste estudo, recebam o meu sincero agradecimento.

Deve-se reconhecer a relevância social deste estudo para os moradores das comunidades tradicionais da Amazônia profunda, no que tange às práticas sociais do futebol, envolvendo as relações de gênero no processo de corporeidade e ludicidade que entrelaçam o simbólico e a intersubjetividade. Espera-se que este documento-diagnóstico possa contribuir para fundamentar a elaboração de políticas públicas de lazer para os moradores das comunidades estudadas.

CAPÍTULO I: O FUTEBOL COMO ESPAÇO DE MANIFESTAÇÕES SOCIOCULTURAIS

1.1 O futebol no contexto brasileiro

Pode-se definir a cultura como a totalidade das reações e atividades mentais e físicas que caracterizam a conduta dos indivíduos que compõem um grupo social, coletiva e individualmente, em relação ao seu ambiente natural, a outros grupos, a membros do mesmo grupo e de cada indivíduo para consigo mesmo.

Frans Boas

A prática do futebol é uma atividade milenar e na atualidade é um dos principais fenômenos sociais da atualidade do mundo moderno, tendo como exemplo, a Copa do Mundo que vem se constituindo como um dos eventos mais esperados, que ocorre de quatro em quatro anos. A sua trajetória já assumiu as mais variadas formas simbólicas de representatividade sociocultural, tais como: treinamento militar, ritual de oferenda aos deuses, fertilidade e uma diversidade de significados.

A configuração³ do futebol moderno se compreende como um reflexo do sistema econômico vigente do mundo capitalista onde, este homem moderno é compelido pela concorrência e competição, como retrata DaMatta (1994, p. 11), "[...] dando-lhe a higidez necessária à sua sobrevivência num admirável mundo novo, nesse universo governado pelo mercado, pelo individualismo e pela industrialização".

No Brasil, no bojo da "modernização", a trajetória do futebol foi marcada por um componente social muito forte. A história do futebol tece um diálogo com os regimes totalitários e mesmo as democracias e há um grande volume de obras na maioria delas construídas por jornalistas dedicados ao futebol, são obras cruciais para a compreensão do futebol que hoje conhecemos.

Tomamos como proposta conhecer mais nossa sociedade a partir de uma perspectiva sociocultural e nessa linha de raciocínio veremos como o futebol foi se transformando em "paixão nacional" e ao mesmo tempo um meio de compreensão do processo sócio histórico brasileiro.

A produção desta pesquisa surge no contexto da Copa do Mundo no Brasil de 2014. É um evento da plenitude da prática do futebol e um dos meios mais

significativos para a compreensão dos aspectos socioculturais, pois comporta uma imensa gama de aspectos da diversidade cultural compartilhadas, além das influências das instituições políticas e mídias nos mais diversos discursos, bem como, as expressões verbais e não verbais, os aspectos simbólicos enfim, as relações entre torcedores de diferentes países.

O futebol moderno é um dos fenômenos sociais que consegue compactar uma dramaticidade social da totalidade das expressões socioculturais em torno da Copa do Mundo, se dá a concretização das relações sociais de sociabilidade inseridas num processo de "civilização⁴", onde é possível visualizar diferentes pessoas e diversos aspectos linguísticos mas que se compreendem em torno do futebol.

Compreender a contextualização sócio histórica da trajetória do futebol, é muito mais que compreendê-lo como uma prática de lazer, é uma atividade que se caracteriza com uma linguagem expressiva própria na dramaticidade de seu desenvolvimento onde se visualiza lances, jogadas, gols e intrinsecamente manifestações socioculturais. Vejamos a crônica jornalística de Nelson Rodrigues (1993, p. 103):

Certo e brilhante confrade dizia-me ontem que futebol é bola. Não há juízo mais inexato, mais utópico, mais irrealístico. O colega esvazia o futebol como um pneu, e repito: - retira tudo que ele tem de misterioso e de patético. A mais sórdida pelada é de uma complexidade shakesperiana. Às vezes, num corner mal ou bem batido, há um toque de evidantismo sobrenatural. Eu diria ainda ao ilustre confrade o seguinte: - em futebol, o pior cego é o que só vê a bola.

O jornalista Nelson Rodrigues foi um grande simpatizante do esporte e de forma poética revela informações sobre a tessitura do futebol que estava se construindo no Brasil, mas acima de tudo uma fonte de interpretações para a compreensão da sociedade brasileira, uma vez que as formas de manifestações ficavam restritas às classes dominantes em detrimento da cultura popular. Assim, ele encontrou nas crônicas um excelente meio de manifestação para poder transmitir seus saberes.

Neste universo sócio histórico do futebol brasileiro permite nos dizer que entre outros aspectos o futebol desperta os mais profundos sentimentos da sociedade como, alegrias, tristezas, agressividade enfim, um universo de

impulsos emocionais benéficos para si e para os outros, manifestando características psicológicas mais intensas de uma sociedade.

Buscar compreender o processo sócio histórico do futebol brasileiro é uma possibilidade de mergulhar na profundidade da formação e integração social, uma vez que o futebol se transformou desde a segunda metade do século 19 e agora início do século 21 em uma atividade que congrega todos as classes sociais do país. Talvez essa diversidade cultural seja uma das características que diferencia o Brasil dos demais países, neste de ponto de análise sobre o futebol no Brasil Toledo (2000, p. 27) afirma:

O futebol pode ser pensado como um símbolo flutuante justamente porque não produz este consenso, ao menos não na sua totalidade, mas pode ser vislumbrado como um fenômeno cultural no qual todos articulam, com uma boa dose de especulação, cientificismo, ‘magia’ e emoção, suas teorias e doutrinas, e que, literalmente, investem nas suas falas e saberes determinados valores que, aí sim, talvez produzam identidades em alguns níveis.

O autor não compactua com a ideia de que o futebol seja um símbolo nacional, este denomina de símbolo flutuante, mas considera o futebol de grande importância e no aspecto cultural é possível através deste compreender a descrição de ser brasileiro nas suas relações sociais e espaciais e capaz de aglutinar um grande número de pessoas em torno de seu desenvolvimento como atividade desportiva, assim servindo como uma espécie de laboratório natural no entendimento das relações socioculturais.

Fazendo uma análise sócio histórico do universo do futebol no Brasil e parte do no século 19, havia uma espécie de separação ou fronteiras entre elite e setores populares, enquanto as elites praticavam o futebol como um evento social para seus pares ou sujeitos de sua classe social, por outro lado as camadas populares improvisavam e praticavam o futebol na clandestinidade. Dessa forma, nas concepções de Franco Junior (2007, p. 64):

Havia, então, dupla concepção do futebol. De uma parte, estava a perspectiva pedagógica europeia, presente no Brasil pelo menos desde o parecer de Rui Barbosa sobre a Reforma do Ensino Primário em 1882. Harmonia dos músculos, higienização dos corpos, etiqueta, coordenação dos movimentos e controle da violência seriam elementos a contribuir para o fortalecimento moral e solidário dos futuros dirigentes do país. Em 1905, o

escritor Afrânio Peixoto celebrava o futebol porque nele ‘vencer significava disciplina, cooperação, solidariedade eficaz’. Na mesma linha, alguns anos depois o jornal carioca Correio da Manhã creditava importante lição ao futebol, por ele ser ‘na maior parte das vezes a antítese da lógica’ (1/12/1919). De outra parte, estava a realidade nacional de corpos adestrados no trabalho braçal e habituados aos folguedos das danças populares e a toda sorte de improvisações da arte da malandragem, vinculadas a precárias condições de vida. Íntimos dos gestos acrobáticos da temida capoeira ou das ações coletivas do ruidoso movimento operário, os corpos de negros, de imigrantes e da arraia-miúda branca possuíam outros saberes, expressões habilidades que viriam a ser determinantes na sua maneira de jogar futebol.

A prática do futebol em finais do século 19 ganham novos espaços e os estádios começam a ser construídos num processo de modernização versus urbanização, assim o que eram os simples espaços de lazer agora iriam se transformar em grandes monumentos das cidades brasileiras. Afinal, lembrando as palavras de Jacques Le Goff (1990, p. 545), “[...] o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”.

O futebol como prática desportiva foi ganhando forças e paulatinamente se ampliando, quando chegou aos mais diversos segmentos sociais se transformou numa linguagem comum entre as classes socioeconômicas e devido a esta popularidade a administração pública tomou para si o ordenamento como atividade desportiva. Nesse sentido concordamos com Foucault (2001, p. 183-184): “[...] o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu”.

Nesta assertiva, Foucault evidencia o processo disciplinador do corpo a partir das técnicas manipuladas pelos sujeitos que a conduzem para o melhor desempenho da atividade e se constituindo como elemento crucial na constituição do homem moderno. Nesse processo histórico o corpo do negro é um elemento a mais, uma vez que são suas destrezas ou peculiaridades corporais que favorecem o desempenho na prática do futebol e lhe oportunizaram a integração social.

As ações corporais dos sujeitos marginalizados no século XIX são um dos meios de compreensão sociocultural da sociedade, seus aspectos, ou melhor,

suas habilidades lhes permitiram a integração na vida cotidiana, mas agora como partes do corpo social de sua época, essa participação vai se construindo paulatinamente, ou seja, a longo prazo na constituição e formação social.

Os espaços de futebol foram ganhando institucionalização e normatizações que norteiam as práticas sociais de lazer dos indivíduos, é uma espécie de moldura ou vigilância que se constituem nos espaços de relações e significações nos mais diversos lugares do país. Nos espaços desta pesquisa a prática do jogo de bola se desenvolve no tempo livre dos moradores da comunidade, não há uma norma obrigatória pra que seus torcedores e espectadores participem, mas existe um sentimento não obrigatório em compartilhar problemas e emoções cotidianas da comunidade.

Segundo Bourdieu (1989), o sentido de funcionamento de espaço social é compreensível desde que se perceba as relações entre os sujeitos sociais que ocupam esses espaços, nesse entendimento o papel das ciências sociais é o ponto chave para se perceber os múltiplos aspectos, sejam socioculturais ou simbólicos. Bourdieu (1989, p. 82), conceitua como: “[...] a ciência social deve englobar na teoria do mundo social uma teoria do efeito da teoria, que ao contribuir para impor uma maneira mais ou menos autorizada de ver o mundo social contribui para fazer a realidade desse mundo [...]”.

Ressalta-se que quando uma atividade chega em algum lugar, esta já é fruto de toda uma construção histórica e devido a dinâmica sociocultural, as populações que a recebem acabam incorporando novas facetas, pois toda atividade tem seus problemas e em cada lugar se articulam formas de resolvê-los. Um exemplo dessa concepção é reiterado por Bourdieu (1989, p. 37):

Para se não ser objeto dos problemas que se tomam para objecto, é preciso fazer a história social da *emergência* desses problemas, da sua constituição progressiva, quer dizer, do trabalho coletivo – frequentemente realizado na concorrência e na luta – o qual foi necessário para dar a conhecer e fazer reconhecer estes problemas como *problemas legítimos*, confessáveis, publicáveis, públicos, oficiais [...].

Transitar dialogando nos espaços do futebol é um exercício prazeroso, mas muitas vezes angustiantes, quando se compreende as lutas travadas sobre os problemas no cotidiano dessas populações.

Os espaços de futebol em áreas de várzeas, apresentam uma vitrine em céu aberto, muito mais que o futebol, se vê pessoas com conhecimentos sendo

socializados e um laboratório aos olhos do pesquisador. Se buscarmos uma compreensão historiográfica dos espaços e a trajetória da modalidade esportiva na comunidade, as possibilidades de reflexão apresentam um leque de possibilidades interpretativas em torno de si.

O contexto no qual o futebol surge no Brasil, se dá a partir do processo de modernização e urbanização do eixo Rio de Janeiro e São Paulo, os projetos desse processo promovem o encontro de diversas culturas e conseqüentemente o aumento da imigração em função das mudanças de mão de obra que deixava de ser escrava.

A história da origem do futebol no Brasil segundo Franco Júnior (2007, p. 61), "[...] coincide com uma tradição autoritária brasileira de privilegiar o protagonismo das elites em detrimento dos demais grupos sociais".

O futebol ficava restrito aos colégios e aos grupos ou associações da elite inglesa. A sua origem se atribuía aos selecionados por critérios de cor e classe, eram formas excludentes da sociedade de meados do século XIX, possivelmente por esses critérios as camadas populares praticavam o futebol na clandestinidade. Na obra do cronista Mario Filho⁵ (2003, p. 126), ele relata:

Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de competir, em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto para ver quem jogava melhor. Era uma verdadeira revolução que se operava no futebol brasileiro.

As estruturas sociais e econômicas se configuram nestes relatos como objeto de seleção criteriosa onde o preconceito racial e social eram notórios, mas o futebol vem ser um dos elementos que vai abrir caminhos e discussões sociais que se formavam nos espaços brasileiros. Constituindo em torno do futebol novos consumidores e estilos de vida desta prática e classificação de agrupamentos sociais. Como bem caracteriza Bourdieu (1983, p. 127):

[...] é preciso que haja bens classificados, de 'bom' ou 'mau' gosto, 'distintos' ou 'vulgares', classificados e ao mesmo tempo classificantes, hierarquizados e hierarquizantes, e que haja pessoas dotadas de princípios de classificações, de gostos, que lhes permitam perceber entre estes bens aqueles que lhes convém, aqueles que são 'do seu gosto'.

Neste ponto de compreensão da história do futebol, é um fato admitido por vários pensadores, quanto à disseminação por parte das elites que chegavam ao Brasil e que organizavam as partidas de futebol.

As elites europeias fundamentaram as regras do futebol e instituíram como aspectos estruturais e ideológicos que ainda figuram em nosso futebol. Aos poucos o futebol elitista e as classes populares começaram em torno de si diálogos, considerando que as classes populares estavam dando um novo formato à prática do futebol, embora houvesse grande resistência por parte das elites, mas seriam as classes populares que dariam um novo horizonte ao futebol brasileiro.

As classes populares compostas pelos operários que se reuniam em torno das fábricas, em terrenos baldios e nas várzeas dos rios, aprenderam a driblar vários problemas vivenciados no cotidiano, desde a criatividade de fazer uma bola de pano ou papel há terrenos cheios de buracos que improvisavam o jogo de bola como prática do lazer. Mesmo sobre esse estado de precariedade, o futebol se tornou uma expressão das manifestações da população brasileira e na atualidade muito mais que um espaço cênico é um espaço de compreensão sociocultural.

A história do futebol no Brasil é também a história da luta de classes, do preconceito e integração do negro na sociedade de classes, enfim da formação do povo brasileiro, estes fatores foram cruciais para a construção de objetos de pesquisas como problemáticas que levaria os intelectuais da época refletir sobre a sociedade que se construía no Brasil.

O sociólogo Freyre (1945), foi um dos mais eminentes pensadores no contexto dos acontecimentos, este se propôs a analisar, como se dava a formação cultural do país onde a presença negra é seu objeto de pesquisa, na clássica obra, "*Casa grande senzala*", este faz um estudo sociológico a partir da cultura dos negros africanos no Brasil, em suas análises esta a arte de jogar bola do brasileiro comparado aos ingleses.

Conforme os comentários de Freyre (1945, p. 421-422):

O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia e ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os

nossos floreios com a bola, [...] alguma coisa de dança e capoeiragem que marcam o estilo brasileiro de jogar futebol [...].

Entende-se que há um período relativamente longo na história do Brasil que já se comentava o futebol associado às características artísticas de povo. Assim, o jeito de jogar bola foi se constituindo como uma das maiores manifestações das aptidões do jeito e expressão de ser brasileiro. É uma forma de ver os brasileiros na sua individualidade e como sujeito coletivo, bem como os preconceitos sociais.

Neste ponto de raciocínio, essas aptidões permitiram concomitantemente ao brasileiro obter no futebol um meio de ascensão social, tendo em vista o desempenho dessas peculiaridades corporais de alguns indivíduos, que conseguiram inserir suas habilidades corporais na prática do futebol moderno.

As classes populares se apresentavam em um lugar que podemos denominá-lo de "palco de futebol de várzea", uma vez que não havia uma preocupação profissional mas, frente à precariedade do contexto social vivido, precisavam mostrar suas habilidades para ganhar alguma visibilidade, daí a importância que estes davam àquele momento onde sua apresentação poderia custar possibilidades de inserção social.

São desses encontros que começam a se desenvolver o futebol no Brasil e entre as classes sociais, fossem eles não afortunados mas com aptidão para jogar bola aos poucos vão fazendo parte na composição dos times das elites. Hobsbawn (1997, p. 297) afirma: "[...] uma 'cultura futebolística' original - um conjunto específico de procedimentos sobre uma nova base social".

O desenvolvimento da prática de futebol de campo foi se construindo no Brasil, a partir da constituição do processo urbano das cidades versus formação e integração das classes sociais num intercâmbio com as sociedades europeias. Foi no decorrer desse processo que houve a constituição sócio-histórica das bases de formação do estado brasileiro. Partindo destes pressupostos epistemológicos sobre a historiografia do futebol, Toledo (2000, p. 9) discorre que:

[...] disseminado no Brasil em fins do século XIX pelos filhos das elites – que tomaram contato com as manifestações esportivas nas escolas europeias, onde geralmente eram educados – o futebol espalhou-se também entre as camadas populares. Estas rapidamente adestraram-se nos seus fundamentos

técnicos, na interpretação das suas regras e na percepção dos seus sentidos mais lúdicos, conferindo-lhes significados e dinâmicas sociais originais – muitas vezes divergentes dos desígnios supostamente civilizatórios que se emprestavam a ética esportiva propalada pelos indivíduos das camadas sociais mais abastadas.

Nesse sentido de compreensão podemos inferir que os filhos da elite que aqui se encontravam, eram financiadores da prática do futebol, essa mesma elite que se implantara no Brasil no processo de industrialização do país. Daí a lógica ou estreita relação entre as atividades econômicas e sociais para a compreensão desse complexo processo de formação de uma "cultura do futebol".

Vai desencadear um longo processo de luta de classes e preconceito no país, até o momento em que a arte de jogar bola do brasileiro lhes proporcionará visibilidade, integração sociocultural, direito à cidadania e acesso aos meios educacionais, dessa forma, Toledo (2000, p. 10), afirma, "[...] emprestava-se ao jogo um significado pretensamente educativo".

Há uma espécie de "simulação de vencidos" quando os operários em especial, os negros e mestiços em retaliação às diversas formas de violências sofridas, embora libertos juridicamente, sofriam fortes preconceitos, então incorporam ao futebol elementos de sua cultura e entre eles as práticas corporais como, os passes cheios de floreios, gingas dançantes e como bem escreve Certeau (2001, p. 41), "[...] as maneiras de fazer constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural".

As classes abastadas tentaram proibir as práticas de futebol às classes populares mas o que houve foi a popularização dessa prática, seguindo as estruturas do futebol europeu, essa manifestação se transformou numa expressão sociocultural do estado nacional brasileiro. Assim o pensamento elitista transformou Charles Miller⁶ no fundador do futebol no Brasil.

A prática do futebol surge nesse contexto onde são privilegiados os pensamentos da cultura material elitista, era uma atividade tida como "cultura", mas concomitantemente ganha espaços e "[...] para externar-se, falar, apresentar-se e revelar-se, um determinado ângulo de onde a população conta uma história de si mesma para si própria." (DAMATTA, 1982, p. 21).

O futebol brasileiro é um fenômeno aglutinador no entendimento do processo sociocultural do país, é tido como um objeto fundamental no

contexto educacional, que visa primar pela construção de uma sociedade que vislumbre um cenário social mais justo e cidadã.

Segundo Soares (2011, p. 14), "Associar tais vivências à cidadania passa a ser um discurso poderoso e muitas vezes, não só carregado de ideologia como também desprovido de respaldo acadêmico-científico.", uma vez que conhecer e compreender todo o processo sócio-histórico do futebol pode corroborar para minimizar conflitos futuros e na promoção de lazer. Soares (2011, p. 14) acrescenta ainda que:

Não parece equivocado supor que ao longo das duas últimas décadas vem-se observando no Brasil a defesa de que as vivências em esporte e lazer são necessidades humanas tanto quanto direitos do cidadão, o que vem proporcionando importantes avanços às mesmas.

A questão do esporte lazer como aspecto importante no cotidiano e como necessidade na formação educacional dos indivíduos. É, sobretudo, um meio de oportunizar a inserção social como fenômeno que pode quebrar barreiras na prática de ensino aprendizagem.

As possibilidades metodológicas instrumentalizadas na prática da educação física em torno do futebol emergem constantemente e ganha status de necessidade pedagógica, ou seja, o futebol além de ser uma atividade lúdica, promove a socialização, o desenvolvimento de habilidades e a flexibilidade do conhecimento.

A própria carreira do atleta precisa de novas perspectivas educacionais, uma vez que o futebol de campo é um esporte coletivo fenômeno das massas, mas podemos dizer que na maioria dos casos os jogadores iniciavam suas carreiras como "aventureiros" que em alguns casos acabam dando certo, ou seja, não são frutos de uma construção política e pedagógica sistematizada da prática desportiva e de lazer.

No estado do Amazonas, o futebol surge na cidade de Manaus a partir das manifestações dos aspectos simbólicos e socioculturais das cidades europeias e para os membros da elite, ou seja, os imigrantes que aqui desenvolviam suas atividades econômicas também se mantinham conectados à moda de seus países e o futebol representava esse veículo de comunicação.

As elites europeias no seu processo de ocupação da América latina, vão ter uma forte influência sociocultural na população brasileira, tendo em vista o

processo de modernização à moda europeia que aqui se operava. Segundo Daou (2000, p. 86) em "*A Belle Époque Amazônica*", reitera que:

Estão associadas à ideia de uma minoria que se destaca em relação ao conjunto da sociedade não apenas nas situações pautadas na hierarquia e na ordem, como naquelas pautadas no individualismo e na igualdade. Em diferentes contextos, têm sua ação remetida à interesses econômicos, ao monopólio do poder e às orientações culturais da vida de um grupo. Isso se traduz em seu papel de orientadoras da maioria, de promotora de identidade, de portadoras de interesses dos grupos que nelas se fazem representar ou, ainda, de protetoras da coletividade face ao inimigo externo.

Este processo de hierarquização social e urbanização nos espaços amazônicos do final do século XIX e início do século XXI, provocam mudanças significativas no imaginário social a partir das concepções da civilização cristã e ocidental. Era uma espécie de vigilância social, ditadas pelas estruturas administrativas do continente europeu que visavam econômica e ideologicamente construir uma sociedade dita moderna, onde os valores europeus definiam o perfil da estrutura sociocultural a serem vividas neste país. Era a ideia de progresso que operava como necessidade de expansão das elites burguesas europeias.

Era uma configuração social que se apresentava a qual DaMatta (1981, p. 142) denomina: "[...] esqueleto hierarquizante de nossa sociedade". Assim, as bases de organização social são sistematizadas no solo brasileiro, mas como a cultura é dinâmica, ou seja, nunca é neutra, como bem conceitua DaMatta (1981, p. 169):

É como se tivéssemos duas bases através das quais pensássemos o nosso sistema. No caso das leis gerais e da repressão, seguimos sempre o código burocrático ou a vertente impessoal e universalizante, igualitária, do sistema. Mas no caso das situações concretas, daquelas que a 'vida' nos apresenta, seguimos sempre o código das relações e da moralidade pessoal, tomando a vertente do 'jeitinho', da 'malandragem' e da solidariedade como eixo de ação. Na primeira escolha, nossa unidade é o indivíduo; na segunda, a pessoa. A pessoa merece solidariedade e um tratamento diferencial. O indivíduo, ao contrário, é o sujeito da lei, foco abstrato para quem as regras e a repressão foram feitos.

Novas configurações de sociabilidades foram se construindo na sociedade brasileira partir do ideário de "civilização dita moderna", seja na expansão urbanística numa estrutura aos moldes da *belle époque* e nas atividades de cultura e lazer.

Para DaMatta (1982, p. 69), “[...] é como se o domínio do ritual fosse uma região privilegiada para se penetrar no coração cultural de uma sociedade, na sua ideologia dominante e no seu sistema de valores [...]”, assim a atividade esportiva vai ganhando novos arranjos e referências nos permitindo formular propostas renovadoras de intervenção na vida social.

Hoje, é um fato constatado que a maioria dos brasileiros gosta de futebol, mas a história do futebol é também uma forma de compreensão da formação sociocultural do povo brasileiro. Nessa ótica, segundo DaMatta (2006, p. 47):

[...] é a prova de que [podemos] canibalizar tudo [...] se o Oswald de Andrade, autor da ideia modernista da canibalização cultural, tivesse entrado um dia no estádio [de futebol], teria imediatamente verificado que estava diante da concretização, de uma expressão perfeita, de tudo aquilo que ele estava falando [...] Um liquidificador verde e amarelo poderosíssimo pegou todo esse negócio de fora e botou tudo aqui no Brasil.

Há muitos discursos de concepções românticas enaltecidos pelas metáforas que tentam minimizar os problemas sociais vividos no interior das relações socioculturais, como a ideia de que podemos tratá-la como algo que colocamos num aparelho e subtrair as impurezas sociais, há novas formas de poder em torno do futebol, na disciplinarização do corpo e obediência às regras e esquemas táticos, ou seja, são novas formas de existir no mundo moderno.

Nas concepções de Bosi (2001, p. 16), “[...] a cultura é o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social”. Neste contexto a cultura é algo dinâmico e nos projetos ou eventos de futebol pressupõe a interação e articulação de certas variáveis culturais e consensuais.

Através do futebol podemos ter uma compreensão dos poderes simbólicos da estrutura vigente dos meios de produção. A força da ideologia se apropria de meios de sociabilidades e entre eles o futebol que serve aos seus interesses

de reprodução social, assim o melhor exemplo desse fenômeno pode ser melhor compreendido na Copa do Mundo onde os sujeitos das estruturas sociais colocam em xeque o seu poder ao buscar a afirmação ou reconhecimento da sociedade mundial.

Na concepção de poder, a Copa do Mundo pode ser entendido como um dos espaços de consumo dos bens culturais compartilhados entre as nações. Os sujeitos sociais protagonizam seus aspectos socioculturais simbolicamente representados nos estádios que serve de palco das dramatizações regionais, nacionais e internacionais.

Na hierarquia de poder e manutenção administrativa do futebol está a Federação Internacional de Futebol (FIFA), o órgão institucional e internacional que possibilita o entendimento entre as nações do mundo do futebol. No Brasil a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) é o órgão responsável pelas tramitações com a FIFA. Sobre o aspecto do gerenciamento do esporte, Bourdieu (1983, p. 137) afirma que:

[...] a constituição do sistema de instituições e de agentes diretamente ou indiretamente ligados à existência de práticas e de consumos esportivos, desde os agrupamentos 'esportivos' públicos ou privados, que têm como função assegurar a representação e a defesa dos interesses dos praticantes de um esporte determinado e, ao mesmo tempo, elaborar e aplicar as normas que regem estas práticas [...].

No aspecto multicultural a Copa do Mundo representa este "mosaico de culturas", e as instituições hierárquicas como a FIFA e a CBF garantem a ordem de possíveis conflitos entre as nações, onde a tolerância, solidariedade e cidadania, parecem fazer efeito como discursos ideológicos do modelo de sociedade contemporânea. Os valores socioculturais parecem ser universais frente às regras do futebol.

Cada país tem suas leis próprias, suas concepções políticas e religiosas, mas quando se trata de Copa do Mundo, há uma espécie de generalidade das leis e os estádios servem como espaço de aplicabilidade das leis em formas de manifestações. Por exemplo, o respeito a si e ao outro parece servir como regra universal que permitem um diálogo social ao "caldeirão cultural" existente, representados nos símbolos, cores, expressões corporais e comportamentos diversos das nações dos diversos continentes.

No ano de 2014 ocorreu a vigésima Copa do mundo e o Brasil foi o país sede, assim os olhos do mundo através das lentes das câmeras se voltaram para os espaços brasileiros onde ocorreram as partidas dos clubes. A copa do Mundo é um evento que ocorre a cada quatro anos e consegue mobilizar muitos países em torno dessa prática. No Brasil mobilizou 12 cidades sedes do mundial e conseqüentemente os setores: políticos, econômicos e socioculturais dos espaços brasileiros.

O Brasil é o país que mais alcançou títulos mundiais, foi campeão das copas de 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002, já sediou em 1950 uma copa em que o país campeão foi o Uruguai, é o único país que já participou de todas as copas, assim o Brasil carrega em seu currículo mais títulos que outros países, liderando o ranking dos países campeões da copa, mas que coube a Alemanha levar o título de país campeão da Copa do Mundo em 2014.

A copa do mundo foi um evento que proporcionou outros países conhecer manifestações socioculturais e poucas gerações tem essa oportunidade de participar de uma copa em seu país. Ressalta-se que nesta copa no Brasil vários fenômenos a serem pensados, tais como: a mídia e suas formas de entretenimento e transmissão de notícias, a construção dos estádios que tem uma história própria, de ações e reações populares que ganham as ruas das cidades devido aos gastos com as obras para a copa.

A copa do mundo no Brasil nos trouxe expectativas simbólicas de reafirmação do denominado "futebol arte", característico do jeito brasileiro de jogar. A copa deixou o legado dos estádios de futebol e uma melhoria na infraestrutura das cidades que receberam as seleções. A cidade de Manaus ganhou um dos palcos da copa a denominada "Arena da Amazônia".

O futebol no Amazonas⁷ ainda não se enquadra no ranking entre os grandes centros do futebol brasileiro. As perspectivas de melhoria bons especialistas no assunto são muitas, talvez este seja um legado da Copa do mundo nos espaços amazônicos.

Em termos de torcida, os clubes manauaras têm menos torcedores que os clubes do sudeste do país, o Flamengo⁸ (IBOPE, s.d.), figura como uma das maiores torcidas do país e mesmo em Manaus é maior que a torcida dos clubes locais, mas estes fatores são resultantes de um processo sócio histórico do futebol *versus* as desigualdades regionais existentes no estado brasileiro.

Compreender, portanto o futebol no contexto brasileiro é preciso caracterizar três dimensões, tais como: lazer, como aspecto intrínseco da cultura nacional e o futebol arte como sinônimo de brasilidade. Estes fatores

se reforçam e servem como justificativa da tramitação da copa do mundo no Brasil, uma vez que esta vem legitimar os discursos já mencionados, a própria mídia mundial reforça estas características ao compartilharem essa informação para identificação das peculiaridades brasileiras.

1.2 O futebol no contexto das comunidades estudadas

Tendo em vista a geografia do Baixo Amazonas caracterizada pelas áreas de várzeas e terra firme, aqui nos direcionamos a várzea nas questões das manifestações socioculturais como são percebidas e compreendidas nesses espaços de sociabilidades. É, neste universo que nos propomos compreender as formas de pensar, interpretar, representar e ressignificar os aspectos socioculturais no contexto das comunidades estudadas. O aspecto geomorfológico como aspecto do ecossistema biológico tem ampla evidência na construção dos saberes e imerso nas linguagens e suas formas de interpretar sua realidade.

Figura 1 - Comunidade "Nossa Senhora de Nazaré" no Repartimento do Limão



Fonte: Pesquisa de Campo, o autor (2013).

Na Figura 1, visualiza-se Comunidade "Nossa Senhora de Nazaré" (católica), no Repartimento do Limão, este lugar está situado na divisão

geográfica dos Municípios de Parintins e Barreirinha. É constituída: ao lado esquerdo da igreja a Escola Municipal "Nossa Senhora de Nazaré", ao lado direito o barracão de festas e de reuniões, em frente ao bar utilizado em épocas de festas da padroeira e na parte de traz da igreja uma pequena casa que serve para colocar o gerador de luz movido a diesel ou gasolina.

As áreas de várzeas do Baixo Amazonas apresentam uma rica diversidade biológica, é um ecossistema composto pela formação de vegetais que resistem às inundações periódicas e possibilitam a renovação das pastagens naturais, mas dependendo da proporção das enchentes e vazantes, muitas vezes as pastagens são solapadas pelas correntezas ou secas e certamente prejudicando o ecossistema natural e o modo de vida dos habitantes dessas localidades.

Figura 2 - Comunidade "Harmonia" (Adventista do 7º dia



Fonte: Pesquisa de Campo, o autor (2013).

Em nossos registros identificamos dois campos de futebol, um ao lado na comunidade católica e outro nas proximidades da igreja evangélica "Harmonia" (Adventista do 7º dia), esta última vista na Figura 2, onde os sujeitos desta religião se reúnem aos sábados em oração.

Na hora dos jogos participam jogadores e espectadores das duas comunidades, uma vez que os presidentes dos dois times fizeram um acordo, onde um domingo jogam no campo pertencente à religião católica e no outro domingo no campo da religião Adventista do 7º dia, considerando que com esse acordo as duas comunidades puderam ter nas partidas de futebol o maior número de participantes, seja como jogadores e espectadores e assim ganhar mais dinamicidade.

As duas comunidades se situam em áreas de várzea, são espaços onde os sujeitos sociais participam da trama do futebol na constituição sociocultural. Esses espaços tem um tempo que os campos de futebol cedem à vida aquática e etnografando os espaços do jogo de bola, Matos (2008, p. 234) afirma:

[...] O rio vai secando, os campos submersos, que num certo momento eram apenas transitáveis por embarcações (canoas, cascos, rabetas) ou frequentados por pescadores e serviam de abrigo aos seres de vida aquática (peixes, répteis, aves, insetos etc.) começam a aparecer e com eles as gramíneas apetitosas dão alimentos aos animais domésticos entre eles bovinos, ovinos, caprinos. A vazante do rio continua e os humanos, que num determinado período utilizaram a área para obtenção de comida, fazem dela uma referência para se divertirem [...].

É o ciclo das várzeas pertinentes no cotidiano das populações desses espaços, onde o ritmo das enchentes e das vazantes se configuram como fenômeno natural e os moradores aprendem a conviver com esses ciclos.

Os planos dos jogos de bola, das plantações ou criações de gado, são traçados tendo em vista os períodos de enchentes e vazantes, somados a estes fatores a experiência é o melhor dos aliados.

Quando as terras voltam a surgir os campos de futebol precisam de reparos porque devido a enchente, toras de madeira, árvores completas levadas pela correnteza ficam no meio do campo, a correnteza também produz muitos buracos, que no dizer dos moradores são as "baixadas", durante uma partida de futebol chega ser hilário ver um atleta ao descer a baixada com a bola e quase desaparecer, bem como driblar o adversário e as fezes, pois a boiada que muitas vezes procura um espaço mais limpo pra dormir lá ficam as fezes, são ingredientes a mais para a diversão dos espectadores. Para Matos (2008, p. 235):

Os espaços físicos onde se realizam os jogos são delimitados como uma exigência da regra do esporte praticado, esse é um fato, mas, independentemente da regra, a natureza vai demarcar a área de jogo que não pode ser na capoeira (vegetação secundária), e muito menos no rio, mas sim, no campo de futebol, espaço construído pela união de força motriz – puxirum – provinda dos braços dos humanos. Tanto para limpar ou para construir ou preparar um novo campo, é a ajuda mútua que contribui na realização de tais metas.

É um modo de vida desafiador, tendo em vista que esses moradores estão sempre na dependência do ciclo anual da natureza das várzeas. Pedro Vasconcelos (morador da comunidade a mais de 80 anos), compreende bem este processo, é um dos moradores que passa a época das enchentes na própria área de várzea, ou seja, não vai para a terra firme como é o caso da maioria dos moradores dessas áreas, este vive os desafios impostos durante as enchentes e mesmo as grandes vazantes. Segundo Pedro Vasconcelos (2013):

Na várzea temos fartura e na terra firme muitas vezes fica difícil, antigamente não mas, agora a alimentação na terra firme está mais difícil [...] aqueles que são mais experientes na pesca não passam fome na terra firme mas, para os mais novos a coisa fica complicada [...] aqui na várzea qualquer curumim pesca porque é fácil, tem fartura de tudo quanto é peixe, é só ir ali para a beirada do rio jogar o anzol com uma isca e com meia hora já pegou o almoço e, até com o terçado é possível pescar não é preciso nem malhadeira, basta pegar a lanterna ou a poronga e sair ai pelas beradas à noite e pronto mas, na terra firme não é pra nem muito velho e nem muito novo, aquele que não for preguiçoso passa é bem [...] (informação verbal).⁹

Nas palavras de Pedro Vasconcelos (2013), fica evidenciado que o peixe é alimento principal no cotidiano do meio rural, há uma diversidade desses peixes nas áreas de várzeas. Em função das enchentes, os peixes se tornam mais difíceis de serem capturados, enquanto nas áreas de terra firme a escassez de peixes já se constitui um dos problemas vivenciados por essas comunidades.

No que tange à agricultura, após as enchentes nas várzeas, as terras surgem e apresentam o solo fértil em razão da sedimentação causada pela enchente e vazante periódica, assim as possibilidades de plantio nesse solo revigorado

são maiores e permitem a agricultura pelos moradores dessas localidades. Segundo Conceição Vasconcelos:

As plantações ocorrem assim que as terras começam a surgir depois das enchentes, preparam-se as áreas com cercas, porque agora a maioria dos moradores são criadores de: gado, porcos, carneiros e cavalos mas, as plantações são poucas [...] alguns somente plantam melancia, milho e jerimuns [...] depois que surgiram as facilidades de transporte devido a troca da canoa com o remo pelo motor rabeta, as pessoas perceberam que era só colocar um isopor com gelo na canoa, pescar e levar o peixe para cidade e vender então, deixaram de plantar a juta, a malva, os grandes milharais e melanciais desapareceram [...] as facilidades do transporte trouxeram essas mudanças em nosso meio (informação verbal).¹⁰

A entrevistada desta pesquisa Conceição Vasconcelos (2013), fala dos tempos de fartura dos peixes e da agricultura, mas devido as ações antrópicas ao longo do tempo nessas áreas tais como: as derrubadas de árvores, extração de madeiras, pesca predatória e a pecuária extensiva, foram fatores cruciais para a ocorrência de grandes alterações no ecossistema natural e assim, prejudicando a qualidade de vida das populações no meio rural.

As famílias faziam os puxiruns e faziam suas roças para as plantações periódicas, produziam e consumiam seus alimentos adquiridos nos seus próprios terrenos de várzea e assim, os laços de sociabilidades permaneciam mais fortes, todos os membros da família e da comunidade trabalhavam em torno de uma mesma atividade, como lembra a entrevistada Conceição Vasconcelos (2013):

O meu pai, Américo Tavares de Vasconcelos junto com meu irmão Alício Vasconcelos eram grandes pescadores do peixe pirarucu que tinha em fartura naquela época [...] o meu irmão mais novo além do pirarucu também era um grande caçador de capivaras, este conseguiu viver com sua família da pesca e caça no passado [...] minha mãe Augusta Vasconcelos, juntas às minhas irmãs e irmãos plantávamos juta, milho e melancias, mas hoje isso tudo acabou, alguns moradores plantam pequenos melancias e alguns balcões de hortaliças [...] (informação verbal).¹¹

Nestes relatos ao falar da pesca e fartura do peixe pirarucu, ao mesmo tempo que esse peixe existia em grandes quantidades a arte de sua captura é um fenômeno de aprendizagem desses sujeitos, da mesma forma a arte da caça que em conversas informais e observações constata-se que estes moradores faziam utensílios para a captura das capivaras, como, por exemplo uma espécie de apito, feito com tampinhas de garrafas, essas tampinhas eram dobradas ao meio e faziam um pequeno furo, assim as capivaras se confundiam com o chamado pensando ser um de seus bandos e assim eram capturadas com um tiro de espingarda.

As famílias plantam e criam animais domésticos nesse curto que ocorrem nesses ambientes das várzeas, mesmo em pequenos períodos mas conseguem conviver de acordo com os ritmos das cheias e das vazantes no cotidiano de suas experiências. Loureiro (2000, p. 61), "[...] a cultura pode ser considerada como um feixe de representações, de símbolos, de imaginário, de atitudes e referências suscetível de irrigar, de modo bastante desigual, mas globalmente, o corpo social".

Compreendemos que no contexto da área de pesquisa, os grupos humanos que vivem nesse ambiente das águas barrentas, compreendem a geomorfologia de várzea e assim se adaptam às condições da dinâmica geográfica, seguindo os ritmos sazonais de várzea e terra firme de acordo com as suas estratégias de sobrevivência se estabelecem e constroem seu modo de vida, como afirma Jacira Vasconcelos (2013):

Todos os anos é um recomeço, temos que arrumar nossas casas devido às grandes enchentes e as fortes correntezas que muitas vezes acabam afetando os esteios e as casas são tombadas [...] temos problemas com a moradia, mas também com a água, quando a vazante é grande os rios ficam com pouca água e o barro toma conta, tomamos dessa água barrenta é o jeito, às vezes adoecemos mas vamos levando, fazemos nossos remédios caseiros, só procuramos ir procurar tratamento na cidade quando fica muito sério ai é o jeito ir [...] mas a vida segue e por aqui também passeamos acompanhando nossos filhos e marido nos jogos de futebol (informação verbal).¹²

Diante destes relatos, compreendemos as dificuldades enfrentadas, primeiramente pelo lado psicológico onde os moradores veem suas casas serem afetadas pelas enchentes, suas plantações de: balcões de tomates, cheiro verde, alfaces, pimenta, sendo levadas pelas correntezas.

Evidencia-se o aprendizado de sobrevivência, inclusive com a questão de saúde, a cura dos remédios caseiros, estes suprem as necessidades básicas de saúde, frutos de conhecimentos adquiridos através das várias gerações.

Os moradores sabendo desses fenômenos como algo natural, projetam suas atividades de acordo com as possibilidades sazonais, mas nos últimos anos as enchentes e vazantes, apresentam um desequilíbrio e os seus planejamentos ficam comprometidos. Jacira Vasconcelos (2013), relata ainda, "[...] a vida segue e por aqui passeamos acompanhando nossos filhos e marido nos jogos de futebol." (informação verbal)¹³. É um exercício de cidadania e qualidade de vida característicos no contexto das comunidades, que desfrutam momento de lazer com a família.

Figura 3 - Crianças jogando futebol ao lado da comunidade



Fonte: Pesquisa de Campo, o autor (2013).

Na imagem da Figura 3, se observa as crianças jogando bola nas proximidades do campo de futebol onde seus pais se reúnem para os jogos de futebol. Nesta imagem há meninas e meninos que pertencem à igreja católica e à igreja Adventista do 7º dia, mas que se unem em torno da prática do futebol. Os times das comunidades, algumas vezes viajam para jogar em outras localidades, neste compromisso social a organização fica por conta do presidente do time, este junto aos jogadores e espectadores fretam um barco para ir ao evento, são percursos de até três horas de viagens pelo rio, é

sobretudo um passeio onde a torcida composta pelos amigos e familiares dos jogadores vão juntos aos jogadores que apreciam a vista da natureza nas margens dos rios, observando da embarcação, as aves, os peixes, enfim a natureza serve de entretenimento.

Na chegada à comunidade visitada o comandante encosta o barco e coloca a ponte de madeira amarrada na proa do barco e assim todos descem, sobem a ribanceira e cumprimentam os times adversários.

Os jogos na categoria infantil são organizados uma vez ou outra e geralmente organizados em metade do campo oficial onde jogam os adultos, é uma atração que os pais se divertem junto ao torcerem pelos seus filhos.

O futebol feminino é mais que uma partida de futebol, pois a beleza das atletas parece ser mais importante que o resultado para os jovens, é o despertar da fase conduzindo ao namoro característico nesses eventos.

Os atletas nestes eventos podem jogar com ou sem chuteiras, meias, camisas mas individualmente eles dão o máximo durante o mês que se antecipa ao evento para estarem bem apresentáveis, então para ganhar algum dinheiro eles, pescam, trabalham em campos com gado.

A partida de jogo acontece e a empolgação parece não dar espaço ao cansaço, mas alguns conscientemente de sua condição física, pedem para serem substituídos e ao término dos jogos, os atletas ainda tem energia para as comemorações, é um momento que percebemos que as relações entre seus "parceiros" de comunidade ficam evidentes, como por exemplo, quando aquele que conseguiu mais dinheiro durante o mês, compartilha com os outros as cervejas, refrigerantes, guloseimas, etc.

A premiação geralmente é um valor em dinheiro, um boi, bolo, frango, carneiro enfim, diversos prêmios dependendo do evento. Depois das premiações se não tiver uma festa dançante os times retornam às suas embarcações e voltam comemorando ou tristes se perderam o jogo, mas o dever de cumprir com a agenda social é muito relevante para os jogadores que representam a sua comunidade.

A comunicação via televisão geralmente só ocorre no período noturno para as famílias assistirem novelas ou aos domingos numa partida de futebol. Para Almino Reis (2013):

Aqui na minha casa as pessoas chegam à noite para assistir novelas ou uma partida de futebol dos grandes times, como o Flamengo ou Vasco, Fluminense, Botafogo, São Paulo, são espectadores que aprendem com seus pais a torcer

pelos grandes clubes que influenciam o imaginário das comunidades rurais (informação verbal).¹⁴

A energia fornecida nessas casas é à base de motor gerador de luz, mantidos à gasolina ou diesel, daí porque por uma questão de custo eles optam por ligar o gerador somente à noite. A maioria dos moradores não tem televisão, então estes se dirigem a casa mais próxima para assistir às programações.

O meio de comunicação mais utilizado nestes espaços ainda é o rádio, nas casas dos moradores sempre se tem um rádio à pilha, onde estes escutam os avisos, os jornais, os programas infantis, ouvem músicas e as transmissões das partidas de futebol.

E dessas transmissões televisivas ou de rádio que chegam as informações das disputas dos grandes clubes brasileiros. Muitos dos times que influenciaram nestas localidades; podemos citar os seguintes times: Flamengo, Vasco, Fluminense, Botafogo, Corinthians, São Paulo e Palmeiras e Santos.

O futebol expressa no imaginário amazônico um evento carregado de simbolismo, mesmo sendo acompanhado pelo rádio leva o torcedor a uma espécie de "loucura". É uma personificação do poder construindo significados sobre sua preferência pelo time. Os moradores são ouvintes que adquirem a capacidade de ouvir pelo rádio e construir no seu imaginário as características de um time ou jogador, haja vista, estes manifestam sua preferência e representam em seus diálogos descritivos uma riqueza de detalhes das habilidades dos jogadores, da técnica do time e da motivação.

Nos encontros entre moradores é muito comum ouvir, "*deu no aviso do rádio*" ou "*fiquei sabendo pelo programa de rádio*", nas transmissões os locutores utilizam a seguinte chamada quando é de uma informação sobre doença ou falecimento: "*atenção muito atenção para este aviso*", seguido de um fundo musical que já é conhecido dos moradores, o qual faz com que todos fiquem atentos à notícia e ao final do texto o locutor lê: "*quem ouvir este aviso favor retransmitir ao destinatário pelo que muito agradeço*".

O rádio é um dos meios de comunicação mais comuns nas comunidades rurais, através do qual estes passam os avisos para os seus familiares ou para o anúncio de uma partida de futebol, logo se evidencia a importância do rádio como veículo da comunicação.

A primeira emissora de rádio no Amazonas a transmitir informações esportivas teve início em 1927 com a "Voz de Manaós", foi criada por

Ephigênio Salles, mas a energia era racionada pelos ingleses e a transmissão apresentava muitas dificuldades.

Em 1938 surgiu a segunda emissora de rádio amazonense: a Voz da Baricéia e paralelamente surgem também os grandes narradores esportivos e entre eles o carioca Wuppschlander Lima, cujas narrações eram muito empolgantes, a partir das narrações muitos nomes foram revelados, foram nomes que marcariam a "era de ouro" do rádio no Amazonas, ou seja, rádio e futebol caracterizam uma época de esplendor e cumplicidade. O locutor das práticas esportivas, Valdir Correia Melo (2013), fala:

[...] Nós tínhamos aqui um Vivaldo Lima lotado, quando não era o Vivaldo Lima era o parque. O nacional era a base do Atlético Mineiro e o Rio Negro a base do Cruzeiro e o Fast clube não ficava pra trás, então nós tínhamos grandes jogadores e grandes craques do futebol no Amazonas. Manaus expandiu, então a nossa opção aqui de lazer era o futebol, você almoçava e jantava futebol (informação verbal).

A expansão do futebol no Amazonas foi um fenômeno que se manifestou através das emissoras de rádio, esse meio de comunicação trazia informações do futebol de diversas regiões do país. Os locutores expressavam o vigor, levavam o torcedor ao tom das partidas, despertando paixões, seguidores e simpatizantes.

Historicamente, se compreende que as impressões sobre a Amazônia na tessitura e transmissão do imaginário está diretamente relacionado com o processo de comunicação através das emissoras de rádio.

Compreendemos que as populações de determinado lugar, tecem um "imaginário" do mundo à sua volta e revelam suas formas de compreender, pensar, representar e ressignificar suas práticas socioculturais. A população no contato vivenciado com a natureza constroem aspectos simbólicos significativos na convivência com seus pares. Segundo Castoriádis (1982, p. 25):

Toda relação social e, mais ainda, toda instituição social exige que o homem prolongue sua existência em imagens que faz de si mesmo e do outro, de seu passado e de seu futuro. Ora, isto supõe um trabalho permanente da imaginação [...].

Nos espaços de futebol da comunidade pesquisada, fluem essa relação social, tendo em vista que seus pares se identificam com esse pertencimento que lhes são peculiares. Assim, muito além dos aspectos religiosos a qual pertencem os grupos, há um diálogo frequentemente ressignificado de seus elementos simbólicos da paisagem natural do mundo Amazônico.

No futebol esses saberes entram em jogo, na medida em que essas representações são bem mais visíveis, quando os sentimentos e emoções dos jogadores e espectadores são extravasados, suas falas são contextualizadas a partir dos aspectos compreendidos da biodiversidade local, a qual lhe atribuem significados simbólicos.

Neste contexto conhecemos moradores como, por exemplo, Sérgio Vasconcelos (49 anos, entrevista 2013), do qual foi possível anotar e descrever suas habilidades no tratamento do outro no que tange a interpretação ou denominação a que se faz aos sujeitos nos em diversos momentos do cotidiano.

Muitos aspectos culturais construídos, questões referentes à biodiversidade, a relação entre a destreza ou lentidão de um animal, as suas características físicas e biológicas e ainda aspectos do sol, água ou lua, são atribuídos aos outros na forma de tratamento carinhoso ou de aversão, podemos dizer que são personificações construídas por sujeitos atentos ao ecossistema natural, assim os frutos dessas observações lhe permitem uma leitura de mundo na figuração do outro.

O modo de vida dessas populações está atrelado às suas práticas de sobrevivência e convívio com seus pares através do uso do tempo e espaço, que são relações construídas a partir da dinâmica sociocultural. No processo de ressignificação, são capazes de dar vozes ao ambiente natural, são como poetas que tem suas formas peculiares de observar e retratar o mundo a sua volta.

A diversidade biológica é um potencial a ser explorado na região de forma sustentável, apesar dos atos predatórios com o meio ambiente, mas o aproveitamento dos conhecimentos das práticas socioculturais dos moradores, seria uma forma de melhoraria da qualidade de vida dessas populações e potencializar a economia.

A economia das áreas de várzea do Baixo Amazonas se caracteriza por ciclos econômicos em função de sua geomorfologia. Ressalta-se, no entanto, que estes ciclos têm um começo e fim, haja vista que não são empreendimentos projetados de forma sustentável, pois não há

acompanhamento sistematizado por parte poder público, assim os recursos tendem a se esgotar.

As várzeas se caracterizam pelo setor primário da economia, que tem grande importância nos setores produtivos da pecuária, da pesca e atividades agrícolas do milho, melancia, jerimums. Estes setores produzem renda para a população, mas devido as enchentes periódicas, estes buscam as terras firmes e muitas vezes vão para as cidades e não retornam, porque buscam uma forma de mudar a qualidade de vida e assim, uma troca de cultura temporária por uma permanente.

A pesca constitui uma das principais fontes na provisão de alimento e renda para a população local. Os peixes típicos mais comuns são: pirarucu, tambaqui, curimatã, aruanã, pacu, acari bodó, piramutaba, surubim, tucunaré, piranha, acará-ácú, apapá, pirapitinga, pirarara e a traira.

A pecuária é um setor importante na economia local, a maioria das famílias possuem rebanho de animais e dentre os principais destacam-se a criação de: bovino, suíno, bubalino, galinhas e ovinos. A produção destes constitui um setor de fomento à economia dos Municípios de Parintins e Barreirinha.

Na educação nas comunidades funcionam somente o ensino fundamental e a educação de jovens e adultos, o que faz com que os estudantes migrem para as sedes dos municípios na busca do ensino médio.

Na saúde as comunidades são atendidas por dois agentes comunitários, um atende aos moradores cadastrados pelo Município de Parintins e outro pelo de Barreirinha. Esses agentes de saúde são moradores da localidade com a formação do ensino médio, recebem cursos temporários na área da saúde para ficarem aptos a atender aos moradores, mas os casos mais graves são encaminhados aos hospitais das cidades.

As atividades agrícolas e da pecuária nas várzeas estão diretamente ligadas ao cumprimento de um calendário em função dos ciclos de enchentes e vazantes. Sobre as festas populares, DaMatta (1881), é dentre outros autores, que se interessa pelo enfoque das religiões afro-brasileiras, na distinção entre o sagrado e profano que se configura como um dos fatores observados no contexto das comunidades estudadas. A designação da "cultura popular" aqui utilizada, refere-se às manifestações socioculturais que fazem parte do cotidiano populações de várzea do Baixo Amazonas.

Neste universo, o sagrado está presente no aspecto mental dos grupos sociais. Dentre as práticas religiosas mais comuns, está a devoção aos santos

católicos que são celebrados nas comunidades e presentes nas orações de jogadores, pescadores, pecuaristas, benzedeiros, bem como as parteiras tradicionais, que se apegam aos santos de sua devoção na hora da realização de um parto.

O evento mais importante no calendário da comunidade católica é o da festa religiosa, acontece de acordo com o dia do padroeiro da comunidade, daí o porquê das variações dos calendários das diferentes comunidades. É um evento único dos encontros entre moradores e das diversas comunidades, acentuando-se como um costume do calendário anual.

A data da festa religiosa da padroeira da comunidade de "Nossa Senhora de Nazaré", torna-se um momento de expectativa, onde certamente os times irão participar dos torneios e da festa religiosa, onde se evidencia a procissão, os espaços de futebol e durante à noite missa e finalizando com a festa dançante.

É um momento de sociabilidade dos comunitários, onde há a participação das crianças, dos adultos e idosos, esses encontros permitem que nos finais de tarde os times treinem para os torneios que acontecerão no dia da festa religiosa.

Observa-se que nos dias que antecipam a festa, seja nos dias de futebol ou em outras atividades, a fé é revelada pelos fiéis com mais consistência, eles tem orgulho de mostrar símbolos de sua fé, são utensílios cristãos como: camisas, pulseiras e bonés. Conforme Eliade (1992, p. 88):

[...] o calendário sagrado regenera periodicamente o tempo, porque faz coincidir com o tempo de origem o tempo 'forte' e 'puro'. A experiência religiosa da festa, a participação no sagrado, permite aos homens viver periodicamente na presença dos deuses. Ao imitar seus deuses o homem religioso passa a viver o tempo de origem, o tempo mítico 'sai' da duração profana para reunir-se a um tempo 'imóvel', à 'eternidade'.

Na semana da festa chegam colaboradores das comunidades vizinhas ou da cidade e participam das atividades, inclusive dos treinos e dos torneios de futebol, sendo um momento de abertura e sociabilidade quanto às relações entre os novos sujeitos que chegam para a festa.

O momento da organização das festas é muito trabalhoso para os comunitários, mas é uma atividade prazerosa, pois pra eles é uma "obra santificada", assim eles tentam conciliar a sua vida cotidiana com as atividades

das datas festivas na comunidade. Assim nos revela uma de nossas entrevistadas, Conceição Vasconcelos (2013):

[...] um trabalho prazeroso por ser algo feito para o sagrado, ou seja, para o padroeiro da comunidade. Os comunitários fazem melhorias no campo de futebol, na capela, no barracão de festa, ornamentam com bandeirolas, melhoram a iluminação, preparam as guloseimas, fazem doações voluntárias e vão em busca de doações que são os chamados donativos feitos por diversas comunidades (informação verbal).¹⁵

Nesses momentos na comunidade, surgem as pessoas com capacidade de organização e lideranças, são consideradas pessoas de prestígio para seus pares comunitários. A identificação desses líderes guarda uma relação com o sagrado, os seus membros consideram essas pessoas como os verdadeiros devotos do santo padroeiro.

Visto sobre o prisma da devoção religiosa, a participação nos torneios de futebol se torna algo além do jogo, como a "purificação" do espírito do atleta, por envolver trabalho, religiosidade e liderança. O evento ocorre uma vez por ano, daí ser considerado o principal momento da expressão individual e coletiva da comunidade. Tertulina Souza (2013) relata:

Aqui na comunidade nos dias da festa da padroeira de 'Nossa Senhora de Nazaré', nós reunimos várias comunidades que vem rezar e os homens da comunidade aproveitam a festa e realizam os jogos de bola, é bem proveitoso porque rezamos e nos divertimos com o futebol (informação verbal).¹⁶

Há preparativos durante o ano todo para a realização desse momento de festa, é um momento de revelação dos aspectos religiosos, os comunitários procuram de alguma forma se planejar para esse dia, geralmente criam pequenos animais domésticos para doarem para os festejos. É um evento onde o aspecto sagrado enaltece os moradores que se tornam promesseiros e promovem almoços comunitários, novenas e bailes dançantes.

O futebol acontece frequentemente aos domingos nas comunidades rurais, se caracteriza como um mecanismo de encontro entre os parentes e amigos da comunidade, lhes possibilitando a socialização dos saberes do cotidiano produzidos na prática das vivências das sucessivas gerações.

No aspecto sociocultural no que tange ao pecúlio e dinâmica dos elementos simbolicamente construídos. As várias gerações se situam num esquema de aprendizado onde os filhos acompanham os pais nas diversas atividades e florescem, os conhecimentos aprendidos com a prática da: pesca, pecuária, caçada, roça e do vaivém das canoas e "rabetas".

Figura 4 - Momento de chegada dos moradores nas canoas na comunidade



Fonte: Pesquisa de Campo, o autor (2013).

Na Figura 4, se observa as canoas com motor rabeta na parte de trás (polpa), é o meio de transporte mais comum nas comunidades rurais, também utilizam para ir às cidades. As expressões intrínsecas na comunicação do cotidiano, se refletem nesses encontros e o vaivém dos rabetas, a chegada na comunidade, as correntezas, os animais, os peixes pulando, enfim todos esses fenômenos fazem parte do contexto local.

A troca de informações das manifestações socioculturais emergem e os fenômenos simbólicos do grupo evidenciam-se numa harmonia natural, mas essa comunicação fica geralmente restrita aos seus pares da comunidade a qual pertencem, como fruto do conhecimento dessas populações.

Diante deste exposto se faz necessário uma reflexão dos conhecimentos, de acordo com as palavras de Santos (2007, p. 20): "Isso é ainda mais urgente e por isso precisamos fazer uma reflexão epistemológica, já que em nossos países se vê cada vez mais claro que a compreensão do mundo é muito mais ampla que a compreensão ocidental do mundo".

Para Santos (2000), operamos com uma epistemologia do sul. Precisamos fazer uma leitura a partir das vozes da Amazônia muitas vezes silenciadas e sempre retratadas e instrumentalizadas com as concepções ocidentais. Nestes termos, segundo corrobora Torres (2005, s.p.):

Há dificuldade em construir um pensamento amazônico porque a Amazônia sempre foi vista de fora. As matrizes teóricas sobre a região trazem o estereótipo europeu. Interpretações específicas e particularizadas, diversas e plurais, fictícias e metaforizadas, compõem o quadro de uma região inventada ou recriada.

As interpretações teóricas de forma direta materializaram o modo de vida dos moradores das zonas rurais da Amazônia, os condicionamentos na forma de pensar lhes mantêm submissos aos olhares do poder público, uma vez que as atividades desportivas são declaradas constitucionalmente como necessidades básicas para a qualidade de vida, no entanto, restam iniciativas individuais desses moradores que buscar no jogo de bola um modo de vida saudável. Um exemplo é reiterado por Pedro Vasconcelos (entrevista/2013) que em seus relatos fala de seus conhecimentos.

Aqui todos me conhecem sou um dos moradores mais antigos da comunidade, tenho minha venda há anos, também quando as pessoas adoecem por aqui eles vem logo comigo [...] temos alimentos que compro e vendo e até remédios caseiros, a copaíba que é bom para sarar os golpes de faca de terçado e serve também para não pegar frio no corte [...] a andiroba que você mistura com mel de abelha e cura de infecção da garganta [...] quando os jogadores torcem o pé ou alguma parte do corpo eles vem aqui e eu coloco no lugar, eu puxo com andiroba e também, a banha de boto com mel que cura tosse, a banha do sucuriju que sara rápido os golpes [...] e tem outras coisas que são o benzimento das crianças quando aparecem com quebranto [...] eu já cheguei a ir pra cidade me tratar mas bom mesmo eu fiquei com os remédios da região e estou vivo bem de saúde graças a Deus já tenho 90 anos e as pessoas vem aqui tomar café e conversar, eles se reúnem aqui todo dia, quando

saem da bola é pra cá que eles vem e ficam até dar o sono, depois pegam o rabeta e vão embora pra casa deles [...] (informação verbal).¹⁷

Pedro Vasconcelos (entrevista /2013) é um homem de costumes simples, mas com conhecimento muito amplo do contexto amazônico, é muito reservado ao falar desses conhecimentos, mas após muitas conversas e café que este faz questão de servir a todos que visitam a sua residência, conseguiu que este compartilhasse um pouco de seus conhecimentos adquiridos. Em seus relatos, os remédios que curam as enfermidades atrelado ao benzimento que este faz com uma folha de arruda, é comum entre os moradores da comunidade comentarem que Pedro Vasconcelos (entrevista/2013), é conhecedor de qualquer planta ou animal da região e sabe os benefícios e malefícios que estes podem proporcionar.

Pedro Vasconcelos (2013) relata que aprendeu com os seus pais e com o tempo foi aprimorando seus conhecimentos e este mesmo nos diz: "[...] a vida ensina e a natureza está aí para ser observada é coisa que Deus nos dá de graça [...] por aqui já tratei e trato da maioria quando ficam doentes." (informação verbal).¹⁸ Ouvi este último relato quando estava fazendo o tratamento no pé de um morador lesionado, ou seja, a sabedoria flui naturalmente sem os artifícios epistemológicos que a ciência produz.

Pedro Vasconcelos (entrevista/2013) não é um frequentador assíduo das partidas de futebol, embora sua residência fique a poucos metros da comunidade, mas é um ponto de encontro da maioria dos jogadores e espectadores. Seus conselhos são frutos de sua sabedoria que já faz parte do cotidiano vivido no contexto local e como bem relata, "[...] eu conheço cada um por aqui desde criança, eles vão pra cidade voltam mas sempre vem aqui conversar comigo." (informação verbal).¹⁹

Estes conhecimentos são muitas vezes silenciados e não valorizados pelo conhecimento científico. É uma lacuna existente entre os conhecimentos tradicionais que não são valorizados em função do pensamento científico, assim as atividades cotidianas parecem invisíveis no contexto escolar, que poderiam utilizar os vínculos socioculturais e melhorar a compreensão do aprendizado dos estudantes. Existe um determinismo do conhecimento científico em detrimento dos saberes tradicionais.

Os contornos científicos europeus atrelados ao seu modo de pensar o desenvolvimento mundial, proclamaram uma prosperidade socioeconômica no seu formato de sociedade, em prejuízo dos diversos contextos culturais e

entre eles a Amazônia que sofreu um hiato no seu processo histórico. Nesta perspectiva, Pinto (2010, p. 25) reitera que:

A transdisciplinaridade da natureza, antes uma meta, passou a ser um pressuposto das linguagens científicas. Entretanto, a mundialização da cultura ocidental imprimiu novos contornos e delimitações aos processos civilizatórios. Intensificou as desigualdades sociais e mostrou a necessidade de se construir novas concepções humanísticas.

Novos olhares precisam ser postos à discussão sobre o modo de viver dos moradores da Amazônia, principalmente nas áreas afastadas dos centros urbanos como é o caso das comunidades desta pesquisa.

A complexidade do cotidiano dos moradores necessita de uma nova construção epistemológica, com o olhar próprio dos conhecimentos tradicionais que visem seus aspectos religiosos, seus valores educacionais, sociais e econômicos.

O universo das comunidades rurais se configura com características próprias, é uma população que construiu saberes a partir dos conhecimentos tradicionais e mantém suas peculiaridades mesmo com as dinâmicas socioculturais, estes conhecimentos tendem ao aprimoramento, mas podem ter um efeito inverso, ou seja, esquecidos e visto com indiferença por aqueles que aprenderam entre as paredes da escola formal.

Os conhecimentos tradicionais estão imersos nos espaços de futebol nos diversos planos de experiência individual e coletivo, as formas de pensar, as ideias da prática cotidiana do conhecimento acumulado ao longo da história das comunidades. Como se evidenciam nas palavras de Raimundo Vasconcelos (2013):

Quando vou jogar bola, eu me preparo com os trabalhos nas lidas do dia a dia, seja pescando ou trabalhando com a boiada, a gente faz muito esforço com essas atividades que a gente fica às vezes exausto e chega em casa e o corpo pede a reder mas, o preparo físico é só uma parte do cuidado com o corpo porque, a questão da alimentação também é muito importante, eu por exemplo, no meu almoço eu tomo somente um caldo de peixe com pouca farinha, porque senão eu fico pesado em campo e corro menos e também, quando se joga de barriga cheia é arriscado ter uma congestão [...] mas quando vou jogar em outras comunidades mais distantes a questão da alimentação se

torna um problema porque a gente se acostuma com a nossa realidade e lá fora é sempre diferente [...] (informação verbal).²⁰.

Compreende-se nos relatos de Raimundo Vasconcelos (entrevista/2013), quando este fala de sua alimentação e preparo físico, indiretamente dos espaços de futebol e visto sobre essa ótica, nos revelam saberes que podem ser útil a outras realidades, mas sua prática deve ser compreendida dentro de sua complexidade sociocultural, uma vez que cada contexto deve apresentar soluções às suas emergências da realidade vivida e compartilhada.

As manifestações do futebol nos espaços amazônicos emergem dentro de uma problemática da dinâmica histórica, econômica, política e sociocultural, pois os jogos de futebol nas comunidades pesquisadas, passaram por muitas alterações a partir de todo esses processos, tendo em vista que essas mudanças possivelmente coadunam com a funcionalidade dessa prática desportiva mas que as estruturas se mantém. É um patrimônio natural dos aspectos do futebol, lazer e sociabilidades do homem amazônico.

1.3 As peculiaridades evidenciadas nos torneios de futebol

Entre os rios e florestas da Amazônia, vivem sujeitos sociais numa estreita relação com a fauna e flora, neste ecossistema natural, se evidenciam os conhecimentos adquiridos através das gerações. Há uma complexidade da vida carente de compreensão epistemológica e neste universo de saberes, nos propomos compreender estas peculiaridades evidenciadas nos torneios de futebol.

Tanto nos espaços de várzea como nos mais diversos lugares do país, o futebol de campo segue uma dinâmica como uma modalidade desportiva que se configura com suas regras estabelecidas, estratégicas, técnicas, formação, motivação, enfim uma série de características que sistematizam a sua praticidade, porém nestes espaços se revelam aspectos simbólicos próprios.

Nos diálogos entre os pares comunitários se compreende as relações entre o homem *versus* natureza, estes agrupamentos sociais adquirem uma experiência empírica e estabelecem essa comunicação numa troca de costumes e valores num complexo sociocultural, mas que determina uma organização do modo de vida.

É um mergulho na cultura amazônica na profundidade dos aspectos simbólicos que caracterizam os comportamentos, ou seja, a forma de compreensão do mundo na concepção dos moradores.

Almino Reis (2013) comenta: “[...] a gente se encontra nos torneios de futebol e colocamos as conversas em dia.” (informação verbal).²¹ Os assuntos são os mais diversos possíveis, falam de futebol, pescaria, enchentes, vazantes, criação de gado, família, plantações, economia doméstica, enfim os diálogos corriqueiros presentes no contexto do cotidiano das várzeas.

Em todos os espaços é comum ocorrer mudanças em função das dinâmicas socioculturais, onde os sujeitos se integram e produzem inventividades ou adequações de situações que mais lhes convém como, nas palavras de Almino Reis (entrevista/2013):

Antes os torneios eram somente de jogo corrido, eram onze jogadores de cada time com é um jogo oficial mas, hoje os times se inscrevem e fazemos um torneio de penalidades e, somente algumas vezes ocorrem jogos corridos dentro da normalidade e, isto ocorre devido ao grande número de times que se inscrevem e nós precisamos dessa renda para a organização do torneio porque somos nós que pagamos os custos do evento mas, mesmo assim, nós fazemos jogos corridos entre dois times e depois torneio de penalidades, tudo depende do número de times e tempo, porque os torneios ocorrem somente numa tarde (informação verbal).²²

Figura 5 - Jogadores de futebol de campo em torneio de pênaltis



Fonte: Pesquisa de Campo, o autor (2013).

O jogo de futebol, na sua estrutura de formação e tempos de jogo, ao qual denominados de "jogo corrido", é um assunto corriqueiro na comunidade, haja vista, que nos últimos anos durante um evento maior na comunidade, como num espaços de futebol, as disputas tem se dado por penalidades. Os moradores mais antigos na comunidade são os que mais questionam essas alterações. Nas palavras de Antônio Barros (2013), "[...] jogo corrido que é

jogo é onde o time mostra qual é o bom." (informação verbal).²³ Existe uma rivalidade do futebol de longa duração entre as comunidades, esses sentimentos e emoções de vitórias e derrotas vêm à tona no momento do jogo.

Figura 6 - Jogo de futebol entre as duas comunidades pesquisadas



Fonte: Pesquisa de Campo, o autor (2013).

Na Figura 5, se observa o jogo de futebol disputado em penalidades e na Figura 6, o jogo entre duas comunidades em disputa de "jogo corrido", são duas situações explicáveis, no primeiro caso devido ao grande número de times e o tempo, haja vista que se trata de um evento disputado somente em uma tarde e o time precisa de recursos financeiros, então a melhor forma que encontraram para resolver o problema foi fazer jogos de penalidades, mas sempre de início fazem uma partida de jogo corrido.

No segundo caso o jogo corrido, é algo adquirido a longo prazo já faz parte do contexto e memória coletiva das comunidades, a experiência de vida sociocultural centralizada no futebol como meio de lazer, é um meio de expressão das peculiaridades da comunidade, onde os sujeitos sociais compartilham acontecimentos, hábitos e práticas sociais.

As transformações nas suas "redes sociais" e econômicas ocorrem, mas se mantém as estruturas culturais, mesmo assim provocam sérias mudanças no modo de vida dessas populações. Os elementos culturais estão imersos no universo simbólico do cotidiano rural. Os sujeitos da Amazônia se constroem nessas lógicas. Nesse sentido, Bourdieu (1989, p. 14) explica:

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário.

As análises de Bourdieu são peculiares para esta discussão, pois as forças econômicas são poderes que se constituem e exercem essas transformações dos valores e ideologias no contexto do cotidiano dessas comunidades.

As memórias se constituem como tipo de poderes da continuidade cultural, acentuadas na trajetória de vida dos sujeitos. Assim, essas reivindicações, implicam a permanência de valores de longa duração na perspectiva de cidadania e preservação de aspectos da trajetória sociocultural da comunidade.

As mudanças ocorridas fazem parte de uma dinâmica, mas a memória dos aspectos significativos da comunidade são elementos que fazem parte da cultura, assim as reivindicações são frutos de elementos importantes no cotidiano vivido, tais como, história, lazer, comunicação, noção de tempo e espaço, enfim uma série de aspectos simbólicos destas populações.

As práticas socioculturais se configuram como aspectos simbólicos de pertencimento de determinado grupo, são elementos que circulam no cotidiano, um desses fenômenos é a questão da alteridade, ou seja, no tratamento ao outro com características simbólicas personificadas que são reconhecidas pelos seus pares sociais, esse reconhecimento na forma de conceber o outro se caracteriza como um elo de existência compartilhada.

Pensar o outro como sujeito membro da comunidade é também demonstrar além da identificação um aspecto de sociabilidade e uma estreita relação dos aspectos simbólicos, como sugere Santos (1997, p. 135), o aspecto cultural em processo de transformação onde "[...] identidades são, pois, identificações em curso".

Os cognomes dados há alguns dos moradores, são exemplos dos aspectos simbólicos, presentes nas relações e ganham destaque nas partidas de futebol

quando os torcedores ou jogadores se dirigem ao outro seja do time ao qual torcem ou do time adversário, o fato é que alguns acabam sendo alvos de piadas e apelidos de cunho pejorativo.

No cotidiano destes durante a vida social esses apelidos surgem nos momentos de descontração, mas acabam se tornando comum entre as famílias e no círculo de amigos que fazem parte de seu meio. No momento das inscrições dos times e jogadores, onde se coloca numa lista o primeiro e o último nome do jogador acompanhado de seu apelido, por exemplo: filho de poraquê, garfo, patinha, carará, estes são alguns dos jogadores do Flamengo de Nossa Senhora de Nazaré, são denominações que receberam a partir de observações de seus pares da comunidade.

Os padrões de vida ou os costumes de cada um pode ser um dos mecanismos que levam aquele indivíduo a receber um cognome, ou seja, uma comparação com o seu modo vida relacionado à sua auto apresentação ou a sua identificação.

Os apelidos fluem dependendo da ocasião, seja para elogiar ou ridicularizar o outro, são narrativas simbólicas construídas no próprio meio, que nos levam a refletir sobre o fenômeno que cria fronteiras e ao mesmo tempo aproximam as pessoas, a partir do poder das narrativas associadas ao meio que estes sujeitos compartilham no cotidiano.

O futebol trás as caracteriza socioculturais, revelando o modo de ser individual e coletivo das comunidades, assim é crucial partirmos do princípio de que o futebol chega aos lugares, concebido dentro de uma perspectiva das particularidades.

O futebol segue uma dinâmica linear do mundo ocidental, com suas regras pré-estabelecidas. Cabe a nossa análise contida dentro de uma representação sociocultural da Amazônia, discutir o mundo do futebol que incorpora e compartilha experiências nos sujeitos sociais.

Cabe a crítica ao pensamento inserido dentro de um entendimento da cultura ocidental capitalista, como afirma DaMatta (2003, p. 20): “[...] O fantasma de um velho e pouco falado ‘etnocentrismo’ (‘sociocentrismo’) ressurge claramente quando o fenômeno a ser estudado não é mais algo que só o estudioso conhece [...] mas faz parte de nossa experiência diária [...]”.

Na Amazônia a prática do futebol deve ser compreendida dentro de sua complexidade sociocultural, onde todos independente de classe social ou idade, se envolvem de alguma forma, o futebol não pode ser analisado somente como uma atividade desportiva composta cada equipe por onze

jogadores de cada lado com regras pré-estabelecidas, mas qual a representatividade dessa prática dentro do contexto Amazônico.

No estudo da Sociologia do Esporte, DaMatta (1982) acredita que é possível realizar uma leitura do sistema social brasileiro através do futebol, pois nesse esporte, através de dramatizações do mundo social, a sociedade se expressa, apresenta e revela características de sua cultura.

O nosso sistema social e econômico é na maioria das vezes excludente e marcado pelo individualismo radical, mas no futebol essas relações socioculturais desempenham um papel crucial no que diz respeito à promoção de ações cooperativas e competitivas.

As atividades esportivas nessas comunidades se dão como momentos especiais além do esporte, que são as manifestações sociais compartilhadas entre as comunidades vizinhas. Nesses encontros discutem problemas do cotidiano sejam eles econômicos, políticos, sociais e religiosos, enfim é um momento de celebração e festa, tendo o esporte como fator de expressão de seus sentimentos mais profundos.

O futebol faz parte da cultura brasileira de forma bem consistente e vários autores tem se debruçado em discutir esta temática, entre eles DaMatta (1982), afirma que o futebol se constitui em um veículo para uma série de dramatizações e representações da sociedade brasileira, permitindo a expressão e vivência de problemas nacionais.

É um estado de catarse na dramaturgia caracterizada por expressões cênicas das experiências construídas e compartilhadas, seja de jogadores ou espectadores, assim as relações nunca são passivas, mas de participação onde todos são envolvidos na trama, com uma carga emocional encenada por protagonistas de um espetáculo numa atividade sociocultural e suas implicações.

Se vive ações imprevisíveis nestes espaços onde se constituem expressões características da vida real do cotidiano das várzeas Amazônicas. Geertz (1989) afirma que "[...] o futebol é parte da teia de significados que os humanos, em sua dinâmica social, vão construindo constantemente atualizando e revivendo, teia essa que constitui a própria cultura de um povo". Portanto o aspecto cultural flui de uma forma espontânea nos atores sociais desses torneios de futebol. Antônio Barros (2013) afirma:

A nossa escola é a escola da vida, aqui aprendemos fazendo, desde muito cedo aprendi com meu pai e assim são meus filhos aprenderam, esse mundo de

meu Deus hoje já não é o mesmo de tempos atrás [...] antes pegávamos a nossa canoa remávamos contra ou a favor da correnteza mas, hoje os jovens já não sabem mas nem remar, tudo mudou e esses costumes estão desaparecendo [...] assim como uma correnteza, você e seu remo, se não tiveres cuidado com teus filhos eles serão levados pelo mundo, tem muita coisa ruim por ai, aqui dividimos o que temos com o vizinho e os nossos filhos aprendem assim, é o que podemos e temos pra ensinar [...] (informação verbal).²⁴

Este fala dos saberes culturais edificados no cotidiano vivido, é um saber despretensioso e profundamente interpessoal e são compartilhados pela socialização de valores materiais e imateriais, mas as mudanças nos costumes chegam como uma forte correnteza, como uma força das águas a força das ideias povoam o imaginário e se reconstroem a partir novos contornos do mundo globalizado.

Podemos inferir que no que tange às mudanças que vem ocorrendo cada vez com mais velocidade são frutos do processo das informações tecnológicas, seja da tecnologia da comunicação ou dos meios de transportes, são alterações na dinâmica cultural provocadas por fatores externos, que chegam sem pedir licença, vão simplesmente chegando, transitando rapidamente como um veículo incontrolável e assim, se consolidando e fazendo parte constitutivo dos elementos culturais.

A força das novas informações e elementos da cultura material que compõe a vida dessas populações incluem de alguma forma todos os sujeitos que fazem parte da comunidade, mas esses elementos chegam de forma desigual e "perversa" sem os sujeitos envolvidos se darem conta desses fenômenos, gerando conflitos no que tange aos valores culturais.

No aspecto das relações de sociabilidade as novas formas de alteridade se tornam mais plurais, ou seja, novos hábitos que concomitantemente produziram novas ideias, mas provocam certo sentimento de perda de seus valores, os sujeitos ficam inseguros às alterações de hábitos no seu ambiente vivido, o novo pode ser o certo, mas este novo é desconhecido e recente, enquanto o antigo hábito é fruto de uma trajetória sociocultural de longo prazo que proporcionam uma relativa segurança.

Na formação de novas ideias na comunidade, devido às grandes transformações muitos se sentem marginalizados no processo. Quando os entrevistados desta pesquisa relatam que "os jovens não sabem mais remar", esta afirmação se configura como um sentimento de perda, como se não

houvesse a possibilidade de coexistência dos aspectos culturais do tempo passado com o presente expressos na ressignificação de valores socioculturais.

Faz-se necessário buscar compreender a Amazônia a partir do ponto de vista endógeno e não simploriamente sobre a ótica dos fatores externos, daí talvez esteja nossas dificuldades em resolver problemas locais e regionais. Há uma diversidade de saberes neste contexto sociocultural, na interpretação de Santos (2010, p. 54) este afirma:

Em todo o mundo, não só existem diversas formas de conhecimento da matéria, sociedade, vida e espírito, como também muitos e diversos conceitos sobre o que conta como conhecimento e os critérios que podem ser usados para validá-lo.

Hoje há novas abordagens epistemológicas em construção na forma de abordar as ciências humanas e assim envolvem os saberes culturais, suas ideologias interpretativas acerca do mundo. Nesse sentido, o universo amazônico não pode ser simplesmente um lugar de contemplação da biodiversidade apresentada, precisa de políticas éticas de desenvolvimento dos saberes culturais.

Há uma carga de preconceitos com essas populações em função das concepções epistemológicas ocidentais que influenciaram e influenciam a forma de tratar os nossos colaboradores desta pesquisa. São termos que generalizam e que não caracterizam determinada sociedade. Pinto (2006, p. 109) destaca:

[...] Criamos aqui expressões como, por exemplo, "ribeirinho". Essa expressão com o sentido que carrega hoje tem um uso bastante recente e quer se referir aos pobres do interior, aos trabalhadores do campo que possuem condições de existência situadas entre as mais baixas do Brasil. Em que medida, entretanto, o termo ribeirinho é capaz de nos apontar a origem e a natureza dos processos sociais que são afinal os responsáveis pela sua condição desfavorável? A nosso ver, essa é a questão-chave.

As categorias de linguagem criadas para disfarçar profundos problemas construídos no decorrer dos anos bem como, para um meio histórico e ideológico que tem em vista a justificativa para estas populações aceitarem a

sua condição de subsistência como algo natural. A nossa análise está imerso dentro de uma representação sociocultural da Amazônia a partir de uma concepção dos colaboradores, ou seja, dos sujeitos envolvidos diretamente nesta pesquisa.

Talvez pretensiosos, mas buscamos investigar as manifestações no que tange ao fenômeno desportivo que ao nosso primeiro contato foi possível observar, que nesses torneios fluem sociabilidades que incorporam e compartilham experiências dos sujeitos que transitam dia a dia nesses contextos. Os atores sociais amazônicos revelam conhecimentos e experiências, seja pelos jogadores, torcedores ou mesmo aqueles que não participam diretamente.

A estrutura do futebol nas áreas de várzea são organizadas a partir do futebol profissional onde as equipes se compõem de um presidente e de 11 (onze) jogadores de cada time com seus respectivos reservas, uniformes, traves, redes e árbitros, mas são sistematizações de arranjos de acordo com as possibilidades de alguns moradores que tomam para si a organização desses eventos, ou seja, não há uma institucionalização dos eventos daí, segundo Bourdieu (2004, p. 26):

[...] a análise das estruturas objetivas – as estruturas dos diferentes campos - é inseparável da análise da gênese, nos indivíduos biológicos, das estruturas mentais que são em parte produto da incorporação das estruturas sociais e da análise da gênese das próprias estruturas sociais: o espaço social, bem como os grupos que nele se distribuem, são produtos de lutas históricas nas quais os agentes se comprometem em função de sua posição no espaço social e das estruturas mentais através das quais eles apreendem esse espaço.

Compreende-se que o futebol sem suas regras estruturais, não seria futebol, pois são frutos de lutas ao longo da história do futebol, no contexto ao qual ele ocorre os condicionantes socioculturais parecem se render às regras universais, mas é sabido que as regras são suscetíveis de algumas mudanças, como, por exemplo, no processo de integração do negro na sociedade de classes, estes no início da história do futebol no Brasil não podiam jogar, mas mesmo na clandestinidade as expressões suas gingas como forma de expressão corporal, se adequaram perfeitamente ao futebol e assim as regras tiveram que ser alteradas.

Em torno da história da sociologia do futebol, se compreende que é possível organização social a partir de sua prática, assim a dinâmica cultural é fruto das relações sociais. No diálogo com os agentes sociais das comunidades pesquisadas, as partidas entre os times das comunidades rurais de várzea se transformam em rivalidades, são os denominados clássicos.

Na visão de Pedro Vasconcelos (entrevista/2013), os times e a comunidade precisam estar em sintonia e organizados para disputarem os jogos. Para Pedro Vasconcelos (2013) "[...] quando o time ganha é porque a comunidade está organizada não se pode ganhar um jogo ou torneio formado por jogadores arrumados na hora." (informação verbal).²⁵ Nesse contexto o futebol representa muito mais que jogos entre comunidades rurais, também é uma forma de organização sociocultural.

As rivalidades exercem um papel fundamental na organização das comunidades, as relações de proximidade entre os jogadores e espectadores se afunilam, é um momento que fortalecem seus laços em função do time de sua comunidade, é um momento de encontros.

Uma das peculiaridades mais consistentes são os laços de afinidades entre seus companheiros de equipe do cotidiano, são vínculos tidos como de parentesco, parecem uma grande família, onde todos os sujeitos moradores da localidade compõem um grande aldeamento. É um espaço compartilhado das sociabilidades e este é um fator que lhes coloca numa zona de conforto entre seus pares.

O encontro com times de áreas mais distantes promove certa motivação nos jogadores e espectadores da comunidade, é um evento aguardado cheio de expectativas que movimenta o cotidiano da comunidade, tem a capacidade de alterar a rotina, são encontros numa rede de sociabilidades que agregam atividades socioculturais compartilhadas entre jovens e adultos antes durante e depois dos jogos.

Os espaços aos arredores dos campos de futebol são compartilhados, por crianças, esposas, filhos, namorados. Na torcida os espectadores expressam seus sentimentos ridicularizando ou enaltecendo os jogadores a partir de suas vozes e gestos dramatizando a trama que ocorre.

Figura 7 - Famílias ao redor do campo torcendo



Fonte: O autor (2013).

Não se trata de uma conspiração, mas uma espécie de dramatização da plateia onde afloram em suas vozes emocionadas os conhecimentos adquiridos nestes espaços, é uma comunicação que caracteriza o modo de vida que lhes confere uma singular importância sociocultural.

Podemos dizer que estes espaços funcionam como um expositor do imaginário, onde os sujeitos exercitam ativamente a rotina e mantêm seus aspectos culturais compartilhados nesses momentos de excitação.

O aprendizado destes com seus ambientes naturais, acabam refletindo na forma respeitosa no trato de seus pares, é uma riqueza de conhecimento, adquirido nas observações das particularidades de seu modo de vida e aprofundados ou materializados simbolicamente em seus comportamentos sociais.

A teatralização dos aspectos socioculturais se dá, por exemplo, em simples gestos corporais eles manifestam uma informação compreensível ao outro,

que reagem com outras ações e assim se constroem formas de comunicação da realidade física e cultural.

É fato dizer que estes são protagonistas e portadores de um saber construído no seu modo de vida que lhes são próprios, mas devido a fatores externos da dinâmica cultural cada vez mais expressiva devido à mundialização, há certo comprometimento quando as mudanças provocadas por essas ações são atreladas a novos conhecimentos.

A necessidade de fazermos uma leitura das singularidades destes espaços é de grande importância, uma vez que é comum se fazer interpretações errôneas das populações que residem nos espaços rurais e assim comprometer as formas de pensar as peculiaridades culturais destas localidades. Nesta conjuntura Raimundo Vasconcelos (2013) relata:

Nossa vida aqui não é de fartura, mas graças a Deus temos todos os dias o nosso peixe na mesa, temos água boa, dormimos sossegados, mas às vezes temos que ter cuidado com nossas coisas com aqueles que vêm de fora, entre os que moram aqui não temos problemas, somos uma grande família, todo mundo respeita o saber do outro (informação verbal).²⁶

Raimundo Vasconcelos (entrevista/2013), faz uma leitura da qualidade de vida no contexto vivido dos espaços rurais amazônicos, mas muitas epistemologias tendem a interpretar estas peculiaridades como sinônimo de atraso, ou seja, não compreendem o tempo e o espaço do cotidiano destes moradores, geralmente fazem uma leitura da cultura capitalista linear ocidental.

Visto sobre esta ótica, podemos inferir que a cultura amazônica é dinâmica e composta por uma complexidade simbólica. É, um ambiente caracterizado com um modo de vida próprio, assim corrobora Loureiro (1995, p. 59): "[...] é graças a esta forma peculiar do olhar do homem da região, tornou-se também uma extensão ilimitada às instigações do imaginário".

Nestes imensos espaços amazônicos, fluem mistérios, segredos e fenômenos dominados pelo conhecimento dos moradores dessas redondezas que lhes são frutos do conhecimento de várias gerações, são anos de navegabilidade por esses horizontes que lhes são peculiares, assim resta-nos a aproximação ética da academia versus etnoconhecimento como ponto chave de novos diálogos e saberes construídos e compartilhados.

O modo de compreensão destes espaços determina a cultura destes moradores, constituindo-se nos códigos de significações compartilhados entre seus membros. Na vida social estas peculiaridades estão presentes, para outros contextos socioculturais é visto como aspectos estranhos a seus entendimentos, assim na possibilidade de construirmos uma rede de informações deste tecido social, é mister desenvolvermos um aprendizado, filtrando alguns de registros etnográficos do modo de vida destes agrupamentos sociais.

Os espaços de futebol como lugar de sociabilidades nos apresentam como um dos lugares estratégicos na busca de informações das peculiaridades do universo do meio rural amazônico. Nesta busca investigativa devemos estar abertos às possibilidades de interpretações, onde os relatos dos entrevistados são passos fundamentais no trabalho de um pesquisador que deseja conhecer esses horizontes.

As práticas socioculturais destes espaços são produtos de um longo processo das ações individuais que se somam aos agrupamentos, portanto aspectos coletivos de estilos de vida, que podem ser mapeados, assim servindo ao conhecimento científico como indicador à diversidade de elementos sociológicos, que se permite desvelar nos espaços amazônicos.

Analisar as peculiaridades evidenciadas nos espaços de futebol nos permite compreender que o futebol de várzea nos trás uma série de contribuições na forma de pensar a complexidade da vida sociocultural, ou seja, nos possibilita uma leitura democrática dos espaços da cultura popular.

Os conhecimentos revelados nos espaços de futebol estão diretamente vinculados aos aspectos religiosos, onde o profano e o sagrado são dramatizados, assim se desenvolve no cotidiano a sincronia dos aspectos simbólicos, o futebol agrega certos discursos religiosos e devoções aos seus santos, onde jogadores e espectadores utilizar certos adereços revelando suas opções religiosas.

CAPÍTULO – II: O FUTEBOL: OUTROS OLHARES

2.1 O jogo do futebol - A trajetória de uma modalidade

Quem pode duvidar de que o esporte é uma janela importante para a propagação do jogo limpo e da justiça? Afinal de contas, o fair play é um valor que é essencial para o esporte.

Nelson Mandela

O jogo de bola por ser uma prática que envolve manifestações socioculturais desperta a atenção das mais diversas concepções epistemológicas. É uma atividade desportiva de âmbito coletivo de imensa popularidade e difícil de ser contestada como fenômeno que envolve a diversidade cultural.

Na busca de compreensão das relações de sociabilidades, o jogo de futebol é uma das atividades que nos permite adentrar nas formas de pensar, interpretar e representar os sujeitos sociais do futebol de várzea e seus meios de figuração.

Está imerso na trajetória o entendimento da formação das sociedades, a educação, o trabalho, a comunicação enfim os processos históricos culturais. Ao centrar o foco no caso brasileiro na sociologia do futebol, é possível navegar num período conturbado e composto por um cenário de preconceitos que se faziam presentes em todas as instancias da vida social.

Torna-se importante assinalar que futebol de campo é uma modalidade de formação coletiva e em função dessa composição, na maioria dos casos o sucesso da equipe depende da boa relação dessa equipe. O líder africano Nelson Mandela já dizia que "[...] o esporte tem o poder de inspirar e unir as pessoas [...]", o futebol por envolver o coletivo oferece condições de promover a união diferentes grupamentos sociais que se comunicam socioculturalmente.

As possibilidades de interpretações em torno do futebol são as mais diversas possíveis, circula em torno de diversos estratos de nossa sociedade, as riquezas de interpretações sempre revelam novos olhares suscitando muitas questões. Na atualidade devido às muitas facetas da globalização e entre elas as

perspectivas dos intercâmbios culturais em função da mídia, são mais suscetíveis ao olhar do outro.

A trajetória dessa prática sociocultural no meio rural Amazônico revela o modo de vida que muitas vezes são silenciadas ou empobrecidas pelo meio acadêmico, por não perceber as variantes observáveis e as possibilidades de interpretações. Esta pesquisa poderá contribuir para pensar a prática do futebol além das quatro linhas, ou seja, os diálogos que se dão antes, durante e depois dos jogos.

Na contemporaneidade a análise acadêmica do futebol se caracteriza como uma prática além da mera diversão, mas como aspecto de manifestação e socialização dos fenômenos socioculturais.

Na atualidade, o contexto no qual o futebol se apresenta, oferece inúmeras possibilidades de inserção social e avanços, no sentido de políticas esportivas que vem crescendo nos espaços brasileiros. Soares (2011, p. 127) aprofunda esse raciocínio postulando que:

É inegável que o Brasil fez alguns avanços na área do esporte. Hoje temos uma política nacional de esportes consolidada, onde o esporte e o lazer são direitos dos cidadãos. É uma política que está voltada para a sociedade brasileira independentemente de cor, etnia, gênero ou condição socioeconômica.

As iniciativas de políticas desportivas, tem se demonstrado mais abrangentes no aspecto social, mas ainda longe de um estado democrático de direito, muitos projetos parecem alienígenas por se apresentarem muito fora da realidade onde são implantados. As populações de várzea ficam à margem desse processo. Almino Reis (2013) acrescenta:

Aqui tem idosos, deficientes, crianças, jovens e adultos mas, parece que só somos vistos próximos às eleições quando aparecem políticos de tudo quanto é lado e falam muito mas, fica só no discurso [...] acho que os políticos tinham que ver que o nosso voto é igual ao da cidade e que temos o direito de ter melhor condição pra realizar nossos eventos, nosso trabalho mas, esperamos pela providência de Deus um dia melhorar [...] nos jogos de bola nos descarregamos os problemas do dia é por isso que nos finais de semana é certo o nosso encontro geralmente nos domingos á tarde e quando chega a segunda feira estamos prontos para nossas lidas [...] (informação verbal).²⁷

Observam-se nestes relatos as concepções políticas de atores que vivem no meio rural, se percebe o entendimento das questões relativo à cidadania, como por exemplo, a falta do poder público nas atividades desenvolvidas nas comunidades rurais. Estes são sujeitos de direitos e protagonistas de modo de vida e sustentabilidade.

Nos relatos de nosso colaborador ele compreende a frieza dos dados estatísticos, quando este retrata que as prefeituras conhecem o número de pessoas que votam e o número de estudantes, mas de fato parecem ignorar os diagnósticos dos problemas locais, como elementos que possam visar ou possibilitar subsídios de políticas públicas para essas localidades.

Torna-se imprescindível para estes sujeitos da Amazônia traçar propostas de ação que visem à valorização de sua cultura respeitando as diferenças locais, tendo em vista que estes possuem suas peculiaridades em seus: ciclos da natureza, festas populares, espaço, tempo enfim seus aspectos simbólicos próprios.

As Diretrizes Operacionais para a Educação Básica do Campo (2002, p. 5) assinalam que "[...] o campo é mais do que um perímetro não urbano, é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições da existência social e com as realizações da sociedade humana". Fazer uma leitura destes espaços é navegar no etnoconhecimento do meio rural como um lugar de memória e laboratório de aprendizados.

Os espaços rurais precisam de políticas sustentáveis, as políticas assistencialistas e compensatórias tornam-se danosas uma vez que as expectativas a longo prazo de desenvolvimento ficam comprometidas por projetos a curto prazo para emergências específicas, como o caso das grandes vazantes ou enchentes nas várzeas que em alguns lugares os moradores recebem uma cesta básica somente para um mês.

Sobre a implantação das políticas públicas de esporte e lazer na região Norte, Soares (2011, p. 128): afirma: "Verificamos também a inexistência de programas de esporte e lazer para os etno-descendentes e a quase inexistência da participação da sociedade no planejamento das atividades".

No município de Parintins existem duas universidades a Universidade Federal do Amazonas-UFAM e a Universidade Estadual do Amazonas-UEA, que atendem a estudantes destas localidades e existe uma série de pesquisas nessas áreas, no entanto a relação entre o poder público e as universidades ainda são caminhos distintos.

O esporte e lazer mais peculiar é o futebol característico dos finais de semana das comunidades de várzea, mas vinculadas às determinações das regras vigentes há anos, é, portanto, uma modalidade que tem uma trajetória atrelada a um processo histórico-social. Para Elias (1992) o esporte surge primeiramente na Inglaterra, pois esse processo estava interligado com as modificações da sociedade inglesa, principalmente o processo de "parlamentarização" que a Inglaterra sofria, substituindo antigas formas violentas de resolverem problemas por formas mais pacíficas e autocontroladas.

Durante o processo histórico de autoafirmação da ordem política que predispõe uma espécie de controle da população no que tange às suas atividades socioculturais. É o que corrobora Elias (1992, p. 46), para esse autor, o esporte desde o século 18 sempre "[...] incluiu confrontos realizados para a satisfação de espectadores e o esforço físico principal tanto podia ser dos animais como dos seres humanos".

Sobre esta afirmativa, quanto à sua origem, Toledo (1996, p. 102): afirma: "[...] o futebol consiste em uma das modalidades mais difundidas de manifestação esportiva das sociedades modernas. O futebol como se conhece atualmente, é fruto das sociedades competitivas instauradas com a revolução industrial".

No Brasil a prática de futebol surge num contexto caracterizado com a formação do espaço urbano e na diversidade cultural que começava a se formar no Brasil. Era a formação de um estado moderno que tinha como modelo a Europa que disseminava padrões comportamentais "civilizados", daí se segue as práticas socioculturais europeias e entre elas o futebol aos moldes Ingleses.

Nessa configuração os padrões comportamentais das entidades inglesas são o arcabouço na construção da sociedade moderna, essa estrutura chega com toda a sua imperativa força com as atividades desenvolvidas naquele país e entre as práticas de lazer o futebol começa a ser veiculado nos espaços brasileiros.

Segundo Bourdieu (1989, p. 10), "[...] os sistemas simbólicos, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados". A consolidação de uma sociedade com características modernas nos espaços brasileiros se ativeram ao futebol a partir de seus modelos ou perfis sociais. Como as análises realizadas pelo pensador Bourdieu, esta parte da concepção de que nossas preferências e

nossos gostos são resultantes de nossa relação com a sociedade na qual vivemos e visualizam as estruturas nela presentes.

As estruturas ideológicas das classes dominantes chegam imperando um condicionante de vida social, mas aos poucos essa mesma configuração passa sofrer mudanças, basta compreendermos o processo histórico do futebol enquanto instrumento de lazer da classe dominante, mas o seu êxito no Brasil se deve à abrangência da popularidade do futebol às classes menos favorecidas, estas começam a participar e vão dar legitimidade no Brasil como o "futebol arte".

O poder das estruturas vigentes na história do Brasil tem no futebol um mecanismo de compreensão da materialização das ideias europeias. A funcionalidade desses poderes materializados nas redes de preconceito nos espaços brasileiros.

O futebol como aspecto que se inseriu na cultura popular foi um mecanismo que possibilitou driblar as estruturas políticas e sociais do país. Foi um processo lento e gradual, mas hoje podemos dizer que entre vencidos e vencedores está à voz da diversidade cultural presentes na história e formação dos clubes, onde muitos atletas oriundos das camadas menos favorecidas são os grandes destaques.

Através do futebol as expressões socioculturais do povo brasileiro ganharam concomitantemente visibilidade. A cultura do futebol no Brasil recebe hoje denominações, como a de cunho jornalista, "o futebol arte", pelas suas peculiaridades do individualismo dos atores do futebol. Segundo Bourdieu (1989, p. 11):

[...] a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) e definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante.

O futebol que se inicia com as elites, mas concomitantemente chega as classes menos favorecidas, ou seja, ganha contornos populares e buscam por meio dessa prática um meio de ascensão social.

Na dinâmica cultural alguns aspectos são incorporados no modo de jogar, como, por exemplo, a jogada do inventor da "bicicleta" e a "plástica jogada"²⁸ do brasileiro Leônidas da Silva²⁹, era uma nova forma de jogar que em uma de suas partidas o juiz anulou o gol de bicicleta por achar a jogada extravagante. Caracteriza-se assim, uma forma de jogar e também de viver que

segundo Franco Júnior (2007, p. 166): "[...] futebol é metáfora de cada um dos planos essenciais do viver humano nas condições históricas e existenciais das últimas décadas".

Este fato social caracteriza a aversão e o preconceito, onde revela uma forma hierárquica de classificação cultural, sobretudo legitima o poder vigente das classes dominantes em detrimento dos aspectos da cultura popular e suas potencialidades.

O futebol como fenômeno da cultura popular, tem o poder de revelar seus craques e torná-los espécies de heróis nacionais, como é o caso de Edson Arantes do Nascimento³⁰ (Pelé), considerado melhor jogador de todos os tempos e "rei do futebol", nessa perspectiva de análise Franco Júnior (2007, p. 259) corrobora: "Pelé, segundo relatam amigos dele, 'acredita ser um deus tanto dentro como fora dos gramados". Esta personificação ganha mais sentido sócio histórico quando ao analisarmos que se trata de uma pessoa negra.

Numa compreensão sociocultural, em cada lugar há as distinções, como na Amazônia no contato com o outro se revelam muitos aspectos culturais, tais como: nomes, apelidos, discursos, enfim o modo de vida do cotidiano desses moradores que está além do passatempo e divertimento.

O futebol de várzea difere do futebol no espaço urbano seja pela profissionalização, ou seja, a formalidade ou informalidade, mas sobretudo permite-nos nestes espaços compreender de uma forma mais aprofundada seus aspectos simbólicos, tais como, o modo de vida, como são retratados nas falas dos personagens, que inconscientemente e sem uma cobrança acadêmica revelam seus poderes simbólicos.

Na Amazônia o futebol segue como um campeonato de altos e baixos, mas que consegue desde os primeiros tempos reunir multidões e que no decorrer dos tempos ganha novas modalidades, o que leva os indivíduos locais a se identificar com esse esporte, como uma das principais atividades de lazer da população das comunidades rurais.

A prática do futebol é uma atividade que possibilita compreender elementos da história social e adentrar na complexidade do cotidiano no contexto das comunidades de várzea na Amazônia, onde as populações fazem um verdadeiro malabarismo para participarem de uma atividade coletiva.

2.2 O futebol como forma popular de lazer

O futebol é uma forma de manifestação sociocultural que representa acima de tudo um entretenimento daí porque alguns jornalistas o denominam como "ópio do povo". Mas o aspecto do lazer em uma partida de futebol cria possibilidades da dinâmica cultural, constituída pela vivência lúdica e revelador de emoções para o jogador e espectadores.

A compreensão do lazer no contexto das manifestações socioculturais, nos remete a pensar que em todos os espaços fluem práticas desportivas que levam seus atores a concretizar relações de sociabilidades, ou seja, é quase impossível um espaço onde o futebol não esteja inserido, como bem expõe Toledo (2000, p. 67) ao refletir que seria "[...] difícil imaginar, hoje, o Brasil sem o futebol".

Nos espaços amazônicos em suas áreas de várzea, existe um grande distanciamento entre uma residência e outra, mas apesar dessas diferenças demográficas está longe da ausência de atividades de lazer, mesmo com as dificuldades cotidianas as populações buscam algum entretenimento e o jogo de bola é a principal atividade. Corroborando com essa afirmação Matos (2008, p. 233-234) reitera:

No jogo de futebol é onde se pode observar a reunião de maior número de pessoas residentes na área de pesquisa. Nesse espaço de sociabilidade vamos ver as diferenciações, as redes de interdependências e relações de poder ao observar as pessoas em suas individualidades se postando como o maior criador de gado, o representante da lei, o representante da comunidade, o pescador profissional, o adventista que comanda a igreja, o aposentado, o agente de saúde, enfim vamos 'enxergando' como se configura a estrutura social [...] onde o jogo de bola é o grande atrativo, para qual convergem as pessoas em busca de excitações agradáveis.

Os espaços da trama da atividade do jogo de bola, também é o espaço onde espectadores compartilham os problemas do cotidiano, e onde se percebe as relações de compadrios e afetividade entre os moradores. Como afirma

Ricardo Vasconcelos (2013): "[...] aqui é um lugar de encontro dos amigos, parentes e a gente fica informado como está todo mundo na comunidade." (informação verbal)³¹. A preocupação com o outro é um aspecto peculiar destes lugares.

A partir dos fatores mencionados, a expressão futebol como prática de lazer expõe os atores sociais a revelar seus sentimentos e a imagem do outro dotada de um discurso que os manifestam culturalmente. Nestes momentos de lazer se percebe uma carga de emoção que se completa com a inserção dos elementos culturais do contexto local. Nesse sentido, Elias (1994, p. 270) afirma:

Nenhuma sociedade pode sobreviver sem canalizar as pulsões e emoções do indivíduo, sem um controle muito específico de seu comportamento. Nenhum controle desse tipo é possível sem que as pessoas antepõem limitações umas às outras, e todas as limitações são convertidas, na pessoa a quem são impostas, em medo de um ou outro tipo.

Durante os jogos de futebol os comportamentos fluem, assim jogadores e espectadores das comunidades compartilham seus sentimentos, ou seja, o lazer revela elementos simbólicos pertinentes às comunidades. Segundo Elias (1985), sobre o desporto: "[...] a profunda consciência de que a compreensão do desporto contribuía para o conhecimento da sociedade".

Elias (1985) demonstra em suas pesquisas a capacidade que esporte tem de que ao mesmo tempo que gera conflito e tensões, também por uma espécie de código de conduta é necessário o estabelecimento de regras da sociedade inglesa nos seus processos civilizatórios. Corroborando com essa afirmação Elias e Dunning (1985, p. 69) reiteram:

Nas sociedades onde grande parte dos elevados padrões de civilização são salvaguardados e assegurados por meio de um estado interno de acentuado controle efetivo da violência física, as tensões pessoais resultantes desse gênero de conflito, numa palavra, as tensões determinadas por essa dificuldade, estão muito espalhadas.

Os autores exemplificam a questão das emoções e o papel crucial das regulações, tão importantes para as sociedades modernas que estavam se formando. Elias (1985), na sua teoria sobre o processo civilizador, busca

como objeto de estudo o esporte que tem papel fundamental no entendimento da sociedade.

As concepções metodológicas de Elias fornece informações sobre a funcionalidade da sociedade, utilizando o esporte como objeto de investigação até então considerado uma fonte pouco utilizada. Utilizamos aqui o esporte neste contexto elisiano como forma de compreensão das sociedades rurais do meio Amazônico.

No contexto global existem vários órgãos responsáveis pela implementação da prática do futebol como necessidade desportiva para as sociedades, entre esses o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), incentiva o direito ao acesso desportivo em vários países, principalmente em áreas que apresentam difícil acesso. São projetos executados com parecerias das esferas de gestão públicas federais, estaduais e municipais. O direito à prática desportiva está expresso na Convenção sobre os Direitos da Criança, adotada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) em 20 de novembro de 1989, art. 31:

1. Os Estados Partes reconhecem o direito da criança ao descanso e ao lazer, ao divertimento e às atividades recreativas próprias da idade, bem como à livre participação na vida cultural e artística.

2. Os Estados Partes promoverão oportunidades adequadas para que a criança, em condições de igualdade, participe plenamente da vida cultural, artística, recreativa e de lazer.

No Brasil o esporte e lazer foi legitimado como uma prática que faz parte do cotidiano, é uma necessidade essencial na vida do povo brasileiro, a própria constituição federal o tornou uma prática legalizada como direito dos cidadãos. A Constituição Federal Brasileira de 1988, sobre a ordem social no capítulo III “Da Educação, da Cultura e do Desporto” afirma:

Artigo 217: É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como de direito de cada um, observados:

I - Autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto à sua organização e funcionamento;

II - a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para o desporto de alto rendimento;

III - o tratamento diferenciado para o desporto profissional e o não profissional;

IV - A proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional. (BRASIL, 1988).

É crucial refletirmos sobre o direito das manifestações desportivas no imaginário das sociedades amazônicas, do processo de desenvolvimento das habilidades físicas e psicológicas, além do discernimento do trabalho individual e em equipe, também o convívio com as diferenças étnicas e religiosas dos indivíduos, é um direito garantido e, portanto, deve ser implementado nos mais diversos lugares do país.

Nos espaços rurais o futebol está no centro das atividades de lazer, é certamente um lugar da sociabilidade e aperfeiçoamento das manifestações culturais, onde os envolvidos direta ou indiretamente podem aprender a conviver com situações conflituosas no momento desportivo é uma questão de alteridade.

O processo de redemocratização do país incorporou como direito constitucional o esporte e lazer como forma de promover a promoção social e cidadã. Como se lê no artigo constitucional citado, o texto trata de práticas desportivas formais e não formais, ou seja, trata de uma forma generalizada os eventos desportivos.

Existem no país muitas associações desportivas que tem essa perspectiva no modo de trabalhar a prática desportiva relacionada ao lazer. Os resultados têm mostrado efeitos positivos no sentido físico, psicológico, social e educacional. Esses projetos ajudam a promover a saúde, o senso de equipe, autoconfiança e comunicação social.

Em termos legais a adequação da legislação desportiva a partir dos parâmetros e princípios da Constituição Federal de 1988 só ocorreu com a aprovação da Lei n. 9.615, de 24 de março de 1998, a “Lei Pelé³²”. Foi somente a partir desta lei que o jogador de futebol foi incorporado às legislações trabalhistas como atleta profissional.

Vale ressaltar que no projeto ao qual tive a oportunidade entrevistar o Coordenador do esporte da Secretariaria de Educação (SEDUC-AM) de Parintins, Carlos Meireles, este em seus relatos expõe os objetivos dos projetos:

Em Parintins há projetos de futebol como: ‘O Bom de bola’, ‘Bola verde’, ‘Torneio dos Marianos’, ‘O Parintinzão’, mas, que tendem a abarcar somente

espaços urbanos embora, este último seja um projeto que tem como objetivo ‘aos moradores do município de Parintins, tanto da zona rural, como da zona urbana, um evento desportivo-social e cultural a partir da modalidade esportiva de futebol de campo, nos Naipes masculino e feminino’.

O professor Carlos Meireles, enfatiza ainda a questão do pertencimento destes potenciais atletas, mas principalmente a prática da educação física como uma necessidade corporal, desenvolvimento sociocultural das práticas desportivas do Município.

[...] Temos a necessidade de criar uma cultura esportiva no município tendo em vista o desenvolvimento de equipes amadoras/profissionais capazes de competir a nível municipal, regional e nacional, valorizando os atletas do município [...] Entrar para o calendário de eventos esportivos do município e do estado, servindo de referência para eventos regionais [...] Sensibilizar os atletas amadores e a população em geral ao grande problema que o sedentarismo causa as pessoas que não praticam atividade física, incentivando assim a prática desportiva, como instrumento valioso para o bom funcionamento do organismo (informação verbal).³³

Nas secretarias municipais de Parintins e Barreirinha há projetos dessa magnitude onde muitos alunos das escolas públicas participam. São iniciativas coordenadas pelas secretarias do município, mas são projetos construídos com o propósito visando abarcar a totalidade do município, mas de fato a consolidação desta ideia está longe de ser uma realidade.

Em Barreirinha existem muitas iniciativas por parte do poder público como, por exemplo: o projeto "Copa Verde Barreirinha", "Copa do Conselho Tutelar" ("Cidadão do Futuro"), este último segundo os relatos do secretário de Educação Francinaldo Matos, "[...] um dos objetivos é motivar os alunos não só os que têm bom rendimento, mas principalmente aqueles com baixo rendimento escolar com o intuito de diminuir os efeitos da evasão escolar [...]", além de possibilitar aos jovens a compreensão problemas sociais causados pelo álcool, tabaco e outras drogas.

Nas comunidades de "Nossa Senhora de Nazaré e Harmonia" onde se localiza o lugar desta pesquisa, as iniciativas desportivas se dão por iniciativa

dos moradores locais. Os moradores destas comunidades utilizam os finais de semana para o lazer, quando eles têm o tempo livre.

O futebol ocorre sempre nos finais de semana, somente em dias de festas o calendário se altera, mas cada momento de reunião entre as comunidades é sempre um grande evento na compreensão do contexto local, é um dia aguardado com ansiedade pela comunidade por ser um momento de encontro no seu tempo livre, como afirma Matos (2008, p. 61):

De fato, o futebol ficaria numa posição deslocada se fosse considerado como uma atividade intermitente, não contínua. Pode-se considerar intermitente se observarmos a prática em finais de semana. Assim como poderíamos considerar outras atividades que são desenvolvidas de tempos em tempos com base no tempo cíclico, sem atentarmos a uma estrutura social com a atenção voltada para o devir. O futebol é uma prática desenvolvida geralmente aos finais de semana mas que homens e mulheres – crianças, jovens e adultos – de Bicó, Cuiamucu e Canela-Fina, estão esperando o momento para estar presente quando de sua realização. Há no cotidiano dessas comunidades uma preparação antecipada que se evidencia cada vez mais ao se aproximar do final de semana.

A pesquisa da tese do professor Gláucio Matos foi feita em um contexto do baixo Amazonas, se configura como um exemplo característicos a outras realidades como é o caso do lugar desta pesquisa. A preparação destes se dá diferente do contexto urbano se levarmos em consideração que estes só se reúnem nos finais de semana, como esclarece Alcivaldo Pinto (2013):

‘O futebol é a melhor diversão que temos por aqui então fazemos de tudo para o final de semana estarmos presente’, e quanto à preparação, ‘já que não temos tempo para se reunir e se preparar juntos, então cada um se prepara como pode, é correndo no campo reunindo os bois, tirando leite, pescando, trabalhando nos campos é isso que fazemos’ (informação verbal).³⁴

Como se observa nos relatos acima, o futebol nesses espaços segue uma dinâmica diferente do futebol profissional no sentido de prática corporal, uma vez que preparar o corpo para um evento é está ligado diretamente às atividades do cotidiano.

Em função dos custos para a comunidade, os organizadores promovem partidas de futebol entre as comunidades mais próximas ou quando possível

formam dois times na própria comunidade.

Almino Reis (2013) relata:

[...] nós não temos ajuda nem do Município de Parintins e nem de Barreirinha, nos organizamos e fazemos do jeito que é possível, realizamos torneios com as comunidades mais próximas e, quando a o dinheiro é pouco fazemos por aqui mesmo [...] já temos dois times um organizado pelo compadre Almino Reis e o outro por mim e, o evento é bom já tem a torcida dele e a nossa (informação verbal).³⁵

A organização das atividades de esporte e lazer se dá por responsabilidade única dos próprios moradores como relatou Ricardo Vasconcelos. A ausência do poder público nas práticas de lazer se dá também em função da falta de conhecimento e planejamento a gestão pública, uma vez que as atividades desportivas servem para melhorar a qualidade de vida relativa à saúde, pois é sabido que o esporte é uma necessidade do corpo humano. Diante desta perspectiva alguns problemas são relatados por Soares (2011, p. 62):

Entretanto essa tentativa esbarra em alguns problemas onde destacamos a ausência de informações seguras ou registros para subsidiar as políticas de esporte e de lazer nas suas diferentes vertentes especialmente considerando os Estados da região Norte do País. Essa magnífica região possui características que impõem um ritmo próprio de vida a começar pelas distâncias, considerando-se também o sistema de transporte que se baseia nos rios da bacia amazônica, além das dificuldades naturais de sobrevivência.

Os espaços de várzea precisam de registros e, sobretudo, o conhecimento do lugar e dos aspectos culturais dessas populações. Diante da diversidade biológica visivelmente perceptiva, é possível diagnosticar que se trata de um lugar que apresenta um imenso potencial de recursos naturais a serem explorados, visando a questão da sustentabilidade.

Porém, o nosso objeto de estudo são, as manifestações do futebol como expressão do lazer. A nosso ver representa um lugar crucial para a compreensão dos aspectos socioculturais do homem amazônico, onde as evidências de alteridade, emoções e corporeidade se expressam com muito mais clareza.

Nestes momentos de lazer e entretenimento, os sujeitos sociais extravasam suas emoções depois de uma semana de trabalho. Para Dumazedier (2001, p.

92), o lazer é um tempo em que a pessoa "[...] se libera ao seu gosto da fadiga, descansando; do tédio, divertindo-se; da especialização funcional, desenvolvendo de maneira interessada as capacidades de seu corpo e de seu espírito".

No contexto das comunidades estudadas, o lazer e o tempo livre é relativamente uma questão de escolha pessoal em função de uma combinação de fatores religiosos e econômicos. Estes podem aproveitar para conseguir fazer alguma atividade que lhe proporcione renda para o sustento familiar ou à devoção de seus santos padroeiros

Nas concepções de Elias e Dunning (1992, p. 107), "[...] de acordo com os atuais usos linguísticos, é todo o tempo liberto das ocupações de trabalho". Muitos desses trabalhadores aproveitam o tempo livre para dormir, brincar ou ficar na companhia dos filhos, esposa e seus pais, visto que o modo de vida nas comunidades rurais pesquisadas, os moradores aproveitam o tempo livre para uma diversidade de atividades.

O futebol embora seja uma dessas atividades mais preponderantes como meio de lazer, há outras, tais como: dormir, visitar vizinhos, ficar com a família. Segundo Elias e Dunning (1992, p. 110), "A tipologia mostra, de forma muito nítida, que uma parte considerável do nosso tempo livre não se pode identificar com o lazer".

O lazer faz parte do tempo livre como uma atividade humana como meio de entretenimento e descanso, ou seja, com o intuito de melhorar o desenvolvimento pessoal e social. No futebol nem sempre é o simples entretenimento às vezes o que é lazer para uns para outros é uma atividade trabalhista.

Elias e Dunning (1992, p. 112), partem da premissa de que o lazer é

[...] um tipo de atividade que se insere no tempo livre, colocando o indivíduo como transformador da sua realidade, este, enquanto sujeito social pode dotar de sentido a atividade de lazer e aproximá-la da busca da excitação ou do prazer.

Carlos Roberto Pinto (2013) afirma: "[...] quando jogamos é para extravasar os problemas do dia a dia e manter a forma física." (informação verbal)³⁶, ou seja, o lazer na atividade desportiva proporciona aos jogadores literalmente o exercício físico e mental, bem como aos torcedores que extravasam seus sentimentos de aversão ou acolhimento com os atletas do outro time.

Ao navegarmos por estes horizontes de manifestações culturais, nos leva a refletir sobre os olhares do mundo acadêmico no meio rural amazônico. Como bem atestam os estudos de Elias e Dunning (1992, p. 151):

[...] representa uma esfera de vida que oferece mais oportunidades às pessoas de experimentarem uma agradável estimulação das emoções, uma divertida excitação que pode ser experimentada em público, partilhada com outros e desfrutada com aprovação [...].

As manifestações que afloram nas partidas de futebol nos campos de várzea expressam o cotidiano de forma espontânea, sem uma preocupação relativamente direta com as formalidades do dia a dia.

Nos relatos dos jogadores eles afirmam que o futebol como expressão lazer é um importante porque é um momento de extravasar seus sentimentos, serve para tirar o stress do dia a dia, de poder passear com a família nas comunidades. Evidencia-se que o futebol proporciona saúde e vida social aos seus atores, sejam eles homens, mulheres e crianças. Mario Carvalho (2013) afirma:

Quando jogamos bola, também jogamos fora o stress do dia a dia é nesse momento de lazer que podemos brincar, apelidar os colegas, brincar com nossos filhos [...] é bom ver a esposa da gente gritando na beira do campo o nosso nome e torcendo por nós ela também se diverte é, um dia da diversão dos amigos e da família (informação verbal).³⁷

Entende-se no contexto rural do futebol de várzea, o lazer como atividade não obrigatória, ou seja, é de livre vontade dos indivíduos. Mas em função das engrenagens do capitalismo, muitas vezes o que antes era lazer pode ser transformado em algo obrigatório principalmente no futebol, quando os chamados olheiros que são as pessoas que identificam possíveis craques, percebem um futuro naquele jogador habilidoso.

É a lógica do mercado capitalista imperando na prática do lazer nas comunidades, principalmente com a chegada das novas tecnologias, tais como, os aparelhos celulares, os televisores, enfim as formas de pensar dos espaços urbanos que se fazem presente na mentalidade desses atores, o que lhes permite buscar na atividade desportiva o lazer atrelado à possibilidade de ascensão profissional.

Há vários estudos e pesquisas referentes ao lazer e ao futebol que convergem-se em alguns pontos e divergem-se em outros. Porém, as perspectivas são positivas quando relacionadas às manifestações socioculturais, uma vez que pensar o direito ao lazer é acima de tudo, um passo à alteridade e conseqüentemente a melhoria da qualidade de vida das populações do meio rural.

2.3 O futebol como meio de expressão do cotidiano

Discorrer sobre as expressões manifestadas nos espaços de futebol no cotidiano das várzeas é, sobretudo, penetrar no tecido sociocultural do cotidiano das populações rurais. O futebol é um aglutinador das emoções e espaço de representações de cenas do cotidiano, assim expõe os conhecimentos produzidos frutos da dinâmica cultural.

Partimos do princípio do objeto de nossas análises sobre as manifestações presentes no cotidiano nas expressões socioculturais. A complexidade do cotidiano vivenciado nos espaços rurais.

Neste contexto, a reflexão de Certeau (1996, p. 31) evidencia:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior [...] è um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres [...] ao historiador do cotidiano é o invisível [...].

O pensador nos adverte sobre a complexidade do cotidiano o qual nos mantém como uma "camisa de força", onde as ações repetidas tendem a nos oprimir, dado os problemas que surgem cotidianamente no interior das relações, mas ultrapassa o mundo das coisas materiais quando o cotidiano está imerso em nosso imaginário.

No universo das populações que vivem no ambiente amazônico, o mundo das representações emerge nos espaços de lazer, onde o futebol nos direciona a buscar compreender as suas atividades. José Enéias Gloria (2013) fala com entusiasmo de seu cotidiano:

Amanheço feliz porque moro aqui e adormeço agradecendo a Deus pelo lugar que moramos, aqui graças a Deus vivemos em paz, apesar do trabalho

do dia sempre temos tempo de brincar um pouco jogando bola e, nossos filhos estão no mesmo caminho, na minha forma de ver acho que eles são felizes com o que temos a oferecer [...] às por aqui as coisas ficam meio paradas então vamos à igreja e depois jogar bola e quando dá vamos à cidade (informação verbal).³⁸

José Enéias Gloria, expressa a sua experiência em lidar com as ações repetidas no contexto das comunidades, se compreende essa estratégia de qualidade de vida ao ouvir seus relatos, as relações entre o cotidiano e o papel do aprendizado dos filhos, para manterem vivas as expressões socioculturais no ambiente, segundo ele foi destinado por Deus. Percebe-se a questão da fé muito presente em suas idas e vindas, o qual é um fenômeno que faz parte do modo de compreensão dos acontecimentos nestes espaços.

É, certamente uma ideia que circula no imaginário destas populações, como homens e seres livres por natureza divina, como a correnteza das várzeas cheio de caminhos e mistérios do bioma característicos desses ambientes, são sempre uma variedades de fenômenos naturais que emergem, todas essas dádivas naturais lhes encham de perspectivas na condução da educação dos filhos, ou seja, percepções sensoriais do ambiente natural corporificado no modo de vida cotidiano.

Visto sobre esta ótica, se percebe que a sociedade cria e desenvolve práticas socioculturais próprias nos espaços que vivem de acordo com suas necessidades. Os que convivem nestes ambientes são os grandes protagonistas e possuem saberes misteriosos da complexidade da vida no meio rural, fruto de suas constantes observações no cotidiano como relata José Enéias Gloria (2013):

Nós já aprendemos a viver aqui na várzea, permanecemos aqui durante o período de enchentes e, vivemos da pesca mas, pescar dá um certo trabalho temos que procurar os lugares onde a vegetação é boa ou onde tem frutos, sementes, lá estão os peixes mas, com o passar dos anos está ficando mais difícil de peixes [...] há alguns perigos como a cobra sucuriju que sempre aparece ou mesmo cobras venenosas que procuram as casas pra se abrigarem mas, essa foi a vida que Deus nos deu e a fé é o que nos move e assim é o nosso dia a dia [...] (informação verbal).³⁹

Figura 8 - Residência de J.G. (entrevistado)



Fonte: O autor (2014).

Na Figura 8 a residência de José Enéias Gloria, tomada pela enchente, mas como bem enfatiza em seus relatos, "*aprendemos a viver aqui na várzea*". Este fala dos problemas do cotidiano na época da enchente, mas a questão da fé é o meio que sua família utiliza como um mecanismo de driblar os problemas do cotidiano.

Aneliza Glória (2013) relata que nas atividades diárias, não há diferença entre os gêneros, ambos trabalham e em seus relatos descreve o cotidiano vivido nas terras de várzea.

Eu sempre trabalho junto à família no do dia, nossos filhos sempre estão junto, pescamos juntos e plantamos e, quando a vazante chega, a terra está pronta e tudo vinga, a terra vem adubada mas, quando a enchente é muito grande como aquela do ano de 2009, o solo fica lavado e, nasce nas terras tudo quanto é besteira, mas quem faz plantações em pequenos balcões é ótimo porque, procuramos nos campos as arvores das mungubeiras caídas que já estão podres elas servem como adubo... (informação verbal).⁴⁰

Verifica-se que nos relatos de Aneliza Glória, as relações de sociabilidade muito presente no ambiente familiar e o conhecimento adquirido no cotidiano desses espaços. As estratégias de sobrevivência frente às intempéries naturais é

como relata Anelilza Glória (2013), "[...] o negócio é aprender fazendo." (informação verbal)⁴¹.

O cotidiano destes moradores é a "escola da vida", ou seja, a sobrevivência e a qualidade de vida dependem diretamente de conhecimentos adquiridos com o próprio meio, mas devido o complexo do estuário amazônico onde os ciclos das águas são fenômenos cada vez mais incertos, há enchentes e vazantes de maior ou menor proporção.

A operacionalidade do modo de vida praticado nestes lugares é diagnosticada pelos moradores que compartilham das mesmas experiências, corroborando com essa afirmação Certeau (1995, p. 201) reitera que: "Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência [...]", constituem-se conhecimentos adquiridos no complexo das relações socioculturais.

No contexto desta pesquisa a navegabilidade está presente no dia a dia, no rio de nome "*Paraná do Limão*", afluente do rio Amazonas onde os moradores transitam no seu cotidiano, nas palavras de Tocantins (1988, p. 233):

[...] o homem e o rio são os dois mais ativos agentes da geografia humana na Amazônia. O rio enchendo a vida do homem de motivações psicológicas, o rio imprimindo à sociedade rumos e tendências, criando tipos característicos na vida regional.

Navegando e observando o cotidiano das comunidades, as casas de madeira entre vizinhos, dispersas uma das outras, construídas de madeira palhas denominadas palafitas adaptadas às cheias, que são resultados da engenharia destes mesmos moradores.

Figura 9 - Residência de Raimundo Vasconcelos (casa típica da região)



Fonte: O autor (2013).

No cotidiano destes moradores, as formas de lidar com o meio ambiente são aprendidas e compartilhadas muito cedo, se aprende fazendo e com o rigor de detalhes eles conseguem fazer uma leitura bem peculiar do ambiente natural. Estes expressam uma gama de conhecimentos ouvindo, sentindo e interagindo com o meio ambiente.

O aprendizado é, sobretudo, uma forma de dar dinâmica à vida dos grupos. Para Certeau (1995, p. 142) "[...] para que haja cultura, não basta ser autor das práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza".

Há muitas formas de transmissão de saberes nestes espaços, a oralidade é um desses mecanismos que permitem a disseminação dos conhecimentos que fluem com naturalidade no cotidiano, seja dos ciclos da natureza ou da personificação das características típicas dos moradores de várzea. A tradição oral nos espaços rurais possibilita a incorporação de fatores culturais de uma ordem social empírica sensorial e perceptiva, Certeau (2001, p. 263-264) acrescenta que:

[...] Noutras palavras, somente uma memória cultural adquirida de ouvido, por tradição oral, permite e enriquece aos poucos as estratégias de interrogação semântica cujas expectativas a decifração de um texto afina, precisa, corrige. Desde a leitura da criança até a do cientista, ela é precedida e possibilitada pela comunicação oral, inumerável ‘autoridade’ que os textos não citam quase nunca.

As análises de Certeau sobre o cotidiano, implicam numa concepção de ideias, crenças e valores estão imersos na passividade dos poderes sociais. Mas os sujeitos nunca são neutros em suas conotações culturais, sempre há idealizações e ressignificações de novos interesses.

No meio amazônico a sabedoria, a arte da tradição oral, as estratégias de sobrevivência são concepções poderosas de lutas e resistências na vida cotidiana. Sobre este ambiente natural, nas concepções de Fraxe (2004, p. 296):

[...] a cultura mantém sua expressão mais tradicional, mais ligada à conservação dos valores decorrentes de sua história. A cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada. Ela reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural. Nesse sentido, a relação do caboclo ribeirinho com a água que atravessa seu cotidiano se torna de importância vital para a compreensão desse homem e do universo que o habita.

A trajetória da história das comunidades é transmitida pela oralidade e ganham novos aspectos com o intercâmbio entre o rural e cidade, mas devido as formas de adaptação e aprendizado com o meio, alguns elementos do conhecimento rural de várzea só são possíveis de conhecer convivendo nesta organização espacial.

Embora as casas fiquem dispersas uma das outras, mas diferentemente dos espaços urbanos, as relações humanas de proximidade e afeto dos conhecimentos mútuos nas comunidades, essas afinidades das famílias são certamente mais fortes, há uma relação de cumplicidade no cotidiano de suas relações. Nos leva a pensar e problematizar sobre o sentido das relações sociais nas mais diversas sociedades.

As relações humanas mostram o diferencial nos espaços de lazer nos torneios de futebol de campo, é um fator que agrega um comportamento de pertencimento de suas peculiaridades, enquanto universo intrínseco destes

grupos. Compartilham elementos de sua cultura construídos às margens dos rios, furos, lagos e igarapés.

Viajar no barco ou canoa de uma família destes lugares até chegar na comunidade é muito mais que um simples transporte característico da região, é sinônimo de conhecimento adquirido dos elementos corriqueiros do cotidiano, contados e vivenciados pelos mais velhos e assimilados pelos mais jovens, estes ouvem as histórias se divertem e aprendem com o ímpeto de respeito das história que marcam o dia a dia da comunidade.

Antônio Barros (2013) conta a história de seu compadre Apolônio Reis:

Era uma tarde de domingo num torneio na comunidade e o compadre Apolônio Reis que já é falecido foi bater um pênalti e, naquela época todo mundo jogava descalço então, ele se preparou bem tomou um grande espaço e, na hora pá, deu um chute no próprio calcanhar que rasgou o dedo dele foi um fato que assustou todos, mas depois que passou o jogo se transformou em um fato engraçado (informação verbal).⁴²

Esta e muitas outras histórias se caracterizam como histórias do cotidiano, são diversas facetas, com múltiplos detalhes e carregadas de significados. Assim, conviver durante dias com os moradores é mergulhar num rio de conhecimentos e compreender alguns fenômenos e a riqueza desses grupos, como por exemplo, o processo educativo construídos no dia a dia no interior das relações de parentesco.

Caracterizando o aprendizado, na hora do almoço todos devem estar vestidos, um homem não pode sentar à mesa sem camisa, é sinal de desrespeito, bem como o lugar do pai e da mãe das crianças na mesa, até o peixe algumas partes como a cabeça é uma parte que só pode ser consumida pelos mais velhos, é um fenômeno simbólico de respeito, enfim é a construção de valores educacionais presentes no cotidiano das famílias e algumas famílias pelo processo de tradição, transmitem esses hábitos através das gerações.

Na chegada de um visitante na casa de Pedro Vasconcelos, percebi que as crianças embora curiosas com a chegada dos visitantes, se mantinham afastadas, mas não significa vergonha ou medo, é sinal de respeito, pois segundo Pedro Vasconcelos (2013), "[...] as criança não devem se meter na conversa dos mais velhos e só devem ver a visita que chegou ou falar com eles se forem chamadas." (informação verbal)⁴³, é certamente uma escola da vida

onde os valores se mantêm no púlpito, cabe às famílias a transmissão desses modelos de saberes educacionais.

O comportamento nos espaços do futebol, embora se verifique a excitação, mas é notável o respeito pelos mais velhos nas relações sociais, ou seja, é um ato de educação, cidadania e alteridade que se produz no interior das relações familiares e se completa exteriorizando nos encontros das comunidades, é uma construção inconsciente por se tratar dos aspectos culturais, ou seja, a tradição das comunidades. Diante destas concepções sobre "A centralidade da cultura", Hall (1997, p. 1) discorre:

[...] Porque a cultura se encontra no centro de tantas discussões e debates, no presente momento? Em certo sentido, a cultura sempre foi importante. As ciências humanas e sociais há muito reconhecem isso. Nas humanidades, o estudo das linguagens, a literatura, as artes, as ideias filosóficas, os sistemas de crença morais e religiosos, constituíram o conteúdo fundamental, embora a ideia de que tudo isso compusesse um conjunto diferenciado de significados uma cultura não foi uma ideia tão comum como poderíamos supor. Nas ciências sociais, em particular na sociologia, o que se considera diferenciador da 'ação social' como um comportamento que é distinto daquele que é parte da programação genética, biológica ou instintiva é que ela requer e é relevante para o significado. Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido [...] toda ação social é 'cultural', que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação.

A prática dos elementos culturais se aplica no cotidiano continuamente nas ações do inconsciente coletivo, as condutas dos habitantes são permeadas de peculiaridades que às vezes se deparam com atos de preconceitos sobre estas diferenças culturais.

O modo de viver dos moradores de várzeas, embora diferente dos espaços urbanos mas nunca são estáticos, estes tem um contato com culturas diferentes, seja através da televisão e rádio ou de eventos esporádicos, das viagens às cidades próximas, alguns moradores passam o período de enchente em cidades e muitos filhos vão para as cidades estudar o ensino médio.

Compartilhar o modo de vida entre cidade e os espaços rurais, possibilita agregar novos valores das múltiplas experiências e fetiches no modo de vida urbano, mas no que tange às relações e processos sociais construídas no

cotidiano das várzeas, os embates do aspecto cultural ganha em dinamicidade. Na concepção de Canclini (2007, p. 41):

Ao conceituar a cultura deste modo, estamos dizendo que a cultura não é apenas um conjunto de obras de arte ou de livros e muito menos uma soma de objetos materiais carregados de signos e símbolos. A cultura apresenta-se como *processos sociais*, e parte da dificuldade de falar dela deriva do fato de que se produz, circula e se consome na história social [...].

A gama de aspectos simbólicos nesta rede de relações é sobretudo de estranheza aos espectadores de outros contextos, mas é a manifestação de uma história social vivenciada e de valores simbólicos construídos à anos.

Adentrar nos espaços de lazer, é possível compreender essas relações, se deixando ir e vir no cotidiano dos banheiros, nas cabeceiras dos rios, rindo das coisas engraçadas e aprender como os valores são transmitidos através das gerações. São práticas socioculturais que começam muito cedo na vida das crianças, pois um dos primeiros presentes adquiridos por estes é geralmente uma bola, daí a força simbólica que o futebol representa na vida destes comunitários.

É comum ouvir nas histórias dos jogadores que seu primeiro presente foi uma bola, ou entre os mais humildes que quando garotos faziam bola de papel, sacola ou pano costurados com agulha de mão, ou seja, as possibilidades de se tornar um ícone no futebol, relativamente depende do desempenho em campo e não é necessário ter muito dinheiro ou bom desempenho acadêmico, este é um dos fatores que levam muitos jovens às ditas "peladas" do dia a dia e a grande popularidade do futebol nos espaços brasileiros.

A história de vida pessoal da maioria dos jogadores é exposta na mídia, geralmente são pessoas de classe menos favorecidas economicamente, e isto fica no imaginário coletivo, atingindo diretamente os jovens que querem rapidamente buscar melhorar a sua qualidade de vida.

O futebol vem servir como meio de se expressão para aqueles que querem conhecer melhor estes espaços, a partir dele muitos podem expressar sua opinião. Podemos considerar que esta é uma das funções sociais do futebol, configurando-se mais que um jogo de futebol, há o complexo de relações socioculturais que envolvem as comunidades onde este é dramatizado.

Vale ressaltar que embora no futebol possa representar um meio de expressão sociocultural, convém dizer, como já mencionamos este é permeado

de regras já definidas, mas que não impedem que as manifestações estejam acontecendo.

Na Amazônia como em outros lugares, em uma partida de futebol, seus atletas sabem que devem controlar seus momentos de ódio ou antipatia contra seus competidores, uma vez que o autocontrole é uma das regras da prática desportiva.

Para DaMatta (1982, p. 40), "[...] o foco central a tese do futebol como um drama da vida social, como um modo privilegiado de situar um conjunto de problemas socialmente significativos da sociedade brasileira [...]", é uma forma de representação social dos principais elementos para se analisar as questões socioculturais.

O universo de relações que se formam no cotidiano das populações de várzea são expressões da dinâmica cultural, que se constitui no contexto dos espaços amazônicos, onde é clássico saber que seu espaço territorial é de grande magnitude e conforme Silva (2010, p. 106):

No sentido amplo, constituem-se como agrupamentos tipificados de acordo com as condições de organização espacial tradicional, e da feição geopolítica nacional com características diferentes e desiguais de integração e na região, local configuradas como populações tradicionais, interioranas e urbanas.

No lugar desta pesquisa, a configuração na ocupação do espaço e o modo de vida de cada família tem sempre uma relação com os espaços urbanos, seja no sentido econômico, quando algumas famílias comercializam algum produto com a área urbana, como o queijo ou peixes e ainda, aqueles que vivem de aposentadorias ou pequenas diárias se serviços esporádicos nos campos dos seus vizinhos.

Os moradores deste meio compartilham atividades em comum, tais como: pesca, pecuária, agricultura e os meios de transporte, enfim uma série de atividades culturais. A convivência nem sempre é harmônica, as divergências em função dos interesses religiosos, políticos e econômicos são sempre latentes. Na compreensão de Silva (2010, p. 109), esta reitera:

Embora sejam relevantes para comparar com a situação geral do país, esses indicadores deixam de quantificar o peso que eles têm na composição da renda familiar e na alimentação, a oferta de recursos naturais de subsistência (pesca, fruto e caça) que influenciam os hábitos de vida da maior parte da

população rural e ribeirinha, tornando menos graves as condições de sobrevivência do que as das populações pobres dos centros urbanos do país.

A Amazônia se comparada às outras regiões do espaço brasileiro, apresenta grandes perspectivas de exploração do seu grande potencial, dada a diversidade biológica que se apresenta, mas muitas lutas precisam ser travadas para a melhoria da qualidade de vida dessas populações.

Deve-se levar em consideração os seus fatores geomorfológicos como, as várzeas que são inundadas e a população diretamente afetada. É notável que as várzeas não apareçam na agenda das políticas públicas, uma vez que ficam num ritmo sazonal e sobrevivendo das artimanhas e conhecimentos adquiridos ao longo dos anos.

Nas enchentes as marombas são construídas e pessoas e animais convivem nos mesmos espaços à espera da vazante, o cotidiano é sobrecarregado de fé em seus santos padroeiros e orações à Deus à espera de milagres por melhores condições de vida. Porém, não existe um planejamento em longo prazo visando minimizar os problemas oriundos das grandes enchentes dos últimos anos que assolam as várzeas da Amazônia e agravando a qualidade de vida, como afirma Silva (2010, p. 110):

Uma progressiva pauperização atinge as populações humanas da Amazônia, os indicadores sociais e os índices de desenvolvimento humano são baixos, entre os mais baixos do Brasil [...] além disso, as fronteiras econômicas abertas na Amazônia, ao desagregarem formas tradicionais de sobrevivência na floresta, inauguram as carências alimentares e as fomes na região. Há condição social dramática da miséria e abandono na realidade amazonense.

As estratégias de sobrevivência das populações de várzea frente aos problemas que surgem, dependem unicamente de iniciativas individuais dos moradores, talvez seja pretensioso falar, mas se tratam de heróis que travam verdadeiras batalhas para sobrevivem às enchentes e vazantes dos rios amazônicos.

Um fator positivo é a demonstração destes moradores de seus tradicionais conhecimentos, adquiridos nestes mesmos espaços no convívio efetivo com esta biodiversidade, sabendo driblar os empecilhos naturais e muitas vezes dependendo de conhecimentos adquiridos as forças naturais lhes beneficiam,

porém em função dos grandes desequilíbrios causados pelas ações antrópicas as dificuldades só aumentam.

O sociólogo Freitas Pinto reconhece a necessidade de encontrar meios de implementar eficazes intervenções numa ação compartilhada de sujeitos internos e externos do meio amazônico. Certamente, há a necessidade de implementação política de desenvolvimento, uma política cidadã que aproveite os saberes tradicionais numa articulação de homem versus natureza, bem como medidas socioambientais nos espaços amazônicos. Muito mais que uma articulação no intuito de cumprir com as metas e deveres constitucionais, é o aproveitamento do potencial da sociobiodiversidade da Amazônia. Como afirma Pinto (2006, p. 242):

Desse vasto conhecimento que se produziu ao longo dos séculos e que inclui desde a dimensão mágica e cosmológica até o uso diversificado para alimentação, ornamentos corporais, ferramentas materiais de construção, medicamentos etc. a partir de espécies vegetais e dos animais ligados a esses sistemas ecológicos; é possível concluir que essas florestas se transformaram na base de sustentação e continuidade dessas sociedades e grupos humanos e, portanto, em vastos laboratórios em experimentação.

É uma diversidade de saberes da complexidade material e imaterial no cotidiano das populações locais, que oferecem um legado de conhecimentos e possibilidades na canalização desse modo de vida, mas precisam de manifestações da vontade política e acadêmica para o exercício de provimento sistemático destes espaços, visando trilhar para desenvolvimento das potencialidades do Baixo Amazonas.

Nestes espaços, se vê um capital natural a ser tratado com responsabilidade dos estudiosos que tratam das políticas socioambientais, pois seria uma incoerência o não aproveitamento dos conhecimentos adquiridos ao longo dos anos, bem como um percurso contrário no que tange ao que se denomina hoje de desenvolvimento sustentável.

Afloram a cada ritmo de vazante e enchente novas formas de se lidar com o ecossistema, em função das ações humanas, assim o aspecto social e o ambiental são bens de um dado contexto local, assim ao se definir metas e ações práxis se deve levar em consideração os valores étnicos e culturais. Na reflexão de Pinto (2006, p. 243):

A tendência é que as etnociências adquiram uma força maior à proporção que os estudos antropológicos se ampliem nas universidades da região, pois afinal esse seria um de seus campos de atuação prioritários [...] revelando, de um lado, sua grande riqueza, e do outro, nossa grande ignorância e indiferença diante do patrimônio cultural da Amazônia.

O pensador visualiza as perspectivas do espaço amazônico como um palco de possibilidades, mas com as articulações do conhecimento científico e o conhecimento tradicional, é necessário estabelecer uma comunicação adequada com a sociedade no intuito de construção de uma política justa frente ao impacto socioambiental, esses cuidados são necessários para minimizar os possíveis conflitos e variações ambientais. É neste contexto que buscamos registrar os conhecimentos dos moradores, pesquisando nestes espaços as atividades socioculturais em torno do futebol, assim na missão de compreender a dimensão neste núcleo da pesquisa, fizemos alguns registros etnográficos das comunidades de "Nossa Senhora de Nazaré e Harmonia".

Foi possível observar e descrever rituais das expressões socioculturais, desde o momento em que os pais se preparam para ir à comunidade, onde as crianças se vestem à maneira dos pais, ou seja, prontos para o ritual do futebol e a esposa acompanha o marido junto aos filhos.

Seguem o trajeto à comunidade nas canoas com "motor rabeta", onde qualquer membro da família tem a habilidade de dirigir aquele meio de transporte, perfilados nos bancos, com seus animais de estimação e até a chegada na comunidade é um momento de encontro das famílias, dos compadrios, as bênçãos como sinal de respeito pelos tios, padrinhos e avós.

Durante os jogos cada observador tem sua opinião, poderíamos dizer que são técnicos à sua maneira, as discussões são inacabadas, surgem as mais diversas polêmicas permeadas de emoções, assim seja o resultado do jogo positivo ou negativo, há sempre uma diversidade de justificativas atribuídas aos resultados das partidas.

No contexto das comunidades, esses encontros e convívio muito frequente nos finais de semana, se constituem o momento de expressar os acontecimentos, de compartilhar das novidades semanais, são eventuais encontros em torno do futebol como veículo de manifestações das vivências.

Afloram aspectos além do fenômeno esportivo que ocorrem nas comunidades, DaMatta (1982, p. 21) sobre "O Universo do Futebol" o pensador: "[...] chama a atenção para relações, valores, ideologias que, de

outro modo, não poderiam estar devidamente isolados dos motivos que formam o conjunto da vida diária [...]"

Em torno do futebol se reúne uma série de atividades socioculturais, onde os temas das discussões são bem diversificados, é o que DaMatta chama de "dramatização que o futebol permite realizar". Transcende além deste aspecto a possibilidade de análise, leitura e uma reflexão das manifestações socioculturais na Amazônia.

Alguns aspectos da vida diária que podemos anotar dentre eles: a linguagem, a expressão corporal, o parentesco, as relações de afetividade, enfim uma riqueza inesgotável de possibilidades de interpretações e problemáticas que permitem uma série de análises.

CAPÍTULO III: CAMINHOS TRILHADOS PELO FUTEBOL

3.1 O futebol no gênero feminino

Essa práxis criadora e de singularidade do ethos humano torna as mulheres construtoras da história. Momento síntese de sua objetivação e hominização. Elas transformam a natureza num processo imaginativo de criação e recriação de si mesmas, exteriorizando-se para o mundo.

Iraíldes C. Torres

Através do fenômeno esportivo este estudo visa a compreensão das relações de gêneros nos espaços do futebol como lugar propício no entendimento das manifestações socioculturais, nos levando a uma análise além dos fatores biológicos, mas sobretudo fatores sócio históricos que caracterizam essa prática no contexto do cotidiano das comunidades de várzea.

O gênero feminino exerce um papel crucial no entendimento das relações intrínsecas na estruturação das práticas de lazer das comunidades rurais, uma vez que o futebol está diretamente relacionado como a principal atividade sócio educacional nos intervalos das aulas nas comunidades, sendo as mães as pessoas que mais acompanham a educação dos filhos. Sendo assim, indiretamente percebem a necessidade da prática do futebol como um meio na formação educacional de seus filhos.

Visto sobre a ótica das relações dos gêneros, os espaços do futebol possibilitam fazer uma leitura da complexidade das manifestações socioculturais nos contextos rurais que explicitam a comunicação e conduta dos valores que norteiam o imaginário no meio amazônico.

Nestes espaços a aproximação da prática do jogo de bola pelas mulheres se dá inicialmente na dimensão educacional, mas em função do jogo de valores de todo o processo histórico social, o preconceito figura no centro das relações, a disputa entre os sexos e o discurso ainda se evidenciam na "habilidade do homem forte em detrimento da mulher tida estereotipada como fraca e sutil" (grifo nosso).

Os valores socioculturais presentes nestes contextos rurais são construídos de longa duração por uma ideologia machista, essas construções simbólicas se

evidenciam nos espaços do futebol masculinizado, mas o não sexismo é um discurso atual da prática pedagógica.

Os docentes desenvolvem transposições didático pedagógicas, equacionando a valorização e igualdade dos gêneros, é certamente um exercício de consciência crítica e cidadã que se desenvolve nos contextos escolares.

A participação das mulheres nos espaços de futebol em relação aos homens sempre foi um aspecto de segregação, uma vez que historicamente os argumentos construídos sempre foram de valorização dos homens em detrimento das mulheres, a sociedade supostamente afirmava ser uma diferença natural e o lugar reservado às mulheres era a de "protetora do lar", mas hoje esses discursos que foram construídos contexto das relações de gênero tem apresentado mudanças significativas.

No período histórico do patriarcal ou paternalismo⁴⁴ a centralização do poder figurava nos homens onde as mulheres eram submissas e meras coadjuvantes. Como forma de manutenção do poder os papéis no contexto social eram bem definidos. Porém as relações sociais foram se transformando e ganhando novos significados.

Para Torres (2009, p. 73) "[...] existem claves que tomam rumos diferenciados, assim como existem espíritos capazes de atos de grandeza, fervores e rupturas no curso de suas vidas". Novas práticas de manutenção de poder foram se construindo com a participação dos movimentos feministas.

Rinara Nívea (2013) afirma:

Se nós mulheres não buscarmos melhorar a nossa qualidade de vida sempre estaremos à mercê do marido e, acredito que hoje com os programas educacionais que chegam nestas áreas é possível termos um espaço ou um novo rumo em nossas vidas. O fato é que não podemos nos acostumar com essa submissão, temos é que pensar que com essa melhoria será importante para nós enquanto mulheres e, ao mesmo tempo teremos meios de como manter e pensar o futuro de nossos filhos (informação verbal).⁴⁵

Este relato da entrevistada nos enalteceu enquanto pesquisador, uma vez que foi um diálogo carregado de emoções e em cunho de desabafo, enfim um dos exemplos que define bem o cotidiano das mulheres, onde esta mostra suas angústias e desejos de construir um futuro melhor a partir de suas conquistas pessoais, vislumbrando serem reconhecidas socialmente.

Um fator preponderante nas comunidades pesquisadas é o grau de escolaridade da maioria das mulheres, que tem somente o ensino fundamental e quando decidem ir para as cidades à procura de melhores condições de vida, percebem que devido à escolaridade é crucial nos empregos.

O trabalho doméstico é uma das alternativas em que são apresentadas nas cidades àqueles com baixa escolaridade. Neste sentido Torres (2005, p. 158) afirma: "[...] aquelas que se ocupam desse tipo de trabalho geralmente são mulheres que possuem menor escolaridade e praticamente sem qualquer experiência profissional no mercado de trabalho".

As expectativas em torno de mobilidade e perspectivas de mudança de vida acabam provocando outros agravantes sociais, tais como, o desemprego e violência contra mulher, mas para muitas como Rinara Nívea (2013): "[...] sair da invisibilidade já é uma grande vitória." (informação verbal)⁴⁶. A interação entre as mulheres oriundas das várzeas para as cidades oportunizam novas formas de organização social.

É, certamente um ganho de cunho social e político, a questão da consciência do papel da mulher intrínseco nestes relatos, embora a maioria das mulheres não percebam a sua condição de submissão, mas esta com tom de liberdade, deixa transparecer em seus relatos as conquistas educacionais que possibilitam quebrar paradigmas socioculturais.

Rinara Nívea (2013) afirma:

Um exemplo do não reconhecimento de nosso trabalho é quando pegamos o motor rabetá para ir à comunidade e os que passam ficam comentando quando é uma mulher dirigindo mas, se é o homem é algo normal [...] o pior de tudo é que as próprias mulheres são as que mais falam (informação verbal).
⁴⁷

A situação que compreendemos pelos relatos, são as relações de poder que estão sobrecarregadas de uma situação simbólica historicamente construídos. Os homens se aproveitam desta situação, mas se faz necessário um trabalho sócio histórico no qual os gêneros reconheçam o papel do outro frente aos abusos existente. Para Torres (2002, p. 131-132):

O Estado brasileiro sempre enfrentou a questão a pobreza de forma casuística, descontínua, sem efetividade e sem planejamento [...] uma forma de dependência, apadrinhamento e clientelismo. Muitas vezes, os usuários das

instituições de bem-estar não se reconhecem como sujeitos dessa relação, mas como seres passivos e incapazes diante da sociedade.

Nos espaços urbanos esse casuísmo e clientelismo é visto em algumas iniciativas pontuais por parte de mulheres de prefeitos que executam trabalhos de cunho social, mas visam favorecimentos do poder público.

Para Torres (2002, p. 22) "[...] o Estado se exime de sua responsabilidade e da sua função de intervenção na chamada 'questão social', transferindo essa responsabilidade para a própria sociedade sob a direção das primeiras-damas".

É sabido que essa é uma questão cultural, construída historicamente onde cabe às mulheres tratarem das questões sociais e o poder público se apropria das mazelas sociais sobre o pretexto de bem-estar se eximindo de suas responsabilidades públicas.

Tertulina Souza (2013) relata: "[...] no passado os pais já definiam os trabalhos que eram de mulheres e os de homens e na comunidade hoje já se vê mulheres jogando bola, mulheres dirigindo comunidades, as coisas mudaram muito." (informação verbal)⁴⁸. Diante deste relato se percebe que esses poderes já se construía nos seios familiares e se fazem presentes. Para Perrot (2008, p. 150) "[...] as mulheres, precisam de um espaço de solidariedade, de sociabilidade, de abertura para o mundo e de tomada de responsabilidades".

É preciso iniciativas de cunho institucional e ordenamento constitucional sistematizado para os casos de Assistência Social, onde o Estado se utiliza destes trabalhos como um fim político de favorecimento à máquina administrativa em detrimento da população, é um serviço de direito constitucionalmente adquirido. Torres (2005, p. 105) afirma: "[...] é ficção e encontra significação no mundo imaginário e não nas estruturas das sociedades".

Neste aspecto de análise, os espaços de sociabilidade como é o caso do futebol, serve como um lugar propício de intercâmbio das relações simbólicas na construção de redes de cidadania.

Na perspectiva de Torres (2011, p. 1):

Verificamos que as relações sociais são transpassadas pelo trabalho e por uma rede simbólica de sinais e significados. Mulheres e homens pautam suas relações com os elementais terra, floresta e rios com respeito e reverência, estabelecendo um pacto de preservação do ambiente natural em face da natureza dadivosa.

As relações cotidianas resultantes das atividades laboriosas constituem-se a organização da vida familiar, dentre outras questões, onde os gêneros exercem papéis que se completam na manutenção da família. Nas concepções de Torres (2005, p. 154), "[...] o significado social das atividades da mulher é bem mais diversificado e participante do que geralmente possamos supor".

Na comunidade pesquisada as mulheres desenvolvem atividades nas plantações, na criação de gado, no cuidado do lar, são pessoas que fazem parte integralmente do processo produtivo. Segundo Torres (2005, p. 148), "[...] são elas que se ocupam da limpeza do campo sob a técnica da capinação e da *coivara*, que consiste na queimada do matagal retirado para adubar e hidratar a terra para o plantio".

É uma atividade pesada que compõe o cotidiano das mulheres, mesmo assim, ao chegar em casa cuidam de seus filhos e de todos afazeres domésticos, este é um papel visto nestes espaços de forma estereotipada, que segue no púlpito dos valores simbólicos no cotidiano das relações de gêneros, embora em alguns ambientes já se configuram uma nova forma de pensar o papel da mulher. Jacira Vasconcelos (2013) afirma:

[...] Já é um costume nosso aqui, acordar cedo, fazer o café e cuidar das crianças, dos balcões, das roupas, dos animais domésticos, da limpeza da casa e do almoço [...] às vezes os homens ajudam a juntar o estrume para fazer as hortas [...] mas infelizmente a maioria dos homens não acham que é trabalho, graças a Deus o meu marido reconhece o que eu faço, mas tem uns que ainda chegam brigando (informação verbal).⁴⁹

Nestes relatos se percebe o número de atividades desenvolvidas pelas mulheres, bem como, a revelação de que pouco tempo resta às mulheres para o descanso, uma vez que a jornada é intensa, a mesma afirma ainda a falta do reconhecimento de seu trabalho. Segundo Torres (2011, p. 10):

As mulheres falam ao mundo, comunicam suas existências através do seu trabalho. Não é o aspecto da reprodução humana que funda a condição de ser histórico e social das mulheres, são as suas práticas sociais decorrentes do seu trabalho. Cabe às ciências, reconhecerem o aspecto produtivo do trabalho das mulheres.

A comunicação da existência de seus trabalhos e papéis que assumem nas comunidades rurais é perceptível quando se vê que cabe a estas a organização de eventos sociais, onde os homens confirmam a necessidade das mulheres organizarem as ações da comunidade, assim se fortalecem a condição paternalista, onde um fala e o outro obedece.

As discussões em torno do trabalho nas sociedades atuais colocam a mulher no centro destes debates, a cada dia a mídia vem dando mais visibilidade a estas questões, nos espaços das comunidades rurais é possível identificar discursos resultantes destes debates, mas são expressões pequenas diante do imenso mapeamento populacional.

Foucault discute as relações de poder travadas no cotidiano entre mulheres e homens, os quais este denomina de "feixe de relações", este vai explorar as múltiplas direções de poder e suas resistências.

Nos espaços de futebol essas relações de poder configuradas historicamente por "estruturas de dominação" começam a mostrar suas fragilidades, uma vez que a cultura é dinâmica e as informações circulam com maior velocidade. Algumas das mulheres das comunidades pesquisadas afirmam em seus discursos que seus maridos estão mais flexíveis, mas essas flexibilidades são ínfimas diante da realidade apresentada nesses espaços, Jacira Vasconcelos (2013) afirma:

Agora por aqui nós temos mais meios de comunicação, antigamente era só o rádio agora temos a televisão, esses programas nos ensinam muitas coisas boas e ruins e acho que é por isso que as coisas em nosso ambiente familiar estão mudando (informação verbal).⁵⁰

Em nossa compreensão o poder produz mudanças à adequação de novas situações da realidade sócio histórica nas atividades humanas e se apresentam em novos contextos a partir de conhecimentos adquiridos. No dizer de Elias (1993, p. 193-194):

[...] o controle efetuado através de terceiras pessoas é convertido, sob vários aspectos, em autocontrole, que as atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comunal e investidas de sentimentos de vergonha, que a regulação de toda vida instintiva e afetiva por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizada.

As mudanças ocorridas do ponto de vista do gênero feminino a partir de novas configurações sociais têm provocado condutas comportamentais de cunho individual e coletivo, seja nos espaços das modalidades esportivas ou nas mais diversas áreas do conhecimento.

Entre essas novas formas ou modalidades está o futebol que Elias denominou de efeito *catártico*⁵¹, devido às suas propriedades de possibilitar a liberação de emoções e tensões provenientes do stress das atividades diárias, é uma atividade que não ameaça a ordem social dos grupos, por ser uma prática de lazer controlada em função de suas regras estabelecidas.

Na sociedade contemporânea, devido às mudanças aceleradas ocorridas com o impacto das tecnologias da informação determinam novas configurações socioculturais. Para Elias (1994, p. 159), por exemplo, "[...] as normas mudam com as relações de poder [...]", nesse sentido o direito ao lazer feminino e as possibilidades de cidadania social ficam mais evidentes.

O futebol do gênero feminino nas comunidades pesquisadas são eventos que ocorrem com a participação das mulheres como torcedoras dos times dos filhos, dos esposos e dos amigos. Aqui transcorre o que Foucault denominou de "teia de poderes", cabendo às mulheres o papel de coadjuvantes nas partidas de futebol onde a hierarquia se construiu a partir do corpo sexuado.

Durante o percurso desta pesquisa, observei que a maioria dos torneios de futebol, ainda são reservados aos homens no palco dos acontecimentos e em nossas ponderações, podemos inferir que a participação das mulheres está num processo de construção de seus espaços, embora não sejam as atrizes no palco do futebol, as expectativas por parte dos homens são negativas, como se observa nos relatos de Vivaldo Reis (2013):

Os torneios de futebol entre as comunidades sempre existiram, mas nós temos dificuldades de organizar um evento e principalmente quando a mulherada quer jogar, fica mais difícil porque tem mais gastos e muitos não colaboram para custear as despesas (informação verbal).⁵²

Está é uma afirmação de muitos comunitários e vem confirmar e fortalecer a questão dos poderes das estruturas paternalistas presentes no interior das relações destes contextos. Indicam acima de tudo a concepção moral dos homens marcados por um processo histórico que ainda figura nossos espaços na construção sociocultural.

De acordo com Dunning (1992, p. 390), o "[...] desporto, tradicionalmente é uma das mais importantes áreas reservadas masculinas e por esse motivo de potencial importância para o funcionamento de estruturas patriarcais". Estes são os mecanismos de poder que figuram no cotidiano e permitem o papel de coadjuvantes às mulheres. Neste início de século as mulheres tem adquirido sucesso não só no futebol encantando o mundo, mas em diversas atividades desportivas e muitos chegam a dizer que as mulheres "tem mais garra", mas nossa compreensão é a equidade entre os papéis e não a supremacia.

As próprias mulheres das comunidades fortalecem os discursos estereotipados, a maioria dessas mulheres prefere ficar em casa cuidando das crianças ou evitam ir aos torneios nas outras comunidades para evitar gastos. Há nesse pensamento a afirmação de que as próprias mulheres fortalecem os discursos paternalistas.

Os discursos funcionam como uma espécie de afirmação da virilidade e do papel natural predestinado às mulheres à inferioridade. Segundo Bourdieu (2010, p. 67), "[...] a virilidade é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo".

É possível observar no contexto dos jogos de futebol a satisfação das mulheres cuidando das crianças para que o marido se divirta, sentem-se satisfeitas ao ver na expressão dos maridos, ou seja, eles representam o domínio da masculinidade sobre o corpo feminino.

A expressão representada pela mulher configura-se como a continuidade da supremacia de um gênero sobre o outro, contrariando os discursos de uma sociedade livre e igual. As mulheres são "acorrentadas" por sistema de pensamento construídos e representados nos mais diversos espaços. Segundo Beauvoir (1980, p. 489):

Quanto tempo e forças desperdiça para liquidar, sublimar, transferir complexos, falando das mulheres, seduzindo-as, temendo-as! Libertá-lo-iam, libertando-as. Mas é precisamente o que receia. Obstina-se nas mistificações destinadas a manter a mulher acorrentada.

No conjunto das relações e desigualdades sociais entre homens e mulheres, os discursos da desigualdade continuam se perpetuando e legitimado pelos poderes contemporâneos que lhes atribuem denominações da mulher frágil, assim coloca as mulheres num estado de insegurança ou dependência corporal,

estes discursos da dominação masculina se reproduzem principalmente no contexto das famílias.

Na contemporaneidade, as atividades socioculturais como o futebol, são espaços onde se revelam a força dos gêneros no que tange às conquistas, sejam estas de cunho erudito ou das habilidades físicas, ou seja, não são os aspectos biológicos que determinam as atividades sociais como no passado, mas depende unicamente de suas atividades desenvolvidas no contexto social.

Segundo as concepções de Bourdieu (2010, p. 45):

[...] a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se veem envolvidas, esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica.

Nesta análise as concepções de *habitus* à luz da compreensão de Bourdieu vem à tona, considerando que as mulheres colaboradoras desta pesquisa, evidenciam em seus discursos palavras do tipo, "estamos acostumadas", "sempre foi assim", "a mulher deve respeitar o marido". Nesta concepção de pensamento Bourdieu (2010, p. 82) confirma "[...] a dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos [...] tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica".

A instituição família perpetuou a "fragilidade" feminina, orquestradas numa sintonia sociocultural desta relação de submissão ser uma coisa natural, mas nas últimas décadas os movimentos feministas tem travado lutas no intuito de alcançar uma relação saudável nesse equilíbrio das forças nas famílias.

As mulheres hoje se inserem nas mais diversas situações socioculturais, buscando alternativas aos problemas do cotidiano onde tem se mostrado inovadoras nas atividades desenvolvidas, o jogo de bola se configura como uma dessas atividades.

É crucial levantarmos a questão das inovações e capacidade criativa das mulheres, se mostram cada vez mais eficazes no desenvolvimento de suas atividades, uma vez que muitos teóricos mencionam o reconhecimento das mulheres em igualdade entre os homens, mas este fato destaca certa "superioridade dos gêneros". Enfim, é necessário sugerir aspectos

socioculturais da afirmação feminina e não a utilização do referencial masculino.

O gênero feminino nos mais diversos espaços socioculturais ocupam notoriedade, mas devido as contradições e conflitos de um sistema de dominação masculina, estas ficam relegadas nos parâmetros masculinos de sociedade.

É necessário rever as conquistas do gênero feminino, os seus papéis na sociedade, e assim traçar novas diretrizes para um movimento feminista e o ideal de sociedade de um Estado democrático de direito.

As relações sociais dos gêneros têm se apresentado em estado de desigualdade através das diversas gerações, apesar das transformações ocorridas nestes últimos anos, os modelos patriarcais tendem a se manter se reestruturando nos diversos espaços sociais, logo, é necessário repensar nossos valores e a construção dos saberes nos diversos espaços.

O desenvolvimento sociocultural é algo que deve ser pensado à luz dos gêneros uma vez que a dominação do gênero masculino é visível e nos espaços desta pesquisa este fator é evidente e se perpetua um comportamento de relação de poder corporal. Em “Vigiar e Punir”, Foucault (1993, p. 125) destaca que:

[...] durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo que se manipula, se modela se torna hábil ou cujas formas se multiplicam.

As construções desses comportamentos nas práticas socioculturais dos gêneros estão atreladas a todo um processo sócio-histórico no que tange à formação das instituições, tais como: igreja, família e a escola. Nestas instituições se concretiza a estrutura das práticas desportivas, uma vez que são lugares de sociabilidades e, assim constituem-se em modelos de práticas socioculturais.

As instituições dão legitimidade à funcionalidade destes poderes a partir do exercício de suas ideologias, num processo de sociabilidade das relações de gênero, onde as mulheres se encontram submissas nesses papéis, mas se sabe que hoje essas fronteiras de desigualdades começam a se romper, e assim estas buscam abrir novos caminhos em suas manifestações.

No palco do futebol neste início de século, o gênero feminino vem aderindo ao futebol, inclusive o bom desempenho da seleção feminina de futebol, possibilitando fomentar discussões sobre o papel das mulheres nas políticas esportistas, assim paulatinamente as características paternalistas observadas nas relações de gênero vão aos poucos sendo desconstruídas.

3.2 O futebol infantil, sub 17 e sub 20

Em nossa análise nos propomos compreender os significados das categorias infantis, sub 17 e sub 20 que vem se caracterizando como conquistas acerca da prática do futebol, nesses espaços de sociabilidades. Neste início de século, as categorias têm propiciado cada vez mais pesquisas por parte de estudiosos do assunto e alcançam cada vez mais notoriedade e posição de destaque, no cenário sociocultural dos espaços brasileiros.

A participação destas categorias em nossas análises permite-nos um olhar nas relações no cotidiano das áreas pesquisadas, no intuito de compreender como estas categorias são inseridas nos contextos esportivos das comunidades. Aldenir Reis Vilaça (2013) relata:

Aqui em nossa comunidade as crianças nos acompanham e na hora dos jogos dos adultos elas improvisam traves na frente da comunidade e brincam de jogar bola até a hora de ir pra casa com a gente [...] aqui quem não joga com os adultos no campo grande é, porque ainda não aguentam então não existe categoria [...] aqui é pelo tamanho e disposição [...] as mulheres também jogam mas também separadas uma vez ou outra [...] (informação verbal).⁵³

Aldenir Vilaça (2013) faz uma tessitura de como são caracterizadas as categorias infantis, sub 17 e sub 20 nos espaços das comunidades rurais, onde o acesso ao futebol por estes se dá pela vontade individual daqueles que desejam praticar o jogo de bola.

É um universo espacial, diferente dos contextos urbanos, não existem escolinhas de futebol nestes espaços, mas simplesmente o aprendizado como aspecto da tradição cultural, onde os filhos adotam as práticas de lazer dos agrupamentos sociais a qual estão inseridos.

A fluência do futebol se dá por iniciativa de alguns particulares, mas há perspectivas de intervenções por parte do poder público a partir de projetos das secretarias municipais de educação, onde são inseridos nas propostas pedagógicas de ensino.

A disciplina escolar Educação Física, tem propiciado resultados nos espaços escolares, seja na prática de exercícios corporais ou no sentido de

buscar um meio de motivar os estudantes a estarem na escola, enfim a prática nas atividades esportivas vem se tornando um mecanismo que possibilita diminuir a evasão escolar.

Nos espaços das cidades há grande interesse por "escolinhas" de futebol infantil e adolescentes, que identificam possíveis craques ou novos talentos, visam formar indivíduos na utilização de todas as suas potencialidades enquanto rendimento e valor de mercado e vem evoluindo pessoas que tem se revelado por essa prática no sentido profissionalizante.

Essas modalidades são comumente denominadas categorias de base, as quais são cruciais aos grandes clubes, que buscam nos atletas meios de utilização de todo o seu potencial físico e intelecto, ou seja, todo o rendimento possível atrelado às tecnologias existentes na melhoria do desempenho do atleta.

A busca incessante pelo alto rendimento, como efeito da mercantilização dos atletas do futebol, impede que a prática desportiva se caracterize como uma atividade de manifestação sociocultural se levarmos em consideração a nossa sociedade capitalista caracterizada pelo individualismo.

Na área pesquisada essa preocupação com o alto rendimento individual não existe, o espírito coletivo é presente, uma vez que os laços de parentescos são evidentes. Trata-se de uma área de várzea onde a composição de uma equipe já é uma das dificuldades evidenciadas, segundo Joaquim Alexandrino (2013):

‘Muitas vezes nós contamos com aqueles que vêm de outros lugares e mesmo das cidades que compõe a equipe’, mas segundo este colaborador, ‘é necessário colocar essa juventude desde início para aprenderem como é dentro de campo’ (informação verbal).⁵⁴

As crianças e jovens iniciam desde cedo a prática do jogo de bola numa relação de parentesco, mas é nos espaços do futebol de campo das comunidades e acompanhadas pelas famílias que aprendem a relação do futebol como prática desportiva, regida por regras próprias.

Talvez seja pela relação de parentesco, a explicação das relações sociais nestes lugares serem bem mais próximas, nesse entendimento é possível compreender que o futebol cumpre com uma função sociocultural, haja vista que cria possibilidades de inserção das crianças e adolescentes no cotidiano dos moradores.

É possível identificar a representatividade do jogo bola no imaginário das crianças, que buscam se divertir, mas permeia nesse fenômeno as sociabilidades. Torna-se uma prática universal entre eles, funciona como meio de manifestação, daí um meio exequível como elemento para a compreensão da complexidade da vida deste contexto.

Talvez estas ponderações observações, expliquem as falas onde o povo diz que "todo brasileiro já nasce sabendo jogar bola", assim se explica que através do futebol as manifestações socioculturais ganham significados desde a tenra infância na vida do brasileiro.

Se tornar um grande craque, ganhar fama e dinheiro tem motivado muitos jovens a buscar os campos de futebol desde cedo, assim se torna um fator intrínseco na mentalidade dos jovens brasileiros, estes veem no futebol a possibilidade de uma vida de sucesso e glória. Para DaMatta (1982, p. 27):

Creio que é por possibilitar essa dialética de individualização e coletivização, que o futebol permite no caso brasileiro, o importante conflito entre 'destino' impessoal e vontade individual. Sendo assim, são muitos os jogos de futebol que, no Brasil permitem sua 'leitura' enquanto paradigmas de um combate entre as forças coletivas e impessoais (do destino) e as vontades individuais que buscam escapar do ciclo da derrota e da pobreza.

As histórias de craques que conseguiram a façanha de chegar no topo da fama oriundos de realidades socioculturais carentes como Ronaldinho, Neymar, Ronaldo (fenômeno), Robinho, são alguns exemplos, motivam milhões de crianças e jovens a traçar a mesma trajetória, ou seja, há antecipadamente aos treinos um imaginário na mentalidade coletiva que visa favorecer essa busca incessante em praticar o futebol e se configurando como reflexo do mercado capitalista. Conforme DaMatta (1994, p. 11):

[...] atividade destinada a redimir e modernizar o corpo pelo exercício físico e pela competição, dando-lhe a higidez necessária à sua sobrevivência num admirável mundo novo, nesse universo governado pelo mercado, pelo individualismo e pela industrialização.

Em função da mundialização, os clubes brasileiros buscam a valorização de seus craques como forma de mostrar o "futebol arte", assim evidenciam a espetacularização e marketing através da mídia, para as negociações dos craques e principalmente aqueles recém-saídos das categorias de base.

O futebol por ser um fenômeno de massa, chega influenciando nos mais diversos lugares do espaço brasileiro, independente do espaço escolar ou categorias de base, a ideia de se tornar um craque de bola permeia o imaginário de crianças, jovens e adolescentes, mas há problemas sociais das mais diversas ordens, como bem reitera DaMatta (1982, p. 107):

[...] Há outro jogo que se passa na vida real, jogado pela população brasileira, na sua constante busca de mudança para seu destino. E um terceiro jogo jogado no 'outro mundo', onde entidades são chamadas para influenciar no evento e assim fazendo, promover transformações nas diferentes posições sociais envolvidas no evento esportivo. Tudo isso revela como uma dada instituição, no caso o Football Association, inventado pelos ingleses, pode ser diferencialmente apropriada.

Podemos inferir com base nestes pressupostos de DaMatta que o futebol é um dos meios de compreensão dos problemas socioculturais de nossos espaços, a cada dia povoa o sentimento e o imaginário dos gêneros masculino e feminino, bem como do público infantil.

A popularização do futebol no Brasil, nos leva a inferir na crença de que no Brasil os garotos já nascem com habilidades para jogar futebol. Partindo dessa premissa mítica do talento inato ao jogador, as opiniões se divergem em torno dessa questão. Em entrevista ao Jornal Nacional, dia 21 de janeiro de 1999, Edson Arantes do Nascimento (Pelé), considerado por muitos como o maior jogador de futebol do mundo, declarou que "futebol não se aprende", reforçando a crença que já se nasce no Brasil sabendo jogar futebol (SCAGLIA, 1999, p. 35).

Para Reinaldo Vasconcelos (2013) "[...] os jovens aprendem desde cedo as regras do jogo e a sua função tática dentro do campo." (informação verbal)⁵⁵, neste relato, podemos compreender nestas redes de sociabilidades a ideia de poder intrínseco sobre os corpos numa questão de "disciplinarização" das regras do futebol, bem como da manipulação do corpo para a prática do futebol.

Para Foucault (1993, p. 127): "[...] o poder do corpo; faz dele por um lado uma aptidão, uma capacidade que ela procura aumentar; e inverter por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso e faz dela uma relação de sujeição estrita".

A preparação do corpo se dá nas comunidades atreladas à rede de sociabilidade no sentido sociocultural, haja vista que os pais desde cedo se

preocupam em preparar o filho para viver em comunidade. São espécies de poderes, em que os pais cumprem com uma das suas funções sociais do grupo, mas é sempre uma forma de manipulação ou controle social.

Como esclarece Matos (2008, p. 50):

Tal aprendizagem inicia ainda quando criança, sob a orientação dos pais por meio da oralidade e da observação de derrubar árvore a machado individualmente ou em dupla, cavar a terra, remar, carpir entre outras atividades. A essas práticas está imbricado um ritmo na sua execução que ao ser assimilado torna-se fator importante para sua continuidade.

A estrutura familiar das regras sociais, são espécies de camisa de força na execução de atividades, as crianças aprendem a participar do grupo desenvolvendo atividades adquiridas pelo próprio grupo. Como nos diz Matos (2008, p. 53) em páginas seguintes: "Em outras palavras, a apropriação de forças naturais ou artificiais para vencer a própria natureza ocorreu no sentido unilateral em prol da comodidade ou da melhor qualidade de vida".

No futebol uma equipe que deseja vencer, esse controle sobre o corpo se dá mais exacerbado uma vez que visam o máximo de rendimento nos atletas, daí estes serem alvos de um poder controlador de seus corpos. A educação dos corpos infantis nas atividades do local de pesquisa se dá nas escolas, é um meio educativo atrelado aos currículos das secretarias municipais de educação, é uma atividade física uniforme em todas as escolas de ensino fundamental. Porém, em toda sociedade há seus códigos educacionais no que tange aos seus movimentos corporais identificados pelo próprio grupo que segundo o antropólogo Lévi-Strauss (2003, p. 12-13):

As crianças são treinadas a controlar reflexos [...] inibir seus medos [...] selecionar paradas e movimentos [...] A educação da criança é repleta daquilo que chamamos detalhes, mas que são essenciais [...] inobservados e cuja observação deve ser feita, compõem a educação física de todas as idades e de ambos os sexos.

Na compreensão de Strauss fica evidenciado que a educação das crianças é fundamental no processo cultural a qual esta pertence, bem como, os saberes adquiridos são códigos estruturais do grupo ao qual pertencem e, portanto, espécies de laboratórios para o conhecimento científico.

Os movimentos corporais das crianças de determinada localidade já expressam características de seu ambiente social. Refletindo DaMatta (1995), podemos inferir que os espaços do esporte e do jogo são expressões que dramatizam os mais profundos ritos de determinada sociedade.

Os jogos de futebol são norteados pelo lazer e sociabilidades nos espaços das comunidades rurais, daí podemos compreender que acontecem nesses espaços manifestações de diversos aspectos da cultura popular.

Na interação dos jogadores e espectadores novos saberes são incorporados e este fator é uma das premissas da dinâmica cultural, assim as crianças são a garantia destas representações socioculturais. Neste contexto Pinto (2006, p. 223) afirma:

Um outro dado que não podemos deixar de considerar é o da relação entre esses processos culturais e histórico que produzem ou condicionam a diferenciação e o que passou a ser aceito como base para a construção das identidades. É assim que as diferenças e aproximações que passam a ser reconhecidas e reforçadas nas relações entre os próprios grupos, populações e sociedades assumem estatutos concretos e simbólicos, como necessidades afirmativas de existência, de sobrevivência e de continuidade cultural.

Diante do exposto acima, podemos ponderar que a dinâmica cultural está intrínseco aos jogos de bola nas comunidades, cabe às categorias infantis, sub 17 e sub 20 dar novos redirecionamentos na combinação dos elementos da cultura local aos fatores externos, evidenciando novas propostas na concretização de valores simbólicos.

A aprendizagem no contexto da área pesquisada não se caracteriza por uma pedagogia formal, mas por um costume da prática de futebol de pais para filhos, ou seja, não há uma preocupação ou responsabilidade profissionalizante, mas simplesmente uma prática comum no contexto local, haja vista que numa listagem de brinquedos entre eles o primeiro é uma bola de futebol.

As crianças desde cedo têm contato com a bola e o futebol acaba sendo incorporado às suas principais brincadeiras, se transforma conseqüentemente em um hábito. Segundo Bourdieu, "*habitus*" é um conjunto de elementos interiorizados e socializados que se estruturam a uma realidade objetiva. Enquanto Elias se refere ao "*habitus*" como "saber social incorporado", ou

seja, as experiências são acumuladas e sofrem modificações contínuas a partir das dinâmicas socioculturais.

No campo das estruturas destes espaços rurais está a instituição da família e da escola onde o jogo de bola passar ser crucial na diversão das comunidades, é uma atividade de lazer socializada na premissa de seus *habitus* culturais.

Primamos por este exercício epistemológico para poder compreender o universo das ditas categorias do futebol atrelados a um processo de ensino e aprendizagem. Nas áreas de várzea onde há o elemento da tradição da família que conceituamos por hábitos, são noções a partir das perspectivas de Elias e Bourdieu, mas devido ao encontro de fatores externos, tais como novas técnicas que vem compondo os clubes e são divulgados via mídia de forma geral, promovem mudanças comportamentais nas práticas socioculturais presentes nos contextos das comunidades.

Neste início de século no cotidiano das várzeas há certa tendência às mudanças mais estruturais, considerando a relação do poder midiático e os hábitos das comunidades, mas não significam rupturas absolutas, simplesmente o que Bourdieu denomina de "sistemas de disposições duráveis e transponíveis", ou seja, com novos significados incorporados.

Embora as categorias infantis sub 17 e 20 não exerçam um domínio enquanto atividade prática nos contextos da pesquisa, mas é relevante considerar que os moradores não têm preocupação direta com a idade para jogar bola, como afirma Ricardo Vasconcelos (2103):

Não importa a idade desde que ele dê conta e consiga jogar entre os adultos [...] a gente tem cuidado pra não machucar os menores na hora do jogo, porque aqui é como uma grande família, todos querem ganhar mas existe o respeito, são todos parentes, amigos, então a gente aproveita e todo mundo joga e assim, as crianças vão aprendendo desde cedo (informação verbal).⁵⁶

Nos relatos de Ricardo Vasconcelos, se observa que há uma preocupação com a integridade física e moral nos jogos de bola, mesmo que não os classifique por idade, nessa configuração percebe-se que nessas categorias é possível ver que no futebol há em torno de si, uma diversidade de interpretações, como afirma DaMatta (1982, p. 21):

As apreciações sobre futebol no Brasil são classificadas como discussões. Não se fala simplesmente de futebol. Discute-se, toma-se partido, fala-se de modo sério. Não se pode assumir uma atitude neutra quando se fala de futebol, mesmo para negar-lhe a importância.

Analisar os diversos aspectos presentes nos contextos socioculturais é uma tarefa difícil dada a diversidade de fatores para dar conta, mas é possível observar fatos bem reais como a relação de aprendizagens entre pais e filhos no cotidiano das comunidades, onde se percebe sentimentos e emoções bem diferentes da relação das escolinhas de futebol profissionalizantes.

Nas comunidades entre aqueles que ensinam e quem pratica o futebol as relações são mais próximas, se percebe o espírito coletivo nos seus sujeitos, enquanto que nos espaços das cidades a carga do individualismo dessas relações é maior.

Podemos inferir dizer que nas comunidades há fatores positivos no que tange às relações de sociabilidade. DaMatta (1982, p. 21) parte do pressuposto que, "[...] o esporte faz alguma coisa para, com ou contra a sociedade, podendo ser instrumento neutro, negativo ou positivo [...]".

No processo de ensino e aprendizagem, a transmissão dos conhecimentos nas comunidades rurais e o preparo das crianças e adolescentes se dão norteados pelo conhecimento empírico, é o que nos relata Antônio Barros (entrevista 2013);

A nossa filosofia de vida em relação ao futebol sempre foi a Deus dará [...] a nossa escola é a escola da vida, os jovens aprendem em qualquer lugar por aqui no terreiro e até nos currais da boiada [...] eu aprendi assim, antigamente tínhamos somente que aprender a ler escrever e fazer contas das quatro operações da matemática [...] mas o estudo era bem puxado, se não aprendesse a professora usava a palmatória e na hora da bola a gente jogava com vontade mesmo, era um orgulho pro meu pai ver a gente ganhando uma partida e fazendo o melhor em campo [...] acordávamos bem cedo, fazíamos de tudo pro pai ficar contente e ganhar o direito de ir pra comunidade jogar bola [...] e por lá não podíamos brigar senão quando chegasse em casa teria um acerto com o meu pai, as coisas eram sérias e existia um grande respeito pelos mais velhos (informação verbal).⁵⁷

Antônio Barros (2013) relata ainda que "[...] o vigor físico e vontade de vencer é o que contava nas partidas de futebol [...]" (informação verbal)⁵⁸, ou seja, cada um parecia ser o protagonista de sua própria história, daí podemos considerar que os conhecimentos adquiridos destes indivíduos estão diretamente relacionados ao seu contexto sociocultural.

O futebol agrega na vida desses atores sociais a trajetória do modo de vida conscientemente de liberdade e lazer, são frutos de conhecimento do homem amazônico, estes comportamentos fluem nos espaços de futebol.

Os jovens estão inseridos nesse processo e são responsáveis e envolvidos conscientemente na trama das atividades socioculturais dado o aspecto da tradição transmitidos entre as gerações "[...] todo um outro conjunto de valores e relações [...]" (DAMATTA, 1982, p. 26).

Em certa medida, o futebol como espaço que dramatiza as relações sociais, é um dos mecanismos que promove o conhecimento e desenvolvimento sociocultural nos espaços amazônicos. O aprendizado está diretamente ligado à tradição dos valores culturais e funciona como o estabelecimento de códigos de lei intrínseco no subconsciente coletivo, onde o jovem compreende as verdades da vida sociocultural. Neste aspecto de entendimento Loureiro (1995, p. 85) faz a seguinte reflexão:

Na Amazônia seus mitos, suas invenções no âmbito da visualidade, sua produção artística, são verdades de crenças coletivas, são objetos estéticos legitimados socialmente, cujos significados reforçam a poetização da cultura da qual são originados. A própria cultura amazônica os legitima e os institui enquanto fantasias aceitas como verdades.

Loureiro nos traz à tona a reflexão poética do aprendizado da cultura amazônica, mas sobretudo os fenômenos estéticos, estes se revelam no cotidiano e são estabelecidos como verdades nos mesmos contextos em que são compartilhados. São incorporados às experiências vivenciadas por eles desde a fase infantil, constituindo-se na formação de hábitos e na aceitação do grupo a qual pertencem.

3.3 As manifestações socioculturais evidenciadas nos espaços de futebol

Teremos de equacionar ao lado dessa política rodoviária uma política hidroviária, atentos para a verdade de que o rio é vida, além de ser caminho. Estradas e rio configuram um binômio, que, conjugados e racionalmente usados, serão inquestionavelmente instrumentos eficazes e 'eloquentes, nas suas expressões geoeconômicas, para a ocupação humana da Hileia.

José Lindoso

Na topologia dos espaços de várzea a paisagem é apenas o espaço físico, mas se reserva aos sujeitos sociais a constituição de manifestações socioculturais e na integração de homem *versus* natureza. Nesses espaços se desenvolvem trocas simbólicas imerso no imaginário que caracterizam o homem amazônico.

Fluem nesses espaços entre rios e as matas do imenso universo amazônico uma diversidade de conhecimentos, frutos da complexidade da vida rural e os jogos de bola servem de palco apropriado dessas relações. Acordo com a afirmação Loureiro (2000, p. 80) reitera que:

Fala-se de um conjunto de relações culturais com o mundo, reguladas pelo poético que emana do devaneio do imaginário em liberdade e cuja mediação é feita por meio das simbolizações estéticas configuradas na mitologia, na arte, na visualidade amazônicas. Sendo assim, e sob o ângulo que reconhece uma atmosfera estetizante predominando em algumas sociedades cujas relações com a natureza propiciam isso, é possível se conceber uma poética do imaginário amazônico. Uma poética que se revela não somente nas criações dos diversos campos da arte, mas que também estabelece a forma de uma ética das relações dos homens entre si e com a natureza.

Nesse sentido, a partir de fontes poéticas Loureiro mostra a grandiosidade dos fenômenos éticos e estéticos que norteiam o cotidiano amazônico,

sobretudo a transfiguração do imaginário para a vida real que se consolida com a sociabilidade. É, uma forma reflexiva de enxergar a amplitude de informações das peculiaridades da região que se configuram nas experiências cotidianas.

Etnografando o cotidiano dos moradores do lugar da pesquisa, o amanhecer parece chegar mais cedo, o sol da manhã chega penetrando nas frestas das casas afetadas pelas enchentes, o relógio despertador destes espaços são os sons dos animais: o cacarejar das galinhas, o grugulejar dos perus, o grunir dos porcos, o relinchar dos cavalos, o mugir dos bois, durante o dia é comum ouvir esses sons e quando chega a noite, o coaxar dos sapos dão o tom na companhia dos berros dos bodes e cabras e o crochitar das corujas.

Os moradores já aprenderam a lidar com o tempo, eles antecipam algumas das atividades do dia antes da chegada do sol, *acordam geralmente 4 horas da manhã, pegam sua canoa e remo e vão ver seus espinheis e malhadeiras, antes que o peixe capturado morra porque sabem que a piranha pode devorá-lo e assim também cortar as malhas de suas malhadeiras, chegam em casa a esposa ou filha já fizeram o café, o que eles chamam de um café simples, rapidamente vão ao curral tirar o leite porque sabem que uma vaca que dá cinco litros de leite, mas se chegar o sol esta fica stressada no curral e como eles dizem ela suspende o leite [grifo nosso].*

Pela manhã, o preparo do café com tapioca reúne a família em torno da mesa, onde orar é fundamental para iniciar uma boa jornada pedindo bênçãos a Deus para o sucesso dos afazeres do dia, as mulheres ou homens cortam a lenha e deixam ao lado do fogão de barro, colocam o alimento de seus animais domésticos, alguns vão pescar para o consumo da família ou para venda, outros para o campo cuidar de gado ou participar de algum mutirão e só se reúnem novamente às onze horas para o almoço e à noite no jantar em família à luz das lamparinas que fica no centro da mesa.

No cardápio estão os peixes cozidos, assados ou fritos acompanhados pela farinha de mandioca. Após o jantar estes conversam um pouco, contam histórias, piadas e coisas engraçadas que ocorrem no cotidiano, mas dormem cedo e atam suas redes e a lamparina fica acesa até todos estarem deitados para dormir.

Estes fatores do cotidiano são emblemáticos no modo de vida e representam a "teia de saberes" construídos no contexto de suas relações socioculturais, vividas nestes espaços constituídos de uma lógica interna do comportamento social, adquiridos e constituindo-se em novas experiências

empíricas, como bem caracteriza Merleau-Ponty (1996, p. 1): "[...] o mundo é não aquele que penso, mas aquilo que eu vivo".

A realidade vivida e construída por estes habitantes constituem-se histórias sociais de aspectos simbólicos que lhes são peculiares. São os atores desta análise os quais descrevem com riqueza de detalhes o cotidiano vivenciado, como relata Antônio Barros (2013):

Aqui é meu espaço é onde me sinto seguro e quando vou pra cidade passo um dois dias e sinto falta de meus bairros, aqui sei se vai chover ou não, tenho tempo de fazer as coisas sem preocupação, até quando amanhece é diferente da cidade aqui o barulho é dos pássaros e das nossas criações e mesmo quando vou pra comunidade ver o futebol já sei que o bate papo é bom porque estarei entre amigos e eles falam a minha linguagem, até o transito aqui é bom quando pego meu motor rabeta já sei por onde passar tem os atalhos e as partes perigosas onde tem troncos com pontas que mal dá pra ver mas, que é daqui já sabe fora isso é tudo tranquilo (informação verbal).⁵⁹

A descrição e o apego ao *habitat* natural de Antônio Barros, se caracteriza como uma zona de conforto ao ambiente sociocultural vivido. Onde este construiu seus saberes e tem certos domínios da relação, espaço versus homem e ambiente dos mistérios do ecossistema natural.

O lugar de várzea para estes moradores constitui-se algo mais que moradia ou espaço geográfico, sobretudo está imerso as questões de história e memória de lugar. Constroem-se poderes no imaginário coletivo compartilhado pelos sujeitos sociais, suas relações vão além de suas conquistas econômicas e são sentidos socioafetivos de inspirações e perspectivas do grupo. Nas concepções sobre a questão espacial, Foucault (2002, p. 212) descreve:

Seria preciso fazer uma história dos espaços – que seria ao mesmo tempo uma história dos poderes – que estudasse desde as estratégias da geopolítica até as nossas pequenas táticas do habitat, da arquitetura institucional, da sala de aula ou da organização hospitalar, passando pelas implantações econômico-políticas. [...] A fixação espacial é uma forma econômico-política que deve ser detalhadamente estudada.

A prática do futebol é uma manifestação que faz parte do cotidiano das comunidades pesquisadas, onde o conhecimento de seus sistemas simbólicos

são evidenciados, os saberes construídos no contexto social são representados por seus atores, são atividades da vida cotidiana que tem o espaço futebolístico como palco destas representações, mas é necessário considerar que são aspectos culturais que influenciam e ganham novas configurações sociais e possibilidades interpretativas. Como sugere Geertz (1989, p. 19):

[...] a diferença, relativa em qualquer caso, que surge nas ciências experimentais ou observacionais entre ‘descrição’ e ‘explicação’ aqui aparece como sendo, de forma ainda mais relativa, entre ‘inscrição’ (‘descrição densa’) e ‘especificação’ (‘diagnose’) - entre anotar o significado que as ações sociais particulares têm para os atores cujas ações elas são e afirmar, tão explicitamente quanto nos for possível, o que o conhecimento assim atingido demonstra sobre a sociedade na qual é encontrado e, além disso, sobre a vida social como tal.

Diante das possibilidades de diálogos com as ciências que transitam nos universos amazônicos, se faz necessário tangenciarmos aos conhecimentos empíricos dos moradores, estes revelam uma inesgotável fonte de conhecimentos, seja das observações dos fenômenos naturais: lua, sol, vento e rios, por onde estes transitam no seu dia a dia e assim conseguem tirar o sustento da família do próprio ambiente vivido.

Os conhecimentos adquiridos e transmitidos através de gerações, por cidadãos do universo amazônico, são canalizados para sua subsistência, mas também por particulares que de forma predatória, desenvolvem atividades econômicas. Torna-se um conhecimento utilizado de forma danosa ao se expandir à manutenção da economia das cidades. Sobre este aspecto Silva (2010, p. 20-21) afirma:

Os paradigmas da ciência como agente de promoção social entre os diferentes povos, da economia como mecanismo de desenvolvimento físico e humano integrado e aliado às aspirações mundiais de prosperidade e alteridade e da política enquanto processo da construção de um mundo mais livre, solidário, fraterno e humano, estão definitivamente postos em xeque. O mundo nunca esteve tão entrelaçado na sua dinâmica socioeconômica e compartimentado em seu humanismo civilizatório [...].

Torna-se evidente a necessidade de se discutir as políticas de desenvolvimento no contexto amazônico e primar por novas concepções humanísticas, pois o cenário agravante que se apresenta neste contexto é de desigualdade social.

Constituem-se nestes espaços, um cenário instigante para ação acadêmica atrelado ao conhecimento das populações locais, tendo em vista a biotecnologia existente em outras realidades, mas inexistente neste imenso universo biológico, onde se pode introduzir novos elementos na construção do conhecimento científico.

A troca de saberes dos grupos sociais nos espaços de futebol vão além da prática do jogo de bola, a aprendizagem no sentido investigativo é um fator de reflexão, haja vista que em torno desta prática, as pessoas se mobilizam e assim as conversas, opiniões, atitudes, contradições e muitos outros aspectos socioculturais são manifestados.

Descrever a trama de acontecimentos dos atores sociais, é sobretudo vivenciar o cotidiano dos moradores das comunidades, uma vez que a boa recepção dos moradores e a sutileza de seus convites, se torna impossível não compartilhar de seus afazeres, assim as possibilidades de análise tem mais propriedade.

Os mais idosos exercem o papel de sociabilidade dos que chegam à comunidade, conservam valores do passado e dão novos sentidos, na medida em que se sentem valorizados quando o recém-chegado à comunidade compartilha de seus valores e entre eles, o jogo de bola. Assim, o lugar de várzea se constitui como espaço de construção no sentido de memória social individual e coletiva.

No vaivém das comunidades, se constroem histórias nos espaços de futebol, são resultantes de encontros culturais, ou seja, as manifestações são sempre plurais, havendo sempre possibilidades de adentrar no mundo do outro, onde se imprimem novas formas de produção de saberes, estes são revelados por meio do imaginário sociocultural e conseqüentemente permite a manutenção do grupo.

No interior destas relações há também os conflitos internos como em qualquer grupo, por exemplo, quando decidem organizar um torneio masculino ou feminino, de penalidades ou jogo corrido, mas há situações estruturais que se mantêm na trama de atividades culturais. Como afirma Bourdieu (1983, p. 82), ao acentuar que "[...] às diferentes posições que os grupos ocupam no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de diferenciação que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência".

É uma manifestação no universo esportivo onde se revelam: emoções, expressões corporais, comunicação verbal e não verbal, alteridade,

competição, ou seja, um sistema de saberes socioculturais que os caracterizam. Bourdieu (1983, p. 138) esclarece sobre estes saberes:

[...] como se constituiu este espaço de jogo, com sua lógica própria, este lugar com práticas sociais inteiramente particulares, que foram definidas no curso de uma história própria e que só podem ser compreendidas a partir desta história.

Nestes espaços se processam e transmitem valores, daí porque não pode ser reduzido a um único elemento, mas há um complexo de relações que se estabelecem nas relações humanas.

Embora o esporte esteja presente em diversos lugares do país, em cada contexto ele ganha novas formas de representações simbólicas que são próprias de cada grupo, neste contexto de mundialização do esporte este carrega uma ideologia que domina e massifica determinados aspectos culturais.

Na totalidade do ambiente amazônico, o grau de complexidade do modo de vida das populações de várzea são bem diversificados, dado por fatores históricos e geográficos de formação destes espaços, mas em cada universo sociocultural é possível identificar características próprias nos espaços de futebol, sejam nas "peladas" de várzea dos finais de semana ou nas partidas entre casados e solteiros.

Constituímos a denominação jogo de "peladas" por serem times formados por amigos e moradores locais, que embora sigam certas regras do futebol profissional, outras são adequadas a sua realidade local, tais como, número de jogadores, espaço do campo, tamanho das traves, a utilização o não de um árbitro, com ou sem uniformes.

O contexto dos times de várzea se dá num ambiente onde a relação homem versus natureza ganham significados simbólicos, uma vez que a paisagem representa no imaginário concretude da cultura material e imaterial. São eventos que ocorrem geralmente nos finais de semana e os atores são personagens que se veem diante de uma plateia, são situações passageiras ao terem à atenção da comunidade, mas que lhe conferem grande importância singular aos seus pares.

A valorização dos espaços visuais, como aspectos simbólicos na construção do imaginário dos atores do futebol de várzea, são fenômenos que

fazem parte de seu discurso no cotidiano vivido, como discorre Ricardo Vasconcelos (2013) em seus relatos:

[...] aqui quando você está muito suado você corre e dá um mergulho aí no rio e volta pronto pro jogo e, quando estamos só apreciando o jogo ficamos sentados no pé de uma árvore lá tem taperebazeiro, marizeiro lá ficam as torcidas (informação verbal).⁶⁰

Os espaços de futebol representam um púlpito das manifestações socioculturais dos moradores onde ocorre a trama dos discursos entre jogadores e espectadores. É, sobretudo, um espaço onde compartilham problemas do cotidiano.

Alcileu Vilaça (2013) relata: "[...] aqui na comunidade é como um jornalismo local tudo se sabe, da enchente como vai ser, da vazante, as fofocas enfim se você quer ficar informado tem que vir à comunidade é onde mais tem novidades." (informação verbal).⁶¹

A comunidade é um lugar de encontro e informação das coisas daí a necessidade de toda família participar e compartilhar esse momento, Janderson Souza Vasconcelos (26 anos, entrevista 2013):

A família é maior riqueza que temos, por isso sempre que possível levamos as nossas crianças para a comunidade, lá elas se reúnem com os colegas e todo mundo brinca [...] todo mundo tem o direito de se divertir, ver as coisas acontecerem é importante porque assim, desde muito cedo elas aprendem logo como é a vida, o simples fato de saírem um pouco de casa já é um grande feito, é bom ver as crianças se sentindo livres brincando (informação verbal).⁶²

Nos relatos do colaborador este coloca em pauta um fator importante, a questão do direito constitucional da criança e adolescente à prática do lazer. A constituição em seu artigo 227:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1988, s.p., grifo nosso).

O futebol é um meio que possibilita aos moradores de várzea o lazer, mas em função deste, o aprendizado relacionado à prática do cotidiano se evidencia, e coloca em jogo a filosofia de vida do trabalhador rural e lhe permitindo agregar aos valores familiares à utilidade do futebol.

Cada morador observa e interpreta as vivências culturais à sua maneira, mas os aspectos naturais são comuns a todos, daí as afinidades e construções sociais coletivas. Alcileu Vilaça (2013) relata: "[...] aqui apesar de cada um possuir seu trabalho sua religião, mas sempre nos reunimos discutimos as coisas e fazemos alguns trabalhos em conjunto, um ajuda o outro e graças a Deus tem dado certo." (informação verbal).⁶³

A família é uma instituição que agrega valores, onde se inserem os direitos e deveres e neste meio de entendimento se completam com os aspectos religiosos, estes são fortes elementos pertinentes nos seios familiares das comunidades.

Os aspectos religiosos são fenômenos que fazem parte da cultura das comunidades e de certa forma parecem suavizar os problemas sociais, como afirma Conceição Vasconcelos (2013): "[...] nossos problemas são muitos, aqui parece que não é Brasil o poder público finge que não existe no mapa este lugar, então nos apegamos às nossas crenças, Deus nos fortalece nos dá força e assim nos mantemos vivos." (informação verbal).⁶⁴

As lideranças religiosas são atribuições dos líderes das comunidades que são denominados de presidentes, entre os comunitários há acordos estabelecidos onde cabe ao líder local o papel de presidente. Estes sujeitos não são remunerados por essa atividade, mas é um mecanismo utilizado nas mais diversas comunidades. Diante destas concepções, assim afirma Bourdieu (1996, p. 194):

As instituições religiosas trabalham permanentemente, tanto prática como simbolicamente, para eufemizar as relações sociais, aí incluídas as relações de exploração, (como na família), transfigurando-as em relações de parentesco espiritual ou de troca religiosa, através da lógica da benemerência: da parte dos assalariados, dos agentes religiosos subalternos encarregados, por exemplo, da limpeza das igrejas ou da manutenção e decoração dos altares, há uma dádiva de trabalho, ‘oferenda livremente dada de dinheiro e de tempo’.

Os líderes ou presidentes locais das comunidades de várzea gerenciam aspectos teológicos no contexto das comunidades, com uma retórica baseada

nas manifestações socioculturais simbólicas peculiar aos seus pares. Nesse processo Geertz (1989, p. 104) parte da seguinte concepção:

Na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem arrumado para acomodar tal tipo de vida.

A religião como aspecto do cotidiano se projeta nos significados e atitudes dos moradores de várzea, situações advindas de fenômenos naturais de enchentes e vazantes, para estes se explica melhor através do aspecto religioso.

Nas palavras de Alcivaldo (2013) este explica:

As coisas estão ficando mais difíceis cada ano que passa as enchentes são maiores, as pastagens já não são as mesmas, quase não temos, mas o barranco naturais que ajudavam alimentar o gado, mas para Deus nada é impossível (informação verbal).⁶⁵

A fé é um fenômeno presente na mentalidade dos moradores, nos quais podemos verificar em seus relatos, eles começam ou terminam uma fala utilizando as concepções dos aspectos religiosos, fica evidente para estes que falar de Deus é uma necessidade individual e do grupo, assim um exercício de cidadania e religiosidade como aspecto simbólico na comunidade.

É uma construção da cosmovisão cultural no entendimento da relação de natureza subjetiva na explicação de situações naturais, mas ressaltam-se também os dados empíricos muito presentes nas falas, é o que expõe Joaquim Alexandrino (2013):

Antigamente tínhamos enchentes e vazantes grandes, mas não havia grande quantidade de gado e, principalmente dos búfalos então a pastagem era boa tinha onde os peixes se protegerem, mas com as derrubadas de árvores das margens dos rios as coisas estão se acabando (informação verbal).⁶⁶

As experiências de Joaquim Alexandrino demonstram as mudanças no decorrer dos anos e relata a questão de criações de animais como o búfalo,

que se proliferou, é um dos responsáveis pelo esgotamento dos barrancos típicos da região, uma vez que este se alimenta nas terras firmes e nos leitos dos rios. Mas também a ação dos homens sobre os campos de várzea no intuito de criação extensiva de rebanhos de gado bovino, considerando que 90% dos entrevistados tem criação de gado.

Na configuração das redes sociais de várzea, há fatores comportamentais de valores constituídos que se limitam ou são pertinentes a esquemas mais fechados como, por exemplo, certas formas de tratar o outro, mas não queremos dizer que estão sempre num estado de consenso. Diante da complexidade do cotidiano, nas áreas de várzea como em outros meios se vivem em constantes conflitos na busca de respostas aos seus anseios coletivos.

Para uma melhor compreensão é necessário esclarecer uma das diferenças entre a prática esportiva profissional e as práticas das áreas de várzea. A primeira categoria envolve a busca incessante do alto rendimento do atleta e negociações de cunho financeiro sobre a ótica do mercado mundial, por outro lado as "peladas de várzea", como atividade de lazer, embora possa surgir algum atleta, mas não é uma característica do alto rendimento. Segundo Huizinga (1971, p. 33):

[...] O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana.

Sobre a ótica sociocultural, as denominadas "peladas", servem substancialmente aos nossos propósitos de pesquisador e portanto, nos leva a refletir sobre as expressões sociais presentes nos contextos amazônicos.

Nesses espaços de dimensões reduzidas e adequadas à prática do futebol pelos próprios moradores que se reúnem para "capinar o campo", fazer as traves e adequar às medidas do espaço local, para os moradores das comunidades, é um momento que vai muito mais da simples tarefa, é um encontro das famílias, de amigos em função de uma atividade que lhes proporciona lazer.

Nas palavras de Janderson Souza (2013), "[...] a turma se encontra e faz o serviço e durante este conversamos bastante [...] que nem percebemos o tempo passar [...]", este relata ainda "[...] não temos esse dia como um trabalho, mas

como um momento de encontro [...]” (informação verbal)⁶⁷, é uma prática que está além do trabalho e delega mais comprometimento social por ser um aspecto simbólico da comunidade.

Nas observações destes encontros nas comunidades, foi possível observar alguns fatores pertinentes nas interações, como por exemplo, as expressões corporais, o aspecto linguístico. São repletos de sentido no contexto que ocorrem e nos fascinam enquanto pesquisador dado a riqueza de detalhes que lhes são peculiares. Nas palavras de Reinaldo Barros (2013):

Nossas ações na comunidade são motivadas pela fé e pela amizade de um grupo que fala a mesma linguagem [...] aqui nada é obrigatório, mas as pessoas fazem questão de participar e dar suas contribuições na comunidade e assim fortalecemos nossos laços (informação verbal).⁶⁸

Nesta perspectiva, nosso objeto de estudo se fortalece a partir do momento em que nos certificamos de nossas hipóteses sobre as "manifestações socioculturais que se revelam nesses espaços". Este fator é crucial para percebermos que há fenômenos observáveis na sociologia do esporte, nos permite uma imersão acadêmica nesses espaços para nos revelar realidades do cotidiano rural.

Nestas relações de sociabilidades fluem aspectos que nos permitem compreender como os moradores resolvem os problemas da comunidade. Sobre este aspecto, Bourdieu (1989, p. 37) enfatiza:

Para se não ser objeto dos problemas que se tomam para objeto, é preciso fazer a história social da emergência desses problemas, da sua constituição progressiva, quer dizer, do trabalho coletivo – frequentemente realizado na concorrência e na luta – o qual foi necessário para dar a conhecer e fazer reconhecer estes problemas como problemas legítimos, confessáveis, publicáveis, públicos, oficiais [...].

O trabalho coletivo permite a socialização dos indivíduos nestes espaços sociais, seja para um trabalho na igreja, no campo de futebol, as famílias participam ativamente. Alcivaldo Pinto (2013) afirma: “[...] nos trabalhos da comunidade as crianças se divertem e os adultos trabalham [...]” (informação verbal).⁶⁹ São espaços que permitem comunicar ao outro os acontecimentos do dia os quais são compartilhadas de forma descontraída.

Nesta perspectiva de comunicação, os fenômenos do cotidiano ganham interpretações de cunho individual e coletivo, na medida em que os acontecimentos são contados à luz das interpretações sem um compromisso formal. A sociabilidade é um aspecto presente como enfatiza o sociólogo alemão "é um fenômeno social" que permite a compreensão social das interações, afirma ainda Simmel (1983, p. 168-169):

[...] 'sociedade' propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberados de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmo e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços [...] também se caracterizam, precisamente, por um sentimento, entre seus membros, de estarem sociados, e pela satisfação derivada disso. Os sociados sentem que a formação de uma sociedade impelidos para essa forma de existência. [...] Pois a forma é a mútua determinação e interação dos elementos da sociação. É através da forma que constituem uma unidade.

O veículo de comunicação entre seus membros estão atrelados a uma diversidade de assuntos do contexto local, mas que lhes convém comunicação, como uma espécie de conduta ética entre seus membros, que possibilita a dinâmica social e assim novas informações que surgem nos grupos durante todo um processo histórico. Para Simmel (1983, p. 173):

[...] A sociabilidade é o jogo no qual se 'faz de conta' que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se faz de conta que cada um é reverenciado em particular; e 'fazer de conta' não é mentira mais do que o jogo ou a arte são mentiras devido ao seu desvio da realidade.

Nos trabalhos comunitários ou nas partidas de futebol surgem os diálogos da vida social cotidiana, onde o lúdico é um aspecto presente. O próprio filósofo Johan Huizinga (1971, p. 33) em seu livro "Homo Ludens", argumentou: "[...] o elemento lúdico está na base do surgimento da civilização [...]", ou seja, é um fenômeno que sempre está presente nas sociedades e proporciona um desenvolvimento ou dinamismo das práticas socioculturais.

No palco das atividades do esporte na comunidade a sociabilidade se dá com os membros do próprio grupo ou com os do time adversário, mas os valores morais, o espírito de equipe, o respeito ao outro é bastante frequente, por exemplo, observamos que durante várias partidas o arbitro escolhido pelas equipes poderia ser um membro da comunidade de qualquer um dos times. Joaquim Alexandrino⁷⁰ (2013) comentou:

Apitamos pelo certo porque quando vamos na comunidade deles, possivelmente farão a mesma coisa, é uma questão de respeito ao outro" e eu particularmente me sinto bem quando faço a coisa certa , por aqui sempre foi nossos costume e assim graças a Deus sempre deu certo (informação verbal).⁷¹

Compreende-se que nessas redes de sociabilidades há o bom senso atrelado aos valores morais dessa mesma sociedade, diante destas concepções Huizinga (1971, p. 33) afirma:

[...] o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana [...].

A análise deste universo sociocultural, permiti-nos destacar o fator sociabilidade e o lúdico como aspectos que agregam valores a partir das experiências adquiridas pelos indivíduos, mas como nas comunidades nem sempre as relações são harmônicas, há ocasionalmente conflitos sociais entre seus pares, faz parte na construção de saberes do ethos cotidiano para um meio de desenvolvimento da comunidade.

Para Geertz (1989): "[...] ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete".

As ações sociais sejam individuais ou coletivas sempre resultam em um efeito que beneficia à todos e promove uma convivência satisfatória, ou seja, agregam valores à realidade social, somam-se às experiências cotidianas e ao desenvolvimento sociocultural. Como denomina Geertz (1989): "[...] nós somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos

através da cultura – não através da cultura em geral, mas através de formas altamente particulares da cultura".

Um exemplo característico destas populações de várzea são os aprendizados, com os ciclos sazonais, onde desenvolvem certas habilidades na capacidade de observação de seus espaços e conseguem explorar os potenciais recursos da região. Nesse sentido, Matos (2008, p. 49) acrescenta:

Quem se desloca para qualquer ambiente, leva consigo hábitos e conhecimentos peculiares de sua cultura local, que empregados com artefatos, instrumentos, tecnologias e a introdução de novas espécies vegetais e animais, em ambiente estranho ao de origem pode proporcionar o impacto ambiental em prol do bem-estar social individual ou de grupo.

Diante desta conjuntura sociocultural, as habilidades em captar recursos para o sustento familiar é fruto do conhecimento adquirido ao longo das experiências do grupo, mas esses conhecimentos muitas vezes são ofuscados pelo poder público, só percebem os danos naturais e tomam medidas paliativas para sanar tais problemáticas em detrimento de todo conhecimento adquirido pela população local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário das comunidades amazônicas comporta significativos fenômenos simbólicos construídos no interior das relações sociais. São vozes de sujeitos sociais silenciadas, obliteradas e estereotipadas, cujas interpretações preconceituosas aparecem erroneamente no âmbito do conhecimento científico.

A Amazônia precisa ser pensada em seus aspectos universais de constituição epistemológica no âmbito da formação social desta região, para além do senso comum erudito que vê a floresta e os recursos naturais como os únicos elementos de significação mundial. O homem (e a mulher) amazônico é detentor de um conhecimento tradicional que ainda não possui estatuto para a ciência. Suas relações com o espaço e tempo, são provenientes das experiências milenares que matizam a vida dos povos tradicionais na Amazônia profunda.

O futebol aparece neste processo como uma expressão do humano que, nos jogos de lazer, mobiliza as pessoas de forma universal sem acepção de credo religioso. Esta pesquisa constata que o futebol praticado pelos moradores das comunidades Harmonia e Nossa Senhora de Nazaré, envolve católicos e evangélicos, que se unem nas atividades desportivas em torno da sociabilidade comunitária. Trata-se de uma prática social que revela formas de pensar e interpretar o universo amazônico em seus aspectos físicos, artísticos, laborais, sociais, culturais, intelectuais e religiosos.

As mulheres participam como espectadoras torcendo por seus filhos e maridos, deixando extravasar suas emoções no momento desta torcida no desenvolvimento do papel de coadjuvantes.

Esta pesquisa constata que o futebol de várzea comporta elementos simbólicos, com apropriação de pensamento próprio dentro de um genuíno espírito varzeano. Trata-se de um aprendizado tradicional que independe do ensino formal. Seus conhecimentos se desenvolvem na relação afetiva entre homem/sociedade/natureza numa relação de pertencimento

A ineficiência de políticas públicas dificulta o usufruto de qualidade de vida aos povos tradicionais da Amazônia. Esta pesquisa revela que inexistem assistência técnica às atividades produtivas das comunidades pesquisadas. Há uma insustentabilidade no que diz respeito ao desenvolvimento socioeconômico. Os poderes públicos justificam o não comprometimento com as comunidades tradicionais baseados no preconceito da indolência e da preguiça do povo Amazônico, que vê esta região como um "vazio demográfico".

As políticas públicas poderiam alavancar o desenvolvimento local das comunidades amazônicas, os povos tradicionais que, historicamente foram tratados pelo governo central do Brasil como não afeitos ao progresso, reclamam a sua cidadania junto aos poderes públicos.

A pesquisa revela, por fim, que o futebol é uma prática social transvestida por relações de gênero na medida em que rearticula as relações sociais dentro da comunidade, num processo de sociabilidade e união envolvendo homens e mulheres.

Geralmente, o futebol separa as pessoas de diferentes matizes e faixas etárias, escolhendo atletas que possuem mais habilidades com a bola, os quais se tornam ídolos de torcida. Esses atletas dispõem de ajuda da mídia como instrumento de comunicação de massa, a qual vende suas imagens como produtos comerciais.

Por fim, deve-se reconhecer que o futebol possui o prisma sociocultural em cujos espaços se expressam homens e mulheres numa relação de pertença. O futebol de várzea comporta elementos interpretativos de uma cultura popular, envolvendo sujeitos diferentes e com diferentes formas de pensar.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOAS, Frans. *A mente do ser humano primitivo*. Petrópolis: Vozes, 2010.

BOSI, A. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. *Coisas ditas*. Tradução Cássia R. da Silveira, Denise M. Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. *O poder simbólico*. Lisboa: Difusão Editorial, 1989.

_____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução CNE/CEB 1*, de 3 de abril de 2002. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília, 2002.

CANCLINI, Néstor García. *Diferentes, desiguais e desconectados*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papyrus, 1995. (Coleção Travessia do Século).

_____. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2001.

DAMATTA, Roberto. A conquista do mundo: histórias de uma paixão nacional. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, n. 7, jan. 2006.

_____. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP - Dossiê Futebol*, n. 22, 1994.

_____. Brasil: futebol tetracampeão do mundo. *Pesquisa de Campo: Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol/UERJ*, Rio de Janeiro, n. 1, 1995.

_____. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, (1981).

_____. *O que é o Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____. (Org.). *O universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editor Jorge Zahar, 2000.

DUMAZEDIER, J. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva: 2001.

ELIADE, Mircea. *Tratado de História das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIAS, N. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1980.

_____. *O processo civilizador: formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 2 v.

_____. *O processo civilizador*. Tradução, Ruy Jungmann. Revisão e apresentação, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 2 v.

_____; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Trad. de M. M. A. Silva. Lisboa: Difel, [1985] 1992.

MARIO FILHO. *O negro no futebol brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Baeta Neves. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. *Microfísica do poder*. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____. *O olho do poder*. In: _____. *Microfísica do poder*. Tradução e organização Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

_____. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

FRAXE, Therezinha J.P. *Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade*. São Paulo: Annablume, 2004.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

FREITAS, Marcilio de; SILVA, Marilene Corrêa da; PINTO, Marcus Barros. *Diálogos com a Amazônia*. Manaus: Valer, 2010.

FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GENOVESE, Eugene. *Roll, Jordan, roll: the world the slaves made*. New York: Vintage, 1976.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, 1997.

HOBBSBAWN, Eric; TERENCE, Ranger. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Editora da Universidade de S. Paulo; Editora Perspectiva, 1971.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1990.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Tradução de Chaim Samuel Katz e Egnaldo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

LINDOSO, José. Discurso pronunciado no Senado Federal. *Diário do congresso nacional*, Brasília, n. 3, p. 149, 29 set. 1972.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: CEJUP, 1995.

_____. *Obras reunidas*. São Paulo: Escrituras, 2000. v. 4.

MEIHY, José; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MELO, Valdir C. *Entrevista concedida ao livro Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro*. Manaus: Centro Universitário do Norte – Uninorte/Laureate, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARCONI, M; LAKATOS, Eva M. *Fundamentos da metodologia científica*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MATOS, G. C. G. de. *Atividades corporais: uma estratégia de adaptação biocultural numa comunidade rural do Amazonas*. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

_____. *Práticas socioculturais, figuração, poder e diferenciação em Bico, Cuiamucu e Canela-Fina, comunidades amazônicas*. 2008. Tese (Doutorado em Educação Física)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.

PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2008.

PINTO, Renan Freitas. A Amazônia e suas perspectivas para o século XXI. *Jornal Amazonas em Tempo*, Manaus, 19 set. 2010. Caderno Domingo, p. 1;4-5.

_____. *Viagem das ideias*. Manaus, AM: Valer; Prefeitura de Manaus, 2006.

PRIORE, Mary Del; GOMES, Flávio dos Santos. *Os senhores dos rios*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

RODRIGUES, Nelson. *Á sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

_____. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula (Org.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SARMENTO, M. J. *Lição de síntese: conhecer a infância – os desenhos das crianças como produções simbólicas*. [S.l.: s.n.], 2006. Documento provisório.

SCAGLIA, Alcides José. *O futebol que se aprende e se ensina*. 1999. Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Avila. Recife: SOS Corpo, 1991.

SILVA, Marilene; FREITAS, Marcílio; BARROS, Marcus. *Diálogos com a Amazônia: ensaio sociológico*. Manaus: Valer, 2010.

SIMMEL, G. Sociabilidade: um estudo de sociologia pura ou formal. In: SOCIOLOGIA. São Paulo: Ática, 1983.

SOARES, Artemis et al (Org.) *Diagnóstico do esporte e lazer na região Norte brasileira: o existente e o necessário*. Manaus, AM: EDUA, 2011.

TOCANTINS, Leandro. *O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia*. Rio de Janeiro: Record, 1988.

TOLEDO, Luiz Henrique De. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados, 1996.

_____. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

TORRES, Iraíldes Caldas. *Arquitetura do poder: memória de Gilberto Mestrinho*. Manaus, AM: EDUA, 2009.

_____. *As novas amazônidas*. Manaus, AM: EDUA, 2005.

_____. *As primeiras-damas e a Assistência Social: relações de gênero e poder*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Congresso luso afro brasileiro de Ciências Sociais: diversidades e (des) igualdades*, 11. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2011.

_____(Org.). *O ethos das mulheres da floresta*. Manaus: Valer, 2012.

)

❖ *Parintins* é um município brasileiro localizado no interior do Estado do Amazonas, próximo à divisa com o Estado do Pará, Região Norte do país. Com uma população estimada pelo IBGE em 2016 de 112.716 habitantes, configura-se como o segundo município mais populoso do Estado. Em nível nacional, entre os municípios com população superior aos 100 000 habitantes. Sua área é de 5.952,369 km², representando 0,3789% do Estado do Amazonas, 0,1545% da região Norte brasileira e 0,0701% do território brasileiro. Desse total 12 4235 km² estão em perímetro urbano. ↵

)

◆ *Barreirinha* é um município brasileiro no interior do Estado do Amazonas, pertencente à Mesorregião do Centro Amazonense e Microrregião de Parintins, localiza-se a leste de Manaus, capital do Estado, distando destes cerca de 331 quilômetros e ocupa uma área de 5 750,534 km² sendo sua população, estimada pelo IBGE em 2016, em torno 31.105 habitantes. ↵

)

❖ *Configuração ou figuração* - Elias entende figuração como um conceito de relação, ou seja, uma cadeia de interdependências e que podem ser compreendidas mediante uma análise dos elos de interdependência, o pensador utiliza o futebol como exemplo para explicar este conceito: Elias (1980, p. 142-143), "Só podemos compreender o fluxo constante do agrupamento dos jogadores de um dos lados, se virmos que o grupo de jogadores do outro lado também está num fluxo constante. Se pretende que os espectadores compreendam e gostem do jogo, terão que estar aptos a compreender o modo como estão relacionadas as disposições mutáveis de cada lado – para seguir a configuração fluídas de cada uma das equipes. [...] No seio das configurações mutáveis – que constituem o próprio centro do processo de configuração – há um equilíbrio flutuante e elástico e um equilíbrio de poder, que se move para diante e para trás, inclinando-se primeiro para um lado e depois para outro. Este tipo de equilíbrio flutuante é uma característica estrutural do fluxo de cada configuração".

↵

)

❖ *Civilização* - Segundo as concepções de Elias (1994, p. 24), “[...] o conceito de civilização refere-se a uma grande variedade de fatos [...] este conceito expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo [...] ele resume tudo em que a sociedade ocidental nos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas”. Mas o termo civilização não tem o mesmo significado em todo ocidente. Enquanto que, para alemães e ingleses esta palavra resume o orgulho que os mesmos sentem de seus países no desenvolvimento.

↵

)

❖ *Mario Filho* (1908-1966) foi um dos mais importantes cronistas esportivos brasileiros do Século XX. Além de jornalista foi também proprietário do *Jornal dos Sports*, publicação que, enquanto comandada por ele, fomentou diversas competições esportivas e reuniu intelectuais importantes que escreviam no periódico. Ele foi um dos principais incentivadores da construção do Estádio do Maracanã que acabou por receber o seu nome. Na literatura teve contribuições importantes, sendo a mais destacada, "*O negro no futebol brasileiro*". Mario Filho era irmão do dramaturgo Nelson Rodrigues. ↵

)

◆ *Charles Miller*: filho de pai escocês e mãe brasileira de ascendência inglesa, nascido no Brás- SP, é considerado por muitos memorialistas, jornalistas e historiadores, o introdutor do futebol na cidade em seu retorno ao Brasil após o término dos estudos realizados na Inglaterra, este volta de um período de estudos na Inglaterra trouxe em sua bagagem o material necessário para a prática do futebol: bola, uniforme e um manual de regras na estrutura do futebol nos moldes Ingleses. Passou a frequentar o São Paulo Athletic Club, um clube inglês dedicado ao cricket frequentado basicamente pelos funcionários da Companhia de Gás, do Banco de Londres e da São Paulo Railway, em 1895. ↵

)

Site da Confederação Brasileira de Futebol. ↵

)

 Site do IBOPE. [↵](#)

)

◆ Entrevista concedida por Conceição Vasconcelos, 69 anos, em 2013. ↵

0)

◆ Entrevista concedida por Conceição Vasconcelos, 69 anos, em 2013. ↵

1)

◆ Entrevista concedida por Conceição Vasconcelos, 69 anos, em 2013. ↵

2)

◆ Entrevista concedida por Jacira Vasconcelos, 67 anos, em 2013. ↵

3)

◆ Entrevista concedida por Jacira Vasconcelos, 67 anos, em 2013. ↵

4)

◆ Entrevista concedida por Almino Reis, 50 anos, em 2013. ↵

5)

◆ Entrevista concedida por Conceição Vasconcelos, 69 anos,
2013. ↵

6)

◆ Entrevista concedida por Tertulina Souza, 84 anos, em 2013. ↵

7)

◆ Entrevista concedida por Pedro Vasconcelos, 85 anos, em 2013. ↵

8)

◆ Entrevista concedida por Pedro Vasconcelos, 85 anos, em 2013. ↵

9)

◆ Entrevista concedida por Pedro Vasconcelos, 85 anos, em 2013. ↵

0)

◆ Entrevista concedida por Raimundo Vasconcelos, 71 anos, em 2013. ↵

1)

◆ Entrevista concedida por Almino Reis, 50 anos, em 2013. ↵

2)

◆ Entrevista concedida por Almino Reis, 50 anos, em 2013. ↵

3)

◆ Entrevista concedida por Antônio Barros, 80 anos, em 2013.

↵

4)

◆ Entrevista concedida por Antônio Barros, em 2013. ↵

5)

◆ Entrevista concedida por Pedro Vasconcelos, em 2013. ↵

6)

◆ Entrevista concedida por Raimundo Vasconcelos, 71 anos,
em 2013. ↵

7)  Entrevista concedida por Almino Reis, em 2013. [↵](#)

8)

❖ A jogada denominada "bicicleta" e a "plástica jogada" se deve ao jogador brasileiro Leônidas da Silva, ex-jogador do Flamengo, São Paulo e Seleção Brasileira na década de 1940 quando o futebol ganha popularidade e este e muitos outros se transformam em garotos propaganda. ↵

9)

❖ Leônidas da Silva ficou immortalizado nos gramados do "Pacaembu", com a criação de uma plástica jogada, eternizada como "bicicleta", sendo um dos primeiros jogadores a ganhar dinheiro com a própria imagem, seu apelido "Diamante Negro", virou nome de chocolate (REVISTA VEJA, 8 mar. 2006). ↵

0)

◆ Edson Arantes do Nascimento, mais conhecido como Pelé (TRÊS CORAÇÕES, 23 out. 1940), é um ex-futebolista brasileiro, é considerado um dos maiores futebolistas na história do futebol mundial. Ver www.e-biografias.net/pele/ ↵

1)

◆ Entrevista concedida por Ricardo Vasconcelos, 48 anos, em 2013. ↵

2)

❖ A lei ficou conhecida como uma homenagem a “Pelé”, Edson Arantes do Nascimento, Ministro de Estado Extraordinário de Esportes do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, entre 1/1/1995 e 30/4/1998, responsável pela elaboração do projeto de lei. ↵

3)

◆ Entrevista concedida por Carlos Meireles, em 2013. ↵

4)

◆ Entrevista concedida por Alcivaldo Pinto, 34 anos, em 2013. ↵

5)

◆ Entrevista concedida por Almino Reis, em 2013. ↵

6)

◆ Entrevista concedida por Carlos Roberto Pinto, 57 anos, em 2013. ↵

7)

◆ Entrevista concedida por Mario Carvalho, 37 anos, em 2013. ↵

8)

◆ Entrevista concedida por José Enéias Gloria, 60 anos, em 2013. ↵

9)

◆ Entrevista concedida por José Enéias Gloria, 60 anos, em 2013. ↵

0)

◆ Entrevista concedida por Aneliza Glória, 55 anos, em 2013. ↵

1)  Ibid. ↵

2)

◆ Entrevista concedida por Antônio Barros, 80 anos, em 2013.

↵

3)

◆ Entrevista concedida por Pedro Vasconcelos, em 2013. ↵

4)

◆ Paternalismo: Genovese (1976, s.p.) argumenta que o "[...] paternalismo, em qualquer cenário histórico, define relações de superordenação e subordinação. Sua força como um prevalecimento do *ethos* aumenta quando os membros da comunidade aceitam – ou se sentem compelidos a aceitar – essas relações como legítimas". Com Gilberto Freyre, em "Casa-Grande & Senzala", iniciam-se os estudos sobre o paternalismo brasileiro. Freyre (1945, p. 79) observou que as sociedades agrícolas de Pernambuco e do Recôncavo baiano eram, antes de tudo, paternalistas: "A sociedade colonial no Brasil, principalmente em Pernambuco e no Recôncavo baiano, desenvolveu-se patriarcal e aristocraticamente à sombra das grandes plantações de açúcar, não em grupos a esmo e instáveis". ↵

5)

◆ Entrevista concedida por Rinara Nívea, 40 anos, em 2013.

↵

6)

◆ Entrevista concedida por Rívara Nívea, em 2013. ↵

7)  Entrevista concedida por Rívara Nívea, em 2013. ↵

8)

◆ Entrevista concedida por Tertulina Souza, 84 anos, em 2013. ↵

9)

◆ Entrevista concedida por Jacira Vasconcelos, 67 anos, em 2013. ↵

0)

◆ Entrevista concedida por Jacira Vasconcelos, 67 anos, em 2013. ↵

1)

❖ Efeito moral e purificador da tragédia clássica, conceituado por Aristóteles, cujas situações dramáticas, de extrema intensidade e violência, trazem à tona os sentimentos de terror e piedade dos espectadores, proporcionando-lhes o alívio, ou purgação, desses sentimentos. ↵

2)

◆ Entrevista concedida por Vivaldo Reis, 64 anos, em 2013.

↵

3)

◆ Entrevista concedida por Aldenir Reis Vilaça, 35 anos, em 2013. ↵

4)

◆ Entrevista concedida por Joaquim Alexandrino, 85 anos, em 2013. ↵

5)

◆ Entrevista concedida por Reinaldo Vasconcelos, 42 anos, em 2013. ↵

6)

◆ Entrevista concedida por Ricardo Vasconcelos, 48 anos, em 2103. ↵

7)  Entrevista concedida por Antônio Barros, em 2013. ↵

8)

◊ Ibid. ↵

9)

◆ Entrevista concedida por Antônio Barros, 80 anos, em 2013.

↵

0)

◆ Entrevista concedida por Ricardo Vasconcelos, em 2013. ↵

1)

◆ Entrevista concedida por Alcileu Vilaça, 48 anos, em 2013.

↵

2)

◆ Entrevista concedida por Janderson Souza Vasconcelos, 26 anos, em 2013. ↵

3)

◆ Entrevista concedida por Alcileu Vilaça, 48 anos, em 2013.

↵

4)

◆ Entrevista concedida por Conceição Vasconcelos, 69 anos, em 2013. ↵

5)

◆ Entrevista concedida por Alcivaldo, em 2013. ↵

6)

◆ Entrevista concedida por Joaquim Alexandrino, 85 anos, em 2013. ↵

7)

◆ Entrevista concedida por Janderson Souza, em 2013. ↵

8)

◆ Entrevista concedida por Reinaldo Barros, em 2013. ↵

9)

◆ Entrevista concedida por Alcivaldo Pinto, 34 anos, em 2013. ↵

0)

❖ Joaquim Alexandrino de Souza é considerado hoje uma das pessoas mais participativas e influentes no contexto histórico da comunidade "Nossa Senhora de Nazaré", no Repartimento do Limão. Joaquim esteve presente ano de 1968 na fundação da comunidade, na reunião foi eleito o primeiro presidente da comunidade e, este na ocasião doou um terreno de 50 metros de frente por 80 de fundo. Foi sempre atuante tanto na direção da comunidade como presidente do time da região, o Flamengo. Este é uma das grandes referências da comunidade juntamente com a sua esposa Maria da conceição dos Santos Souza. ↵

1)

◆ Entrevista concedida por Joaquim Alexandrino, em 2013. ↵

Sumario

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I: O FUTEBOL COMO ESPAÇO DE MANIFESTAÇÕES SOCIOCULTURAIS

1.1 O futebol no contexto brasileiro

1.2 O futebol no contexto das comunidades estudadas

1.3 As peculiaridades evidenciadas nos torneios de futebol

CAPÍTULO – II: O FUTEBOL: OUTROS OLHARES

2.1 O jogo do futebol - A trajetória de uma modalidade

2.2 O futebol como forma popular de lazer

2.3 O futebol como meio de expressão do cotidiano

CAPÍTULO III: CAMINHOS TRILHADOS PELO FUTEBOL

3.1 O futebol no gênero feminino

3.2 O futebol infantil, sub 17 e sub 20

3.3 As manifestações socioculturais evidenciadas nos espaços de futebol

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS